

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

RAFAEL SERRA DE RESENDE

Trajetórias intelectuais e construção de identidades em “O Pantheon Maranhense”.
(1873 – 1875).

Rio de Janeiro
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RAFAEL SERRA DE RESENDE

Trajetórias intelectuais e construção de identidades em “O Pantheon Maranhense”.
(1873 – 1875).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Jacqueline Hermann.

Rio de Janeiro
2010

RAFAEL SERRA DE RESENDE

Trajetórias intelectuais e construção de identidades em “O Pantheon Maranhense” (1873 – 1875).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Jacqueline Hermann – UFRJ.
(Orientadora)

1º examinador(a)

2º examinador(a)

Rio de Janeiro
2010

S237 RESENDE, Rafael Serra de.

Trajetórias intelectuais e construção de identidades em “O Pantheon Maranhense” (1873 – 1875). / Rafael Serra de Resende. Rio de Janeiro, 2010.
xi, 146 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História Social) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2010.

Orientador: Jacqueline Hermann.

1. Biografia Histórica. 2. Identidades. 3. História do Maranhão.
I. Hermann, Jacqueline (Orient). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.
III. Título.

CDD: 658.4

Para o Senhor, autor e consumidor da minha fé.

Agradecimentos

O princípio da gratidão é a outra face do princípio de dar honra a quem tem honra. Mesmo que por vezes incorramos em injustiças fruto do esquecimento ou supressão de algum nome, preciso correr o risco em vez de não manifestar minha gratidão a tantas pessoas que tornaram esse trabalho possível.

Ao meu Deus, o meu Senhor, o meu Pai de amor, o meu redentor, meu ajudador, meu conselheiro, a minha rocha forte e o meu escudo inabalável. Agradeço ao Senhor por ter me conduzido por mais essa jornada, por ter caminhado comigo até aqui, por ter sido o meu refúgio quando muitas vezes pensei que não chegaria até o fim dessa caminhada, por ter me carregado em seus braços quando as tormentas a minha volta me abatiam. Ao Senhor a minha eterna gratidão.

Aos meus pais. Pela formação do caráter e por acreditarem que eu poderia chegar ao fim dessa jornada. Quando muitas vezes as incertezas sobre as direções que deveria tomar me obscureceram a visão eles foram o meu farol.

Aos meus irmãos. Pelo companheirismo, pela partilha e compreensão dos momentos de tensão e pelas muitas palavras de apoio.

Às minhas amigas do mestrado: Suellen Maiara, que se tornou uma amiga verdadeira, uma companheira fiel e por vezes minha confidente, parceira das alegrias e tristezas, com quem muitas vezes esclareci minhas dúvidas sobre este trabalho. A ela o agradecimento de quem a estima muito. À minha amiga Clara, com quem pude contar no momento mais difícil do mestrado. Ofereço-lhe meus agradecimentos pela compreensão, cuidado, zelo e pelo companheirismo das muitas manhãs que passei escrevendo no IFCS e ela sempre esteve lá. E em especial aos colegas da turma do mestrado pelas muitas horas de audição e atenção, contribuindo com o progresso desse trabalho.

Às minhas amigas do Maranhão aqui no Rio de Janeiro: Roberta, uma amiga sincera, com quem pude sempre contar e mesmo nos momentos difíceis, em que a distância nos separava sempre esteve ao meu lado; Neila, que aprendi a admirar por sua determinação e que por fim me fazia não esquecer o calor humano e carinho tão peculiares dos maranhenses.

Aos meus professores da graduação na Universidade Estadual do Maranhão. Henrique Borrvalho, que tenho como um espelho de profissional; Alan Kardec, quem muito valorizo por sua história de vida; Adriana, que desde cedo me preparou para as muitas dificuldades que encontraria no mestrado e prontamente me auxiliou na correção minhas deficiências; Helidacy Muniz, a quem devo grande parte do que aprendi a cerca da historiografia maranhense; enfim a todos estes docentes que tenho a honra de chamar de amigos.

Aos professores do Programa de Pós – Graduação em História Social (PPGHIS) pela confiança neste trabalho que há dois anos era apenas um projeto. Ao Prof.º Dr. João Fragoso, pelas valiosas lições sobre a metodologia do trabalho histórico; à Prof.ª Maria Aparecida Rezende Mota pelas indispensáveis contribuições ao bom desenvolvimento desse projeto; às Prof.ªs Jaqueline Hermann e Francisca Azevedo pelas importantíssimas lições sobre o funcionamento dos impérios transatlânticos.

In memoriam ao Prof.º Manoel Luiz Salgado Guimarães, pelo seu imprescindível auxílio durante toda a confecção e execução desse projeto. Pela compreensão e confiança em minhas capacidades quando muitas vezes me encontrei sem direção e apreensivo, suas palavras foram sempre um conforto. Mesmo quando minhas questões pessoais afetaram o bom desenvolvimento desse trabalho e que deveria ser repreendido e punido obtive de sua parte compreensão e ajuda sem as quais não teria conseguido chegar até aqui.

Resumo

RESENDE, Rafael Serra de. **Trajetórias intelectuais e construção de identidades em “O Pantheon Maranhense” (1873 – 1875)**. Rio de Janeiro, 2010, 145.p, Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Este é um estudo sobre as estratégias de construção da identidade intelectual maranhense nos idos do século XIX. Esta é uma análise sobre como durante os anos finais do século XIX um conjunto de imagens criadas sobre a elite política e intelectual maranhense ganhou forma e consistência no ambiente intelectual maranhense e consolidou-se como elemento de distinção para os letrados da província do Maranhão. Esse trabalho mostra como a escrita do *Pantheon Maranhense*, por Antonio Henriques Leal, sendo essa obra um conjunto de ensaios biográficos sobre os homens ilustres do Maranhão, foi primordial para a consolidação de certas imagens que visavam diferenciar a cultura intelectual maranhense do conjunto da formação identitária nacional. Ainda destaco como o discurso forjado pelo Pantheon maranhense se constituiu no cenário intelectual do Maranhão enquanto um discurso de autoridade sobre a excelência dos talentos literários locais. Mostro o *Pantheon Maranhense* na sua condição de constructo de seu autor para erguer a respeito da província maranhense a idéia de que o esmero literário de seus letrados e as excepcionalidades da terra tornaria a província singular no cenário cultural do império brasileiro. Mostro a construção desse discurso, por fim, como uma estratégia de auto-afirmação e consolidação de uma imagem que deveria ser evocada pelas gerações vindouras como parte de sua identidade.

Palavras – chave: Pantheon Maranhense; trajetórias intelectuais; construção de identidades; Maranhão.

Abstract

RESENDE, Rafael Serra de. **Trajetórias intelectuais e construção de identidades em “O Pantheon Maranhense” (1873 – 1875)**. Rio de Janeiro, 2010, 145.p, Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

This is a study about the strategies construction of intellectual identity in Maranhão at nineteenth century. This is an analysis about how during last years of nineteenth century a group of pictures was created about political and intellectual elite in Maranhão and how this creation was formed in intellectual ambient and how was consolidated as tool to distinction intellectual in Maranhão province. This dissertation explain how a book named *Pantheon Maranhense* writer by Antonio Henriques Leal, was essential to consolidate some pictures to distinguish maranhenses intellectuals of others in Brazil. Until give you an idea about how the discourse created by *Pantheon Maranhense* was formed like an authority discourse about literary talents in Maranhão. This study show how this discourse was building as instrument of affirmation of our personality and literary talent and as a construction than should be evocated by next literature generation in that province.

Key – words: Pantheon Maranhense; Intellectual trajectory; Identity Construction; Maranhão.

Sumário

Introdução.	p. 10
1. “Minha terra tem primores, que não encontro eu cá” – o ‘Grupo maranhense’ como símbolo de excepcionalidades literárias no Maranhão.	p. 16
1.1. O IHGB e o Grupo Maranhense – duas faces de um mesmo projeto: a nação.	p. 18
1.2. Antonio Henriques Leal e o “Pantheon” das glórias maranhenses.	p. 30
2. “Glória ao poeta – gênio!”: Gonçalves Dias e o culto às grandezas do Pantheon Maranhense.	p. 57
2.1. O ambiente intelectual no Maranhão: algumas considerações.	p. 58
2.2. Construindo uma representação: Gonçalves Dias como ícone da singularidade cultural maranhense.	p. 62
2.3. Culto à memória <i>post-mortem</i> : elemento de consolidação das imagens de grandeza cultural maranhense.	p. 80
3. O Timon maranhense e o Pantheon de Athenas: escritos sobre a história e crítica social sob a pena de João Francisco Lisboa.	p. 95
3.1. O Timon maranhense no Pantheon de Athenas: o olhar de Antonio Henriques Leal sobre João Francisco Lisboa.	p. 99
3.2. “Apontamentos, notícias e observações para servirem à História do Maranhão”: a história do Maranhão sob o olhar de João Francisco Lisboa.	p. 115
3.3. João Francisco Lisboa e a crônica dos costumes no Maranhão.	p. 124
Conclusão.	p. 135
Referências.	p. 140

Introdução

A morte gera a escrita num universo lutuoso que busca assimilar a presença perdida.
O ausente faz com que se escreva sobre o abismo onde o corpo real desapareceu e a
escrita se deixa levar pelo desejo de recuperar o corpo no âmbito da ausência.
(François Dosse).

Em 1852 João Francisco Lisboa iniciou a publicação de uma série de folhetins em um jornal da capital do Maranhão chamado *Publicador Maranhense* com o objetivo de fazer uma crônica dos hábitos e costumes locais.

Embora não tenha sido muito duradouro o propósito do historiador maranhense, os trabalhos deixados por João Francisco Lisboa sobre a sociabilidade maranhense no século XIX traziam em seu bojo uma importante crítica às imagens que a elite maranhense arvorava para si mesma. Em um desses folhetins, intitulado “Festa de N. S. dos Remédios”, Lisboa fez uma crítica veemente aos rudes hábitos dos seus co-provincianos e com a ironia de escrita que lhe era peculiar denominou os maranhenses de atenienses modernos!

Em outro folhetim que Lisboa publicou no mesmo jornal, novamente a imagem do povo comparado aos atenienses apareceu como sinônimo de crítica a decadente formação cultural dos provincianos do Maranhão. João Lisboa na verdade usava a imagens dos ‘atenienses modernos’ como elemento de crítica a sociabilidade das aparências forjada pela elite maranhense, que fechando os olhos para a pobreza da província e a pouca ou nenhuma instrução da população, arvorava para si o pendão da singularidade cultural simbolizado no epíteto da Atenas brasileira. Durante o século XIX essa imagem tão criticada e discutida por João Lisboa se cristalizou no pensamento da elite letrada maranhense de maneira a tornar-se justificativa para tudo quanto dizia respeito à intelectualidade local.

Essa imagem construída para a capital do Maranhão e seus letrados tinha a função de afirmar o valor das letras e da instrução na sociedade maranhense bem como a ação fundamental dos letrados naquela organização social, isto é, enquanto estratégia de auto-

afirmação essa imagem visava distinguir a província maranhense das demais províncias do Império do Brasil. E à medida que os anos avançaram ganhou realce e se consolidou na história daquela província como o marco fundador de uma cultura que se pretendia distinta de qualquer outra do Império brasileiro.

Ainda que essa construção cultural do Maranhão mereça ser estudada em profundidade, este trabalho não trata diretamente dela, mas do processo mais amplo de consolidação dessa imagem na historiografia local e nacional em fins do século XIX. Discute-se ainda a maneira como esse discurso sobre as excepcionalidades culturais do Maranhão oitocentista serviu de parâmetro para construir uma memória a respeito dos letrados maranhenses da segunda metade do século XIX.

Muitas alternativas metodológicas foram pensadas para desenvolver da melhor maneira possível o estudo sobre as trajetórias intelectuais dos letrados maranhenses e todas as alternativas construídas conduziram a narrativa em direção a um autor e sua obra: Antonio Henriques e o *Pantheon Maranhense*.

O *Pantheon Maranhense* é conjunto de ensaios biográficos sobre os maranhenses ilustres durante o século XIX. Essa obra, escrita na década de 1870, tornou-se *canônica* na historiografia brasileira sobre a elite letrada maranhense. A obra escrita em quatro volumes é considerada o principal entre os trabalhos de Antonio Henriques Leal, e foi interpretada pelas gerações intelectuais maranhenses que o sucederam como o arauto da singularidade letrada no Maranhão.

Apesar de não pretender resgatar diretamente a imagem da cidade de São Luis como a Atenas brasileira nem colocar no primeiro plano da narrativa essa construção cultural, Antonio Henriques Leal desenvolveu a escrita sobre as personalidades ilustres do Maranhão fundamentado nessa idéia, de maneira que a sua narrativa cristalizou, consolidou e compilou na história maranhense algumas imagens sobre uma suposta grandeza intelectual da província.

No conjunto da obra biográfica de Antonio Henriques Leal, as histórias de vida dos letrados a respeito de quem Leal escreveu foram apenas um pretexto para tratar das trajetórias intelectuais, políticas e culturais da elite maranhense e das estratégias de que essa elite dispunha para forjar um legado do qual as gerações vindouras deveriam ser herdeiras.

A questão com que me deparei durante a análise dos documentos não estava relacionada ao processo de construção dessa imagem de singularidade para a província do Maranhão, nem se a província seria ou não “Athenas brasileira”, mas como, na década de 1870, com a publicação do *Pantheon Maranhense*, cristalizou-se no discurso histórico sobre essa província imagens que tinham a função de singularizar os traços culturais da província com base nos relatos póstumos sobre os letrados e políticos maranhenses.

Em outras palavras, os discursos que afirmavam a excepcionalidade cultural do Maranhão por causa do talento literário de seus letrados, a exemplo de Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Odorico Mendes e Sotero dos Reis, foram esboçados após as mortes desses homens de letras e ganharam contornos melhor definidos com a publicação do *Pantheon Maranhense*. Esse conjunto de ensaios biográficos sobre os maranhenses ilustres já falecidos àquela época tinha o objetivo de delinear a noção de que os talentos literários dessa província tornavam-na excelente em cultura e deveria fazê-la diferente das demais províncias do Império do Brasil, afinal no pensamento da elite letrada maranhense aquela província era a Atenas Brasileira.

Assim organização dos capítulos desse trabalho é indicativa da maneira como o objeto de estudo desse trabalho foi pensado de maneira a afirmar o posicionamento dessa narrativa frente ao que é ainda hoje afirmado pela historiografia sobre esse assunto.

O critério de escolha dos letrados que seriam estudados no decorrer do trabalho foi dado pela própria organização dos ensaios biográficos no *Pantheon Maranhense* que tratou a trajetória intelectual desses letrados em grupo. A historiografia maranhense consagrou

esse grupo de literatos como o grupo maranhense do romantismo brasileiro. As biografias trataram em conjunto os caminhos trilhados por esses letrados, expondo quem fazia parte desse grupo e, mais especificamente, qual o lugar de fala desses letrados na institucionalização do discurso sobre a singularidade cultural maranhense.

Sem perder do horizonte narrativo a natureza da fonte histórica com a qual trabalho, a saber, as biografias, trato no primeiro capítulo da posição do grupo de letrados maranhenses em relação ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), para esboçar qual a perspectiva de trabalho desses letrados a respeito do estatuto da história que estava sendo estabelecido por esse instituto no início do século XIX; para demonstrar que a idéia de uma identidade intelectual ou cultural forjada em torno do IHGB e da história produzida por essa instituição para abranger todo o Império fazia parte apenas do universo intelectual da corte no Rio de Janeiro, estando em muitos aspectos distanciado da realidade das províncias e evidenciar que as disparidades das províncias (aqui usando o exemplo do Maranhão) dificultaram bastante a construção de um projeto de nação para o império brasileiro.

Destaco também que dois dos principais membros do chamado grupo maranhense (Gonçalves Dias e João Lisboa) eram sócios do IHGB e essa condição possibilitou perceber que tipo de vínculo era estabelecido pelos letrados com essa instituição. O olhar do biógrafo Henriques Leal sobre as trajetórias dos letrados sobre quem ele escreveu apontaram para quais seriam os métodos usados por esse autor para forjar uma imagem de distinção para seus biografados e, por conseguinte para a sua província natal.

Toda a estrutura dessa narrativa objetiva apontar as intenções do biógrafo Henriques Leal ao construir sua história sobre os letrados maranhenses e, ao mesmo tempo, explicitar quais os critérios que utilizei para delinear meu objeto de estudo: a) usei a definição de grupo maranhense para abordar as perspectivas gerais do *Pantheon Maranhense* como obra biográfica; b) Gonçalves dias foi apresentado como a peça fundamental no processo de

construção de uma imagem de singularidade para a província do Maranhão e para tanto foi forjada para o poeta uma imagem que o representava como ícone por excelência dessa singularidade literária; c) João Francisco Lisboa, como importante crítico da sociedade maranhense e autor canônico da historiografia brasileira, foi suporte para identificar as lacunas e fragilidades do discurso sobre as excepcionalidades culturais no Maranhão oitocentista, ou seja, na condição de partícipe da elite intelectual aponta as fragilidades do discurso de auto-glorificação dos intelectuais daquela província.

No segundo capítulo trato da forma como a narrativa de Henriques Leal construiu uma imagem para o poeta romântico Antonio Gonçalves Dias como sendo o maior representante das excepcionalidades literárias do Maranhão e o primeiro poeta romântico do Brasil. Destaco ainda a maneira como a organização do ambiente intelectual de São Luiz e o discurso póstumo de Henriques Leal sobre a grandeza do poeta romântico maranhense foi importante na construção e consolidação dessa memória de grandeza cultural.

No terceiro capítulo discuto alguns significados da narrativa biográfica de Henriques Leal para a consolidação do discurso de glória fincado na história do Maranhão, bem como os argumentos usados para preencher as lacunas narrativas que fragilizavam o seu discurso sobre os talentos literários da província.

Abordar mais detidamente alguns aspectos do caminho trilhado por João F. Lisboa sob a perspectiva do olhar de Henriques Leal foi a forma encontrada para trabalhar as escolhas metodológicas e narrativas feitas pelo biógrafo ao construir o perfil de Lisboa. Além disso, destacando a perspectiva do próprio Lisboa em relação à história do Maranhão, foi possível diagnosticar as contradições de uma sociedade complexa em suas relações e o descompasso existente entre o discurso de Leal sobre Lisboa o discurso de Lisboa sobre o Maranhão.

Por fim, foi possível descortinar a noção de que o conjunto da obra biográfica de

Antonio Henriques Leal revelava as disputas discursivas existentes no interior da elite letrada maranhense e a forma como esta disputa gerou interpretações e perspectivas controversas a respeito das personalidades sobre quem escreveu e sobre o suposto passado de glórias da província maranhense.

O trabalho biográfico de Antonio Henriques Leal, que foi a base para a confecção desse estudo, se estabeleceu na articulação entre a ambição de reproduzir o passado da província maranhense em suas especificidades de desejadas glórias literárias. Dessa forma a inclinação imaginativa do próprio Henriques Leal, na condição de biógrafo, tinha a tarefa de remodelar esse passado com vistas às aspirações da elite letrada maranhense. Partindo dessa prerrogativa por vezes a interpretação feita sobre o *Pantheon Maranhense* conferia aos homens biografados neste trabalho e ao passado que se pretendia reconstruir através dele, criava uma perspectiva de análise para a realidade social e cultural maranhense que no limite inclinava-se à ficção.

1. “Minha terra tem primores, que não encontro eu cá”– o ‘Grupo maranhense’ como símbolo de excepcionalidades literárias no Maranhão.

Chamam-te, meu Maranhão, de Atenas Brasileira! Em todo este vasto país, (...) eras e és conhecido pela alta intelectualidade, a Atenas nacional. (...) foste o berço da civilização patricia. És também, minha terra, uma das sentinelas e do falar a amada língua português-brasileira! Todos respeitam o teu apuramento no dizer, a dicção correta e formosa, a linguagem escorreita e pura, a riqueza suntuosa e invulgar dos vocábulos, a elegante sinfonia da frase, (...) alinhando idéia perfeita! (Raul de Azevedo).

O Maranhão foi representado por aqueles que se debruçaram sobre sua história¹ como um lugar marcado por certas lembranças de grandeza. Vislumbrada como uma terra opulenta dos ricos territórios do novo mundo, São Luís teria avultado na literatura mais que qualquer outra província do Império. Os que descreveram a cidade de São Luís afirmaram haver nela um clima doce e suave que teria favorecido a formação de um lugar notável no cultivo das letras, um lugar de promissoras idéias e uma cidade produtora de pensamentos livres de qualquer restrição.

A presença de seus intelectuais no cenário nacional conferiu-lhe notabilidade e grandeza cultural. Cidade conhecida como o lugar onde melhor se fala a língua portuguesa no Brasil, São Luís adquiriu com o passar dos anos uma imagem que lhe caracteriza como uma das primeiras províncias do Império a zelar pelo cultivo das letras como sinônimo da formação de uma identidade e literatura nacionais.

¹ Refiro-me a algumas obras canônicas sobre a formação cultural do Maranhão como: BRANDÃO, Jacyntho José Lins. **Presença Maranhense na Literatura Nacional**. São Luís: UFMA/SIOGE, 1979; CALDEIRA, José de Ribamar C. **O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX**. [São Luís]: Academia Maranhense de Letras; Edições AML/Sioge, 1991; CORRÊA, Rossini. **Formação Social do Maranhão: o presente de uma arqueologia**. São Luís: SIOGE, 1993; LOBO, Antonio. **Os Novos Atenienses**. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1906; MEIRELLES, Mário. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955; MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: SIOGE, 1976; GAIOSO, Raimundo José de Sousa. **Compêndio Histórico - Político dos Princípios da Lavoura no Maranhão**. Rio de Janeiro; Livros de mundo inteiro: coleção São Luís, 1970. A historiografia sobre o estado do Maranhão, composta desses autores principalmente, contribuiu para cristalizar certas imagens de grandeza, sejam econômicas, literárias, culturais, políticas e sociais a respeito desta parte do Brasil.

Percorrendo o caminho construído pelos autores da historiografia é possível compreender que uma das marcas que mais caracteriza a formação social do Maranhão² é a produção de imagens que singularizem a cidade de São Luís e o seu povo em relação ao restante do Brasil. Um dos aspectos dessa imagem de singularidade que é mais cara aos maranhenses é a superioridade dos literatos maranhenses no cenário das letras nacionais que, durante o século XIX, legou a capital do Maranhão o cognome de Athenas brasileira.

Ao associar a imagem da província ao cultivo das letras e ao desenvolvimento da intelectualidade, os autores que estudaram o Maranhão no período imperial preocuparam-se em demarcar os limites e clarificar em que bases se firmavam as especificidades da cidade de São Luís. A esta imagem da capital maranhense que remete ao cultivo das letras e da instrução associa-se a ação de um grupo de homens letrados que os autores canônicos da historiografia da literatura³ sobre o Maranhão denominaram de “Grupo Maranhense” e o responsabilizaram por integrarem o Maranhão no conjunto da produção literária nacional e de igual forma no processo de formação da identidade pátria.

Esses homens de letras se notabilizaram na imprensa nacional, literatura, seja poesia, prosa ou romance, na história e em tantas outras áreas do conhecimento. Seu trabalho possibilitou a sua participação em diversas sociedades científicas e de letras no Brasil e na Europa, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Academia Real das Ciências de Lisboa. Após a morte destes ilustres da província do Maranhão, os ideais de ilustração e de culto às letras bem como a idéia de que os maranhenses eram diferentes dos demais brasileiros em razão do seu amor a instrução ganhou mais fôlego e se tornou uma

² José Henrique de Paula Borralho, em tese de doutorado intitulada “*Athenas equinocial: fundação de um Maranhão no império brasileiro*”, afirma que em boa parte do século XIX o Maranhão se restringiu a sua capital, havendo o que este autor chamou de sinédoque cultural, tomar a parte (São Luís) pelo todo (Maranhão). Niterói: Uff, tese de doutorado, 2009, p. 27-28.

³ Refiro-me a obras clássicas da história da literatura como: CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976; CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 6ª ed. Belo-Horizonte, Itatiaia, 1981, 2 vols.; BOSI, Alfredo. **A história concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004; PARANHOS, Haroldo. **História do romantismo no Brasil**. São Paulo: Cultura Brasileira, 1937; VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954.

marca de diferenciação na formação identitária maranhense.

Nas páginas que se seguem encontram-se definições a respeito dos membros deste grupo maranhense, qual a sua importância no cenário da formação da identidade e das letras pátrias, como uma memória de grandeza foi construída ao seu respeito e de que maneira essa memória foi utilizada para a formação específica da idéia de singularidade do povo maranhense.

1.1. O IHGB e o Grupo Maranhense – duas faces de um mesmo projeto: a nação.

Em uma quinta-feira, dia 18 de agosto de 1838, o marechal Raimundo José da Cunha Matos e o Cônego Januário da Cunha Barbosa, em sessão do Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), leram a proposta de criação de um Instituto Histórico e Geográfico para o Brasil na condição de filial desta sociedade auxiliadora. A justificativa da proposta enviada para a apreciação do Conselho foi feita nos seguintes termos:

Sendo innegavel que as letras, além de concorrerem para o adorno da sociedade, influem poderosamente na firmeza de seus alicerces, ou seja, pelo esclarecimento de seus membros, ou seja, pelo adoçamento dos costumes públicos, é evidente que em uma monarchia constitucional (...) são as letras uma absoluta e indispensavel necessidade, principalmente aquellas que, versando sobre a historia e geographia do paiz, devem ministrar grandes auxilios á publica administração e ao esclarecimento de todos os Brasileiros⁴.

De acordo com a proposta enviada ao conselho da SAIN⁵ havia a necessidade de um Instituto Histórico e Geográfico na corte do Império. Esse Instituto, se aprovada a sua criação, deveria ocupar-se em *centralizar* a coleta dos documentos que fossem importantes para a história e geografia do Brasil, que ao momento estavam *espalhados pelas províncias* e compilá-los em um tombo ou prontuário para que pudesse ser utilizado por aqueles que fossem se empenhar na escrita da história e da definição dos aspectos geográficos da nação que então queria modelar. No dia seguinte ao pedido, aconteceu outra assembléia dessa

⁴ **Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil.** Rio de Janeiro: typographia Universal de Laemmert, 2ª edição, 1856, pp. 5-6.

⁵ Idem, pp. 6-8.

mesma sociedade auxiliadora e a solicitação para que fosse criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi aprovado. No domingo daquela mesma semana, dia 21 de outubro de 1838, ocorreu a primeira reunião do instituto recém criado.

Seria dever do instituto, segundo o seu primeiro secretário perpétuo – cônego Januário da Cunha Barbosa – mostrar às nações cultas que no Brasil também havia zelo pelas glórias da pátria, bem como reunir os fatos da história do país para que fossem apresentados ao mundo com as devidas correções, e uma vez corrigidos, as falhas da escrita da história pátria, os erros e os equívocos cometidos tanto por nacionais como por estrangeiros ao escreverem a história do Brasil poderiam ser esquecidos. A proposta do primeiro secretário pode ser resumida na epígrafe usada por ele em sua fala ao instituto que dizia: – “Procura resuscitar também as memórias da pátria da indigna obscuridade que jaziam até agora (fala de Alexandre Gusmão, na fala á Academia Real da História Portuguesa)”⁶.

Segundo Manoel Luís Salgado Guimarães⁷ o IHGB seria o *lugar*⁸ privilegiado da produção historiográfica no Brasil e durante a maior parte do século XIX estaria vinculado aos setores elitistas da sociedade brasileira que desempenharam, através do instituto, uma tarefa fundamental na elaboração da historiografia brasileira e das perspectivas propostas para o estudo e interpretação da questão nacional no período imperial. Ainda segundo esse autor, a tarefa dos que estavam envolvidos nos trabalhos do instituto era a de demarcar os limites dessa nação que estava sendo moldada, e outorgá-la uma identidade em relação ao conjunto mais abrangente das nações civilizadas. De acordo com Manoel Guimarães:

É, portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desenvolvimento do processo de gênese da Nação que

⁶ Idem, p. 10.

⁷ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 1, 1988, pp. 05-27.

⁸ De acordo com Michel de Certeau toda pesquisa histórica o seu conseqüente discurso historiográfico estão associados a um lugar de produção que torna legítimo a sua existência. Para Certeau é o lugar a qual o discurso historiográfico está vinculado que define a metodologia, a organização documental e em torno do qual as propostas do discurso histórico se organizam. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2006, pp. 76-77.

se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB. A fisionomia esboçada para a Nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidará de reforçar visa a produzir uma *homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras*⁹.

A nação era o novo objeto da qual se ocupariam os letrados empenhados em escrever a história pátria. Em torno das propostas do IHGB, os escritores da história deveriam traçar o perfil do sentimento de pertencer a uma comunidade nacional. Definir em torno de quais bases a nação brasileira deveria se organizar era a grande tarefa dos que estavam inseridos no IHGB. Contudo, para clarificar tais bases para a nação era preciso antes inventá-la, forjá-la, construí-la.

Vale lembrar que a nação que estava sendo pensada por estes letrados não é a mesma nação da qual supostamente se tem consciência hoje. Os significados do termo nação se modificaram bastante com o passar dos séculos. Segundo Eric Hobsbawn, “antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino e também um estrangeiro”¹⁰. Esse autor mostra-nos que as palavras nação, pátria, e governo adquiriram sentidos muito diferentes desde pelo menos a revolução francesa e que o seu uso como sinônimos não era habitual.

De acordo com Hobsbawn é mais adequado dizer que em princípios dos anos de 1830 está em destaque um “princípio da nacionalidade” e não a “nação” como um elemento pronto e que seria usado pela elite política e intelectual para legitimar seus projetos de emancipação, pois as palavras poderiam ser usadas para finalidades distintas possuindo significados bastante diferentes. Esse autor aponta ainda o fato de que o desenvolvimento dessas nações fazia parte de projetos políticos que atrelavam o conceito de *nação* a idéia de progresso e de desenvolvimento da raça humana para um estágio mais desenvolvido¹¹.

A tarefa de criar unidade e sentimento de *pertencer* para uma comunidade que estava por ser inventada era o duplo desafio desses intelectuais na primeira metade do século

⁹ GUIMARÃES, op. cit., p. 06 (grifo meu).

¹⁰ HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5ª edição, 2008, p. 27.

¹¹ Idem, p. 50.

XIX. Sendo a nação compreendida como uma *tradição inventada*¹² pela elite política que estava incumbida de conferir uma forma a esta comunidade que seria chamada de nacional, é lícito dizer que a identidade relacionada a esta nação, bem como a história que seria tributária de suas glórias e os vínculos que ela seria responsável por manter só teriam sustentação própria quando a nação que estava sendo configurada pudesse existir para além dos esforços de seus criadores.

Segundo Márcia Regina Capelari Naxara¹³, “sondar o passado, buscar origens, definir uma identidade e uma memória coletivas” bem como “tornar a nova nação parte da civilização, ao lado das nações civilizadas”¹⁴ eram as principais questões que ocupavam o pensamento da elite imperial sobre os destinos do império do Brasil. Essa autora mostra ainda que o sentido explicativo que era procurado para o Brasil estava pautado na busca pelas explicações sobre as origens, fosse dos homens, das sociedades ou das nações, mas sempre inserindo as discussões na polarização civilização/barbárie, destacando que o papel dos que se lançavam na tarefa de pensar sobre a nação que seria formada era sempre o de destacá-la no contexto das demais sociedades civilizadas¹⁵.

Márcia Naxara sinaliza a dificuldade enfrentada pelos intelectuais ao se lançarem na tarefa de civilizar o Brasil pelo uso da instrução e das letras, destacando a tensão existente entre as imagens dos grandes centros de produção econômica e cultural e as cidades do império do Brasil caracterizadas pelos seus aspectos provincianos. Essa autora afirma que:

Eram poucos os lugares e espaços, mesmo ampliando a escala para além do Brasil, em que se tinha uma vida que preenchesse o imaginário do urbano vinculado à idéia de movimento, anonimato, vida cultural intensa e regras civilizadas, afeitas à urbanidade e à idéia de metrópole¹⁶.

¹² Para Hobsbawm as tradições inventadas podem ser compreendidas como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

¹³ NAXARA, Márcia R. C. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. 1ª. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004

¹⁴ NAXARA, op. cit., p. 22.

¹⁵ Idem, p. 24.

¹⁶ Idem, p. 36.

Outra tarefa, igualmente difícil para os criadores da nação brasileira, seria promover a independência cultural da nova nação e torná-la livre do antigo passado colonial. A independência literária foi a principal bandeira levantada pelos letrados do IHGB. Tendo no romantismo o suporte que era necessário, buscaram encontrar particularidades para o Brasil que o definissem como uma nação e assim outorgá-lo a um estatuto mais adequado a sua nova condição – uma nação independente. De acordo com Bernardo Ricupero “o romantismo (...) assume principalmente a função de fornecer aos intelectuais (...) referências para as nações que estão engajados em criar”¹⁷.

A edificação da nação estava associada ao resgate da memória dos *Brasileiros distintos pelas letras, armas, virtudes, etc.*¹⁸, pois era na vida desses “grandes homens” que a nação aprenderia a conhecer as aplicações da honra, a admirar a glória fruto de seus méritos e a enfrentar os perigos que algumas vezes ameaçavam o cultivo da virtude. Em seu discurso na sessão de inauguração do IHGB, o primeiro secretário Januário da Cunha Barbosa resume estes princípios norteadores da escrita da história nacional da seguinte maneira:

A fama dos grandes homens, rompendo as trevas da antiguidade, tem chegado a nós com os documentos de seus meritos acrisolados pela História: ela assim premia a virtude muitas vezes perseguida, restituindo à veneração dos homens a memória daquelles que della se fizeram dignos. (...) O desejo de dar vida aos nossos benemeritos que o nosso descuido tem deixado mortos para a glória da pátria e para a estima do mundo já se tem apoderado de alguns dos illustres sócios desse nosso instituto. Uma biografia dos mais preclaros brasileiros é tarefa, de certo, mui superior as forças de um só homem (...); mas a glória que deve resultar de uma tal empreza accende o zelo (...) dos emprehendedores da desejada biografia brasileira¹⁹.

Os letrados do IHGB se empenharam em centralizar em torno dessa instituição das letras tanto a escrita da história da nação como a verdade sobre nossa identidade. Apesar dessa tendência ao *centralismo da escrita da história nacional* e de certo monopólio por parte do grupo vinculado ao IHGB, a produção literária que conferiria um novo estatuto à nação

¹⁷ RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a idéia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins fontes, 2004, p. XXIX.

¹⁸ Assim era intitulada uma sessão da revista trimestral do Instituto Histórico que continha a biografia dos brasileiros ilustres e distintos por fatos dignos de serem lembrados.

¹⁹ BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso. **Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil**, Tomo I, 2ª Ed., Typografia Universal Laemmert, 1856, pp. 16-17.

brasileira, extrapolava os limites cunhados por este grupo de fluminenses ao que deveria ser a história pátria e sua identidade.

De acordo com Manoel Salgado Guimarães, os temas relacionados à chamada história regional eram um ponto de tensão entre os letrados no interior do IHGB. Esse autor mostra que os temas relacionados a esse aspecto regional da escrita da história gradativamente ganharam mais espaço nas publicações da revista, e faz uma advertência quanto ao assunto: – “no tratamento da questão, é privilegiada a perspectiva de considerar as regiões não nas suas especificidades (...) mas na sua intrínseca organicidade com o conjunto nacional”²⁰. Segundo Guimarães, as leituras das histórias regionais feitas a partir do IHGB demonstravam claramente da existência de um projeto centralista para a organização de uma historiografia nacional que deveria ser acima de tudo hegemônica em sua forma.

O IHGB ocupou o espaço de lugar²¹ institucional que permite ou proíbe a produção dos discursos sobre a história nacional. Pode ser entendido como o lugar privilegiado da produção histórica sobre a nacionalidade e de legitimidade de tudo quanto era produzido a este respeito.

Desse modo, ao contrário do que a obra empreendida pelo IHGB pode levar a crer, a tarefa de construir a nação brasileira parece não ter ocorrido de maneira tão centralizada quanto pretendiam os letrados. Quando o Cônego Januário da Cunha Barbosa, primeiro secretário perpétuo do Instituto, falou sobre a situação das letras pátrias em seu discurso de inauguração dessa instituição, assegurou que até aquela data não faltavam no Brasil homens que se empenhassem em resgatar para a posteridade os fatos importantes da nossa história que eram dignos de serem lembrados e admirados. Segundo ele, apesar das

²⁰ GUIMARÃES, op. cit., p. 27.

²¹ Segundo Michel de Certeau o discurso histórico está sempre vinculado a um lugar que legitima a sua existência. Certeau nos mostra que a dupla função desse lugar é permitir ou proibir a produção de certos discursos históricos, de acordo com a instituição a qual a produção desse discurso está vinculada. No caso específico do IHGB essa tarefa era desempenhada com o objetivo de eliminar da produção historiográfica as narrativas históricas que aludissem a regionalização e fizessem oposição ao projeto de unidade nacional através do discurso histórico e literário. op. cit., p. 77.

boas intenções dos ilustres brasileiros em escrever as glórias da nação, o seu trabalho não estava inteiramente de acordo com as propostas do novo instituto que haviam criado e justifica o porquê:

Espalhados por um tão vasto território como este em que agora assenta o Brazil o seu throno imperial, elles mais escreveram historias particulares das provincias do que uma historia geral, encadeados os seus acontecimentos com esclarecido criterio, com deducção philosophica, e com luz pura da verdade²².

Essa tendência que o Cônego Januário Barbosa estava criticando ainda permaneceria no interior das elites intelectuais até os anos finais do século XIX, pelo menos no caso do Maranhão como será discutido mais a frente.

Na Europa, o Romantismo comportou-se de maneira bem diferente do que no Brasil. Esta busca por centralização, homogeneidade e linearidade na escrita da história nacional era uma influência forte que o IHGB adquiriu do romantismo europeu. As palavras de René Wellek uma sinalizam uma explicação mais clara para este assunto:

Se examinarmos as características da literatura que se chamou a si mesma de romântica em todo o continente, encontraremos pela Europa as mesmas concepções de poesia e dos produtos e natureza de imaginação poética, a mesma concepção de natureza e sua relação como homem, e basicamente o mesmo estilo poético, com emprego de imagens, símbolos e mitos claramente distintos do emprego do neoclassicismo do século XVIII²³

Apesar dos esforços empreendidos pelo grupo de letrados fluminenses em centralizar em torno do IHGB a escrita da história do Brasil, e de suas marcantes diferenças em relação à Europa, onde houve uma certa uniformidade de tendências, no Brasil o que se definiu como a busca da nacionalidade e de como tornar possível a escrita da história pátria se traduziu como ação isolada de grupos literários nas diversas províncias espalhadas pelo Império preocupados em legitimar a sua produção intelectual e demarcar uma posição no cenário de construção da nação.

Na primeira metade do século XIX a busca por certo centralismo e uniformidade não ocultam a organização *em arquipélago* do império brasileiro. Nesse cenário é possível

²² **Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil**, op. cit., p. 13.

²³ WELLER, René. **Conceitos de Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1863, p. 145.

destacar pelo menos a ação de quatro grupos intelectuais empenhados em demarcar os limites dessa nova nação que estavam empenhados em formar. Alfredo Bosi²⁴ mostra que no pano de fundo dos temas relacionados ao amor pela pátria e pela busca das nossas verdadeiras origens nacionais, deveríamos distinguir nesse contexto alguns grupos que apareceram durante esse período, como:

- O Grupo Fluminense, formado a partir da década de 1830, e posteriormente reunido ao redor do IHGB, representado por Gonçalves de Magalhães, Manoel Araújo de Porto-Alegre, Torres Homem, Francisco A. de Varnhagen, Antonio G. Teixeira e Sousa; os três primeiros fundadores da revista *Niterói*, entre outros.
- O Grupo Paulista, composto de alguns mestres e alunos Juristas, fundaram uma *Sociedade Filomática*, e editaram uma *Revista* fortemente influenciada pelos estudos de Fernand Denis e de Almeida Garret; formado por nomes como: Justiniano José da Rocha, Salomé Queiroga, Antônio Augusto Queiroga, Francisco Bernardino Ribeiro, além do nome de Manoel Antônio Álvares de Azevedo, em um período posterior.
- **O Grupo Maranhense**²⁵, formado por nomes como João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis, Manoel Odorico Mendes, Antônio Gonçalves Dias e Joaquim Gomes de Souza, principalmente²⁶. Redatores e criadores de inúmeros jornais políticos e literários, ocupantes de importantes cargos na administração imperial e promotores de um ambiente de intenso cultivo das letras na província do Maranhão, têm em

²⁴ BOSI, Alfredo. **A história concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 154-155.

²⁵ Em Antonio Candido, também encontramos referências importantes sobre a atuação do Grupo Maranhense no cenário das letras nacionais. Apesar da obra de Antônio Cândido ter o objetivo de forjar para a literatura Brasileira um aspecto sistêmico de integração e organização, o autor afirma que em razão de muitas repetições e tautologias os historiadores da literatura evocam sempre o grupo fluminense liderado por Gonçalves de Magalhães como ícone do movimento romântico e da busca pelas nossas raízes nacionais, e muitas vezes se esquecem de que também incluir no conjunto dos trabalhos românticos os do Grupo Maranhense. **Formação da Literatura Brasileira**. 6a ed. Belo-Horizonte, Itatiaia, 1975, vol. 2, p. 47.

²⁶ Na historiografia maranhense autores como MEIRELLES, Mário. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955 e MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: SIOGE, 1976 apontam um número bem maior de literatos como participantes do chamado grupo maranhense. Contudo no âmbito da historiografia nacional apenas os cinco citados tiveram maior importância e é este o critério que usamos aqui para a escolha dos seus representantes.

Gonçalves Dias o seu mais ilustre representante.

- O Grupo Pernambucano, apresentado como “a ponta de lança do progressismo liberal romântico”²⁷, se mostrou ativo tanto no ativismo político quanto na crítica literária, destacando a criação do Instituto Literário olindense, acompanhado do respectivo Jornal científico e literário, bem como da criação da Sociedade Fileidemica Olindense e da publicação do jornal Fileidemon²⁸.

O Grupo Maranhense estava inserido nesse contexto em que a diversidade da produção literária e os diferentes lugares de produção foram tanto marcas que definiam a ação dos grupos letrados como elementos que os diferenciavam uns dos outros. A presença destes diferentes grupos no cenário da produção literária nacional direciona os estudos sobre a formação da nacionalidade brasileira no sentido de procurar fora da corte imperial ou dos trabalhos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro as explicações e os fundamentos que eram necessários para modelar uma nação que seria criada no século XIX – o Brasil.

Este grupo de homens de letras que reunia literatos, jornalistas, poetas e historiadores, que ficou conhecido na historiografia da literatura como o *Grupo Maranhense*²⁹ tinha em seu quadro de membros personalidades das letras nacionais como:

- Manoel Odorico Mendes, jornalista e político liberal, destacou-se nacionalmente pelas traduções que realizou das epopéias clássicas *A Eneida* de Virgílio (1854) e *a Ilíada* de Homero (1874), esta uma publicação póstuma, além de várias traduções de Voltaire. A formação intelectual de Odorico estava fortemente fundamentada no classicismo. O rigor da linguagem de Odorico fazia de sua pena um importante instrumento de esclarecimento na política imperial. Foi membro de conselhos editoriais de grandes

²⁷ BOSI, op.cit., p. 155.

²⁸ As informações sobre o Grupo Pernambucano foram retiradas de um jornal literário maranhense. COLIN, Augusto Frederico. Desenvolvimento Literário. **O Arquivo**, nº. 09, dezembro de 1846, p. 178.

²⁹ Nessa descrição do grupo maranhense não foi feito o comentário sobre Joaquim Gomes de Sousa, citado no início do capítulo, que figura como um dos importantes nomes do grupo. A opção por não inserir este letrado no conjunto de descrição do grupo foi feita em razão dos trabalhos de Gomes de Sousa se concentrarem na matemática e este autor não ter escrito obras literárias.

jornais tanto na Província do Maranhão como na corte no império, tendo destaque o periódico político liberal *Argos da Lei*.

- Francisco Sotero dos Reis: apresenta-se como uma das mais importantes personalidades que refletiram sobre a formação intelectual da nação. Foi filósofo e gramático. Sotero dos Reis possuía uma inclinação política conservadora, embora nos anos finais de sua vida se mostrasse menos resistente a causa dos liberais. Sotero foi professor de gramática, latim, literatura portuguesa e Brasileira e se constituiu como mestre na formação da elite intelectual maranhense. Foi redator, colaborador de importantes jornais políticos e literários, sendo *A Revista* um dos mais importantes. Sua principal obra é o *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, publicado em cinco tomos a partir de 1866 até 1868, onde este distinto latinista trata de importantes obras das duas literaturas e propõem a necessidade da autonomia literária para o Brasil se constituir e firmar como nação independente.
- João Francisco Lisboa: foi um historiador de inclinação liberal, mais radical no início e mais moderado no fim da vida. A historiografia da literatura mostra João Francisco Lisboa como um dos mais importantes prosadores da primeira metade do século XIX. Sua principal obra é o *Jornal de Timon*, publicado entre os anos de 1852 e 1855 e as *Obras Completas*, publicadas postumamente por Antônio Henriques Leal, entre os anos de 1864 e 1865, que elevam Lisboa a condição de um dos mais importantes cronistas da História do Brasil, tanto durante a colônia como durante o Império.
- Por fim, Antônio Gonçalves Dias, é de longe a mais importante personalidade desse grupo. Gonçalves Dias é pensado como o consolidador do movimento romântico no Brasil. Suas principais obras são os *Primeiros Cantos*, *Segundos Cantos* e *Últimos Cantos*, além de inúmeros trabalhos em história, etnografia e teatro.

O Grupo Maranhense é representado pela historiografia em sua província natal

como o responsável por inserir o Maranhão no cenário da produção literária nacional³⁰. A organização de um sistema literário para as letras locais também é impetrada como resultado da ação desses letrados no âmbito do romantismo. Contudo, a maior contribuição desses homens de letras para a formação social do Maranhão teria sido, segundo a historiografia maranhense, consagrar a província como um espaço diferenciado pelo seu “refinamento” intelectual e cultural. Vejamos, por exemplo, nas palavras de Jomar Moraes a maneira como essas afirmações foram demonstradas:

No Maranhão, os contemporâneos de Gonçalves Dias, conhecidos na história da literatura brasileira pela antonomásia de Grupo Maranhense, dariam ao Brasil, como expressão de vida literária tão eloqüente testemunho de cultura e talento, que justificariam, (...) o cognome de Atenas Brasileira³¹.

A historiografia maranhense reproduz quase sem nenhum critério, mas não sem objetivo, que como consequência da “ilustração e do conhecimento”, o grupo maranhense teria se constituído como o estandarte do que era mais singular na província do Maranhão no que dizia respeito à produção literária. Esses letrados foram pensados pela historiografia como os representantes da “grandeza literária” do Maranhão e como propagadores da “excelência” dessa província no campo das letras³².

Desse modo encontramos em José Veríssimo uma demarcação importante de qual seria posição do grupo maranhense no cenário da produção literária nacional:

Esse grupo é contemporâneo da primeira geração romântica toda ela de nascimento e residência fluminense. O que o situa e distingue na nossa literatura e o sobreleva a essa mesma geração, é a sua mais clara inteligência literária, a sua maior larguesa espiritual. Os maranhenses não têm os biocos devotos, a ostentação patriótica, a afetação moralizante do grupo fluminense, e geralmente escrevem melhor que estes³³.

Podemos tomar emprestado de Marilena Chauí³⁴ dois conceitos que são

³⁰ Este sentido da palavra *nacional* usado por autores como Mário Meireles e Jomar Moraes, já citados aqui, está sempre voltado para a presença dos trabalhos destes homens letrados na Corte Imperial, já que mesmo nos anos posteriores a 1822 ainda não há um sentido claro para a ideia de Brasil ou de nacionalidade, conforme já apontamos aqui.

³¹ MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: SIOGE. 1976, p. 49.

³² MEIRELES, op. Cit., pp. 179 – 181.

³³ VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954, p. 222.

³⁴ CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

importantes para entender esse momento histórico da construção da nação e que também pode auxiliar no trato com o grupo maranhense: são os conceitos de *mito fundador* e de *semióforo*. Essa autora mostra que “um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo”³⁵.

Marilena Chauí associa ainda a este conceito a idéia de *fundação*, diferente de *formação*³⁶, como uma referência imaginária às origens de um evento histórico que se “mantém vivo e presente no curso do tempo” e que pretende representar a realidade reorganizando os elementos históricos que atribuem sentido aos acontecimentos. Desse modo, a historiografia do Maranhão outorgou ao “aparecimento” do grupo maranhense o instante originário da grandeza literária da província, atribuindo à sua ação a tarefa de singularizar a província e forjar um rótulo para a identidade dos maranhenses que seria reproduzido no curso da história local para legitimar certa ordem social em que o refinamento intelectual *deveria* ser uma prioridade.

O outro conceito trabalhado por Marilena Chauí é o de *semióforo* (*semeiophoros*). De acordo com essa autora o semióforo é uma palavra grega composta de duas outras, o *semeion* – que é um sinal ou um signo – e o *phoros* – que significa “trazer para frente”, “expor”, “carregar”, “brotar” e “pegar”. Para Marilena Chauí o *semeiophoros* é o símbolo responsável pela diferenciação, pela distinção de uma coisa da outra, podendo significar também um rastro deixado por alguém ou alguma coisa. Nas palavras da autora, “um *semióforo* é (...) um signo vindo do passado (...), um signo trazido à frente (...) para indicar que algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido pela sua materialidade e sim por sua força simbólica”³⁷.

³⁵ CHAUÍ, op. cit., 09.

³⁶ Para Marilena Chauí a formação é a “história propriamente dita”, inclusas as determinações econômicas, políticas e culturais. Idem, p. 09.

³⁷ CHAUÍ, op. cit., p. 12.

A historiografia maranhense se empenhou em traçar para o grupo de literatos do Maranhão estes aspectos simbólicos que a autora chamou de semióforo, e que na verdade se traduz em uma postura intencional de erguer os letrados do Maranhão como o próprio símbolo de suas especificidades. Este trabalho de invenção da grandeza da província do Maranhão associada ao talento dos letrados inicia-se na década de 1840 e só se estabelece “definitivamente” na década de 1870, com a publicação da obra *Pantheon Maranhense*, por Antonio Henriques Leal, como será visto mais a frente.

1.2. Antonio Henriques Leal e o “Pantheon” das glórias maranhenses.

Antonio Henriques Leal tinha 45 anos de idade quando publicou o primeiro tomo de seu *Pantheon Maranhense*. Em 1873, quando lançou o primeiro tomo do trabalho que seria continuado em outros três mais, Leal já havia galgado, mesmo com tão pouca idade, a notoriedade que muitos não conseguiram em toda uma vida. Leal desempenhou inúmeras funções nos meios político e literários, fundando ou ingressando nas principais agremiações de letras ou vinculadas a elas no Maranhão, na corte do Império e em Portugal, onde viveu seus últimos dias. O Liceu Maranhense, o Real Gabinete Português de Leitura, a Associação Tipográfica Maranhense, O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Sociedade Médica de Lisboa foram algumas das principais instituições as quais Henriques Leal esteve vinculado.

A participação de Antonio Henriques Leal no jornalismo literário da capital³⁸ da província do Maranhão também é significativa. Os jornais “O progresso³⁹”, “A Imprensa”, “A Conciliação”, “O Publicador Maranhense”, “O Arquivo⁴⁰”, “O Semanário Maranhense” e a

³⁸ As principais informações sobre a trajetória no jornalismo de Antonio Henriques Leal podem ser encontradas em **Jornais Maranhenses** (1821- 1879). São Luís: Fundação Cultural do Maranhão - Biblioteca Pública Benedito Leite; SIOGE, 1981.

³⁹ No jornal *O Progresso* Leal contribuiu ativamente nos anos de 1847 e 1848, em razão de ser seu primo, A. Theófilo de Carvalho Leal (amigo de Gonçalves Dias desde os estudos em Portugal), um dos fundadores do jornal. Deixando a participação neste periódico em razão de muitas viagens, retorna em 1861 ao mesmo jornal para acumular o cargo de redator.

⁴⁰ Este foi um dos primeiros periódicos literários da cidade de São Luís. A frente dos trabalhos nesse jornal estava Augusto Frederico Collin e também contribuía nele Antonio Henriques Leal.

“Revista Universal Maranhense” são os principais periódicos em que trabalhou Antonio Henriques Leal.

Além dos jornais, Leal escreveu *Apontamentos para a História dos Jesuítas no Brasil*; escreveu *Sciencias e Lettras: Locubrações* (1874); organizou a publicação das *Obras Póstumas* (1868) de Gonçalves Dias, bem como das *Obras Completas* (1864-1865) de João Francisco Lisboa, incluindo nessas duas publicações, a primeira em sete tomos e a segunda em quatro tomos, notícias biográficas sobre seus autores. Sua obra mais conhecida é o *Pantheon Maranhense*, publicada em quatro tomos na cidade Lisboa entre os anos de 1873 e 1875.

O *Pantheon Maranhense*⁴¹: *ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos* é uma coletânea de 19 biografias de personalidades importantes da sociedade maranhense no século XIX. Pela ordem em que se encontram no livro os biografados são:

- No tomo I, Manoel Odorico Mendes, João Ignácio da Cunha (Visconde D’Alcantara), Francisco Sotero dos Reis, José Candido de Moraes e Silva⁴², Antonio Pedro da Costa Ferreira.
- No tomo II, Brigadeiro Feliciano Antonio Falcão, Senador Joaquim Franco de Sá, Senador e Conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa, Senador e Conselheiro João Pedro Dias Viera, Dr. Joaquim Gomes de Sousa, Antonio Joaquim Franco de Sá, Conselheiro João Duarte Lisboa Serra, Trajano Galvão de Carvalho, Bellarmino de Mattos⁴³, Senador Francisco José

⁴¹ As referências correspondentes ao Pantheon serão mantidas em sua grafia original.

⁴² Foi redator no jornal O Farol Maranhense, ficou conhecido por seu ativismo político nesta folha liberal e ganhou o apelido de o Farol.

⁴³ Era o proprietário da principal tipografia da cidade de São Luís, que publicava além dos principais jornais da capital as mais importantes obras de literatos maranhenses. Sua participação na vida pública da cidade era em função de sua postura liberal na política e de algumas contribuições a jornais políticos e literários. Nas páginas dedicadas a biografia de Bellarmino de Mattos, Henriques Leal traça a importante trajetória das tipografias na capital da província do Maranhão desde 1821 com a criação da primeira tipografia no Maranhão até o papel desempenhado por Bellarmino de Mattos em sustentar as publicações daqueles que se ufanavam em pertencer a uma terra que primava pelo cultivo das letras. **Pantheon Maranhense**. Tomo II, pp. 225 – 264.

Furtado.

- No tomo III, Antonio Gonçalves Dias.
- No tomo IV, João Francisco Lisboa, Antonio Marques Rodrigues, Frei Custódio Alves Serrão.

Aqui apenas quatro desses biografados terão a nossa atenção: Antonio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis e Manoel Odorico Mendes.

Este trabalho de Leal pode ser interpretado de diversas maneiras quando inserido no contexto da Província do Maranhão. Em razão de quase todos os seus biografados terem vínculos políticos liberais, é possível dizer que o Pantheon é um mapeamento da ação dos políticos liberais no Maranhão. Aprofundando mais esta análise, entende-se o trabalho de Henriques Leal como uma escrita sobre a história do Maranhão, através das biografias das personalidades políticas e literárias da província, que pretende consolidar em suas páginas uma imagem: a de que a província do Maranhão se fez excelente e singular, diferenciando-se e erguendo-se sobre as demais províncias em razão de seu refinamento no campo das letras. Esta é uma marca presente na escrita de Leal sobre os seus biografados, principalmente se estes forem os que integraram o grupo maranhense.

As naturezas das biografias podem ser concentradas em dois grupos: a) as de natureza política e b) as de natureza literária. No primeiro grupo está fundamentalmente a elite política liberal da província do Maranhão, como os comendadores, senadores, presidentes da província e conselheiros. O segundo grupo é bem mais restrito se levarmos em conta a extensão da obra. Assim podemos destacar Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gonçalves Dias, João F. Lisboa, além de Gomes de Sousa, Trajano Galvão de Carvalho e Bellarmino de Mattos, os quatro primeiros membros do grupo maranhense e este último o proprietário da principal tipografia da cidade, além de importante jornalista.

Em cada uma dessas biografias assinalamos um objetivo específico que tem a

formação da nação como referência⁴⁴. Em outras palavras, cada uma das quatro biografias destacadas é assentada como uma lápide de conservação da nação, a saber, a organização política encontrada em Odorico Mendes, a organização da língua portuguesa (não o português de Portugal, mas o que era falado no Brasil) em Francisco Sotero dos Reis, o rigor da história em João Francisco Lisboa e a poesia em Gonçalves Dias, conforme veremos a seguir.

As palavras do próprio Leal são indicativas do que espera o autor com a escrita dessa obra de título emblemático: – “Se não tem esta obra nenhum merito, servirá ao menos d'impedimento a que se oblitere de todo a memoria das virtudes e feitos d'elles, ao mesmo tempo de espelho e incentivo para ás novas gerações”⁴⁵. Esse aspecto de conservação da memória é outro atributo constante na escrita de Leal: a preocupação de que não se percam no tempo os feitos dignos de serem lembrados é a principal motivação de sua escrita. O arranjo escolhido por Leal para a composição das trajetórias de seus biografados se fundamenta na necessidade da evocação de certas lembranças a respeito dos letrados para que as imagens evocadas por meio dessas lembranças componham as memórias.

Dessa forma, Maurice Halbwachs adverte que “essas imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia”⁴⁶. Preocupado com a própria dinâmica da lembrança, Antonio Henriques Leal combate o esquecimento ao mesmo tempo em que tenta forjar um sentido de interpretação unidirecional para a sua obra e que seja este o único argumento legítimo para construir a verdade sobre os biografados do grupo maranhense⁴⁷, de maneira que sejam lembrados como

⁴⁴ Conferir nota 19 para discussão sobre a função das biografias dos grandes homens na edificação dos alicerces da nação. Para mais sobre este assunto ver: KODAMA, Kaori. **Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860)**. Tese de Doutorado. PUC – Rio de Janeiro, 2005.

⁴⁵ LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illutres já fallecidos**. Tomo I. Lisboa: imprensa nacional, 1873, Advertencia, p. XI.

⁴⁶ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 32.

⁴⁷ Encontramos em Jacques Le Goff uma explicação para este princípio de construção da escrita da história: “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. **História e Memória**.

modelos, exemplos que precisem ser seguidos. As palavras de Henriques Leal mostram os contornos esta afirmação:

Não passam minhas aspirações do simples intento de indicar a meus comprivincianos a senda que devem trilhar, tomando por norma tão bons exemplos de casa, e aprendendo n'elles a se não desalentarem ante as agruras da vida e a persistirem desvelada e desinteressadamente no patriotico empenho de bem servirem a nossa mãe commum, fugindo com equal esforço os despenhadeiros onde outros precipitaram-se de abattidos e descrentes.⁴⁸

A escrita encontrada nesse trabalho intenta manter o arranjo do próprio modo como a história do Maranhão foi escrita até então – a repetição⁴⁹. Segundo Henriques Leal outro objetivo da construção do Pantheon era “despertar em minha pátria a idéia da construcção, na capital do imperio, de um templo que guarde as cinzas dos nossos homens eminentes por suas virtudes ou saber e letras”.⁵⁰

As biografias escritas sobre os membros do grupo maranhenses explicam as aspirações de Henriques Leal quanto ao lugar que cada letrado deveria ocupar na reconstrução, ou releitura, da nação empreendida por ele.

Leal é consciente de que está montando uma espécie de galeria dos vultos ilustres da historia nacional, que empreende uma leitura sobre a formação da nação e que esta leitura seria interpretada pela posteridade como digna de crédito, pelo menos era isso que o biógrafo pretendia. O gosto refinado e o esmero pelas letras na província do Maranhão sempre são associados de algum modo por Leal à ação dos letrados. Antonio Henriques Leal chega a afirmar que os maranhenses devem a Odorico Mendes o fino gosto que possuíam pela leitura

Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 426.

⁴⁸ LEAL, op. cit., p. XII.

⁴⁹ Encontramos essa chave de leitura para a história dessa província nas *Obras Completas* de João Francisco Lisboa onde o autor faz um comparativo entre as principais obras escritas sobre a história da província até então. Comparando os **Anais Históricos do Estado do Maranhão** de Bernardo Pereira de Berredo, o **Compendio Histórico-Político dos princípios da lavoura no Maranhão** de Raimundo de Sousa Gayoso, e a **Estatística Histórica-Geográfica da província do Maranhão** de Antonio Bernardino Pereira do Lago, Lisboa desenvolve o argumento de que os autores que se debruçaram sobre a história da província se restringiram a repetir as idéias encontradas em Berredo (1722) e as gerações que se sucediam repetiam as idéias já repetidas pelas gerações anteriores. **Obras**. São Luis: typographia B. de Mattos, vol. II, 1864, pp. 09 – 26.

⁵⁰ LEAL, op. cit., Tomo I, p. XIII.

das obras clássicas⁵¹. Por conseguinte, esse desempenho singular no campo das letras teria diferenciado a província natal desses homens das demais províncias do império. Como essa idéia se consagra a respeito de Odorico Mendes⁵²:

O fiel interprete de Virgilio e Homero, foi entre nós o iniciador do bom gosto litterário e do esmerado cultivo da vernaculidade e das letras clássicas. É sem contestação a esse benéfico e vigoroso impulso, que deve o Maranhão o primar n'este ponto ás suas irmãs, e merecer de alguns escriptores o mui lisongeiro epitheto de Athenas brasileira. Destinar-lhe-ia também este logar a prioridade do nascimento, se relevantes serviços á pátria não lhe dessem a primazia entre os que vão comprehendidos n'esta obra.⁵³

Após esta publicação de Leal a idéia de que os literatos maranhenses teriam sido responsáveis por singularizar a província natal, por causa de seu apreço às letras, ganhou fôlego tanto no âmbito historiográfico local, em autores como Antonio dos Reis Carvalho⁵⁴, José Ribeiro do Amaral⁵⁵, Mário Martins Meireles⁵⁶ e Jomar Moraes⁵⁷, quanto nos autores canônicos da historiografia da literatura como José Veríssimo⁵⁸, Antonio Candido⁵⁹ e Alfredo Bosi⁶⁰.

Segundo Antônio Henriques Leal, Odorico Mendes teria exercido uma importante função de apoio as causas do império quando das revoltas regenciais. Sua postura de defesa dos princípios liberais fez com que Odorico ganhasse mais espaço no cenário político imperial. Por conta desse prestígio conseguido à custa da defesa do império, Odorico foi deputado em três legislaturas pela província do Maranhão e uma pela província de Minas Gerais, exercendo diversos cargos públicos, além de ter sido secretário do tesouro imperial e convidado para fazer parte da regência trina provisória⁶¹.

Odorico Mendes frequentou os estudos superiores em Coimbra onde deveria

⁵¹ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 17.

⁵² Manuel Odorico Mendes nasceu na cidade de São Luís em 24 de janeiro de 1799.

⁵³ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 03 – 04.

⁵⁴ REIS CARVALHO, Antonio dos. **A literatura Maranhense**. In.: Biblioteca Internacional de Obras célebres, vol. XX. Rio de Janeiro: Sociedade Internacional, 1912.

⁵⁵ AMARAL, José Ribeiro do. **O Estado do Maranhão em 1896**. Maranhão: 1896.

⁵⁶ MEIRELLES, Mário. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.

⁵⁷ MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: SIOGE. 1976.

⁵⁸ VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954.

⁵⁹ CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 6ª ed. Belo-Horizonte, Itatiaia, 1975, vol. 2.

⁶⁰ BOSI, Alfredo. **A história concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004

⁶¹ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 27.

inicialmente cursar medicina, segundo vontade de seu pai. Já tendo cursado algumas disciplinas de humanidades, Odorico desenvolve na cidade lusa sua formação como humanista preocupado com a formação intelectual dos povos⁶². José Murilo de Carvalho mostra, em *A Construção da Ordem*, que a Universidade de Coimbra era o principal centro de estudos superiores para onde convergia tanto “os brasileiros com bens da fortuna” quanto a elite política imperial para a sua formação. Esse autor mostra que até a década de 1850, mas principalmente antes da independência, a Universidade de Coimbra fora o principal centro de formação da elite política brasileira. A composição de “um núcleo homogêneo de conhecimentos e habilidades”, a concentração nos estudos de formação jurídica e um aspecto de homogeneidade ideológica que era esculpido na elite eram as principais justificativas para o destaque dessa universidade⁶³.

Nas palavras de Leal – “se o Brasil não desmoronou nessa hora⁶⁴ e conservou a fôrma politica e o systema por que ainda hoje se rege, deve-o, mais que a qualquer outro, a elle que immolou no altar da patria os seus mais caros principios democráticos”⁶⁵. O propósito de Leal em fazer das lembranças sobre Odorico Mendes sinônimos do esmero pela causa nacional fica ainda mais evidente quando Leal afirma que “quem o visse simples e affectuoso no tracto, sem ostentação nem honras e beneficios, (...) não suspeitaria nunca que ali estava um homem, *de quem já dependeram os destinos de uma nação*”⁶⁶.

O principal cenário da ação política de Odorico Mendes foram as páginas do jornal *Argos da lei*. Este foi um periódico político de aspecto liberal, e cujo primeiro número lançou no dia 7 de janeiro de 1825, publicado pela tipografia nacional, tinha em seu conteúdo os atos oficiais do governo imperial, notícias nacionais e estrangeiras e uma seção em que

⁶² LEAL, op. cit., Tomo I, p. 11.

⁶³ CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006, pp. 65 – 73.

⁶⁴ Antonio Henriques Leal refere-se aqui as revoltas do período regencial.

⁶⁵ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 06.

⁶⁶ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 06 – 07 (grifo meu).

Odorico publicava os artigos de sua autoria, que geralmente tratavam sobre as reformas na administração e moral públicas, bem como assuntos literários que mostravam o que vigorava na Europa⁶⁷.

Não era apenas Antonio Henriques Leal que atestava a idoneidade de Odorico Mendes ou o destaque que os maranhenses possuíam nos estudos superiores. Antonio Gonçalves Dias em carta enviada a Antonio Henriques Leal no mês de janeiro de 1864 compõe um pequeno panorama sobre a ação intelectual de Odorico Mendes. Segundo Gonçalves Dias não havia apenas um homem, que fosse de seu conhecimento, que dominasse melhor os rudimentos da língua portuguesa, nos dois países (Brasil e Portugal) melhor do que Odorico Mendes “por ser abundante, conciso, enérgico”⁶⁸. Em resumo, Dias atesta que de uma maneira ou de outra os usos que os brasileiros eruditos, como Odorico Mendes, faziam da língua portuguesa certamente seria responsável por modificá-la, respeitando, contudo, a gramática e o gênio da língua.

Por fim, em carta enviada ao seu amigo Henriques Leal por Gonçalves Dias, quando estava na França, datada de 23 de agosto de 1864, Dias leva ao conhecimento de Leal uma triste notícia:

O Brasil acaba de sofrer uma perda irreparável! Odorico faleceu em Londres a 17 do corrente!
 Há meia dúzia de dias havíamos ajustado partirmos ambos a 25 para Lisboa, e dali para o Maranhão. Voltar para o Maranhão era o seu desejo mais fundo: já ele tinha arranjado sua casa e seu modo de vida, - o seu cômodo para morrer. Quis porem ver Londres antes de dizer o ultimo adeus á Europa, e fica ali sepultado.
 Não te posso dizer o quanto sinto essa morte. O Odorico mesmo nunca soube quanto eu o estimava⁶⁹.

Retomando Michel de Certeau e suas reflexões sobre o lugar que permite a produção do discurso histórico, pode-se evidenciar, por analogia, que o *Pantheon Maranhense* foi configurado pelo próprio Leal e pela historiografia que o sucedeu como o *lugar*⁷⁰ que

⁶⁷ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 20 – 21.

⁶⁸ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Divisão de Publicações e Divulgação, vol. 84, 1964, p. 379.

⁶⁹ Idem, p. 409 – 410.

⁷⁰ Ver nota 21.

legitimava ou proibia a produção de discursos históricos sobre os letrados do grupo maranhense ou sobre a excelência do cultivo das letras na província do Maranhão. Isso pode ser percebido nos discursos dos que sucederam Leal a este respeito, contentando-se em reproduzir quase que fielmente sobre os literatos o que se encontra no Pantheon, conforme já foi indicado nas citações dos autores da historiografia maranhense.

Na biografia de Francisco Sotero dos Reis, Leal continua seu argumento de como o rigor de cultivo da língua pátria e conseqüente alinhamento de seus rudimentos é importante para a consolidação e criação de vínculos com a nação. No perfil de Sotero dos Reis, Antonio Henriques se vale de um artifício retórico que leva o leitor a crer que a escrita de Leal é na verdade um diálogo entre o biógrafo e o biografado. Vejamos nas palavras do biógrafo como isto se dá:

Venerado patriota, incansavel evangelizador, não foram baldados os sacrificios que fizestes com (sic) prodigalizar teu tempo a espancar as trevas de quem te procurava para illuminal-o com a muita luz que possuias; que bem merecestes da pátria, mas tambem o pedestal, *onde se ergue vivedoira tua memoria*, firma-se em nossos corações agradecidos! Três gerações quasi inteiras de teus conterraneos passaram pelas fileiras de teu ensinamento e se apuraram no crysol de teu espirito esclarecido, ouvindo tuas conceituosas e sábias licções, e são os melhores pregoeiros de teu nome⁷¹.

Esta espécie de estratégia de presentificação é constante na escrita sobre Sotero e parece estar relacionada com a necessidade de evocação que Leal faz das palavras do biografado para dar credibilidade ao que escreve sobre os demais letrados do Pantheon, especialmente João F. Lisboa e Gonçalves Dias. Esta necessidade de evocação parece estar relacionada, por um lado, ao que Halbwachs diz sobre a reconstrução das lembranças, e por outro, uma tentativa de dar voz ao morto de quem ele fala. Sobre isso Halbwachs diz que “não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança”⁷². Leal parece evocar a voz de Sotero sobre aqueles que ele biografava para fundamentar nas palavras do mestre o que se diz sobre os outros letrados, afinal, “o author do

⁷¹ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 126 (grifo meu).

⁷² HALBWACHS, op. cit., p. 39.

Curso de Litteratura, além de um estudo aturado das línguas latina e portugueza, era versadissimo em tudo quanto são classicos e dificuldades da língua vernacula”⁷³.

Para continuar na trilha de construção da lembrança de Halbwachs, a imagem que Leal quer construir, ou reconstruir, para que esta possa se tornar lembrança é de que Sotero foi o mestre das gerações intelectuais no Maranhão. Note-se como Leal intenta tracejar este perfil:

O mestre regenera os discipulos por mais alto modo que os paes geram os filhos (...) Sei que são, infelizmente, mui raras essas vocações privilegiadas que se consagram generosas e com admiravel entusiasmo a instruir seus semelhantes, e é por isso ainda mais que os venero e amo. Francisco Sotero dos Reis foi um d’esses. Da idade em que outros se entregam aos devaneios e passatempos da juventude, elle dedicava utilmente suas horas a reger uma cadeira de ensino público, e só deixou de dar licções a seus conterrâneos quando a vida se despediu d’elle⁷⁴.

Em 1821 Sotero dos Reis foi nomeado para reger uma cadeira de gramática latina, em 1823 ministrava latim em lugar de seu antigo mestre que falecera naquele ano⁷⁵. Quando os atos adicionais⁷⁶ modificaram o funcionamento das câmaras provinciais e foram criados os Conselhos Gerais, Sotero conseguiu participação nestes conselhos até 1832 quando as assembléias legislativas provinciais iniciaram suas atividades. Nessa mesma época Sotero foi eleito deputado pela província do Maranhão e atuaria nessa função até pelo menos 1864⁷⁷.

De espírito conservador, Sotero fez do jornalismo uma extensão de sua tribuna. “Entendia que pelo respeito aos princípios contidos na nossa constituição é que residia a liberdade, e na força e prestigio da authority a manutenção da ordem e da segurança individual”⁷⁸. Quando em 1838 a instrução pública passa por reformas e algumas disciplinas são acrescentadas no currículo escolar e reunidas todas em um único lugar – o *Lyceu Maranhense* – Francisco Sotero dos Reis foi nomeado o primeiro inspetor de instrução

⁷³ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 268.

⁷⁴ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 125.

⁷⁵ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 132.

⁷⁶ Sobre a importância dos atos adicionais a partir de 1831 e as mudanças feitas na configuração do modelo de funcionamento político e gestão da administração no império ver: DOLHNIKOFF, Mírian. **O Pacto Imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX**. São Paulo: Editora Globo, 2005. Especialmente as páginas 93 – 100; 200 – 205 e 233 – 243.

⁷⁷ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 135.

⁷⁸ Idem, p. 137.

pública daquele novo formato de ensino⁷⁹.

Em 1831 os trabalhos jornalísticos de Sotero ganham fôlego com a publicação do *Constitucional*, que tinha como colaborador Manoel Odorico Mendes. Em 1836 comanda a redação de *O Investigador Maranhense* que dá lugar em 1840 a *Revista* em que trabalhou até 1851. Em 1854 Sotero parte para os trabalhos de redação do *Observador*, jornal criado pelo então senador Candido Mendes de Almeida em 1847, jornal em que Sotero escreveu até 1856 ao ir para a folha oficial *O Publicador Maranhense*⁸⁰.

Foi exatamente na *Revista*, que não tinha um cunho apenas político, mas literário também, que Francisco Sotero dos Reis publica, em 26 de julho de 1845, no número 296 dessa publicação, um ensaio intitulado *O desabrochar do talento*, sobre três poesias de Gonçalves Dias que haviam sido publicadas no *Jornal de Instrução e Recreio* e que ficaram consagradas como a estréia literária de Gonçalves Dias. A voz de Sotero é aqui evocada por Leal para que seja “a voz” do mestre⁸¹ a falar da obra de Gonçalves Dias:

Se tinha conhecimento de um talento superior, era o primeiro a affagal-o, a animal-o, e a dal-o a conhecer ao publico. Assim foi que antes de todos, por umas tres poesias que Gonçalves Dias havia publicado em 1845 no *Jornal d'Instrucção e Recreio* pequena revista de jovens estudantes do nosso lyceu, previu elle ao justo o genio poetico que despontava apenas, e louvando essas poucas estreias, proclamou-o desde logo poeta abalisado, prognosticando-lhe um brilhante futuro de gloria⁸².

Em 1866 Sotero Chega ao ponto mais alto de sua carreira intelectual com a publicação de sua obra mais importante, o *Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira*, obra publicada em cinco tomos e reimpressa no ano de 1868 para algumas correções e acréscimos

⁷⁹ Idem, p. 139.

⁸⁰ Idem, p. 143 – 144.

⁸¹ “De todas as obras, porém, do exímio latinista e philologo, a de mais tomo, a que remata e engrandece a herança do *mestre de nós todos* – é sem contestação alguma o seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira*. LEAL, op. cit., Tomo I, p.174 (grifo meu).

⁸² LEAL, op. cit., Tomo I, p. 146 – 147. Nessa citação Leal faz uma nota de pé de página indicando a consulta do Tomo III do Pantheon Maranhense, dedicado exclusivamente a biografia de Gonçalves Dias, onde se achava transcrito o ensaio de Sotero sobre Gonçalves Dias. Tanto no Tomo I quanto no Tomo III, Henriques Leal escreve de modo que pareça ser o próprio Sotero dos Reis quem faz o juízo sobre Gonçalves dias e assim sua escrita seja revestida de um aspecto mais legítimo por estar firmado nas palavras de Sotero dos Reis, o “mestre das gerações intelectuais do Maranhão” de quem o próprio Leal forja a imagem.

de notas. Essa obra de Sotero Constitui-se um verdadeiro monumento⁸³ à construção da nação e de sua literatura na condição mesma de sua autonomia em relação à antiga Metrópole. Há nas palavras de Francisco Sotero dos Reis uma compreensão melhor sobre esse argumento:

Chegado, senhores, a época em que o Brasil foi por sua gloriosa emancipação política elevado a categoria de nação independente, livre e culta, é época em que *a litteratura brasileira se separa com a nação da portuguesa* a que ate então se considerava unida, e começa a ter existencia propria (...)⁸⁴.

No intento de transformar a memória de Sotero dos Reis em um monumento à história da nação, Leal explica que de tudo o que poderia ter dito para lembrar à posteridade a memória de Sotero dos Reis, o seu mérito consistia na glória de ter sido o primeiro a ter tratado de forma tão completa sobre a formação literária dos dois países de língua portuguesa. Delineando a importância dos trabalhos de Sotero dos Reis, Henriques Leal define como Sotero dos Reis deverá ser lembrado – “Tenho (*sic*) que *servirá de padrão* a quem no futuro quizer escrever a historia litteraria dos dois paizes”⁸⁵.

Tendo já trilhado a trajetória que está proposta aos “gênios”, Sotero dedicara-se até o último minuto ao trabalho que o fizera um dos grandes da nação. Assim, o jornal *Publicador Maranhense* de 16 de janeiro de 1871 levava ao conhecimento dos maranhenses a notícia que eles não queriam receber: Francisco Sotero do Reis estava morto. Vejamos como a folha oficial da província divulgou a notícia:

Hoje ao amanhecer receberam os habitantes da capital a triste e fatal noticia de haver fallecido as cinco horas da madrugada o profundo literato e nosso primeiro philologo, Francisco Sotero dos Reis. A morte de um cidadão em taes condições é uma calamidade publica. *Não perdem com elle só sua familia e seus amigos, mas também a pátria e as letras.* É mais uma gloria maranhense que sahe da scena do mundo para ir *occupar o seu logar na historia.* Sotero dos Reis, ainda ontem vivendo entre nos, hoje é apenas uma recordação que pertence ao passando. Começou para elle a posteridade ganha pelas suas glorias litterarias. *Não morrem completamente homens como elle.* Cessa uma vida para começar outra. É a

⁸³ Esta acepção de monumento é a de Jacques Le Goff de que “O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. (...) O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 535 – 536.

⁸⁴ SOTERO DOS REIS, Francisco. **Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira.** Maranhão: typ. Bellrmino de Mattos, 1868, vol. IV, p. 289 (grifo meu).

⁸⁵ LEAL, op. cit., Tomo I, p. 175 (grifo meu).

eternidade no mundo se assim se pode dizer⁸⁶. (grifo meu).

A narrativa de Leal evocou outras vozes que não apenas a dele, para fortalecer o argumento que constrói na biografia de Sotero dos Reis, de ser o biografado um padrão a ser seguido por aqueles que se lançarem na tarefa de construir a história literária dos dois países de língua portuguesa. Leal buscou as vozes dos que se pronunciavam nos jornais para que fosse erigido um discurso paralelo ao seu, que o complementasse e forjasse a noção de que os méritos e destrezas de seu biografado eram de conhecimento e notoriedade pública. Por isso fazer falar os jornais, para que sejam estes os registros de uma memória sobre Sotero dos Reis além de fortalecida a noção de que os gênios nunca morrem por estarem imortalizados na memória.

O tomo III do *Pantheon Maranhense* parece ter sido a parte mais trabalhosa da escrita e coleta de documentos para Antonio Henriques Leal em razão de conter exclusivamente o ensaio sobre a vida de Antonio Gonçalves Dias, morto no ano de 1864 e cuja principal biografia publicada por Antonio Leal em 1874. O curioso é que a biografia de Francisco Sotero dos Reis foi publicada no tomo I, mesmo Sotero tendo falecido no ano de 1871. Essa diferença de tempo entre a publicação dos dois trabalhos está relacionada à magnitude do trabalho proposto por Leal com a escrita do ensaio sobre a vida do poeta de Caxias (leia-se Antonio Gonçalves Dias) que demandou mais tempo, justificado certamente, não em razão de sua escrita laudatória sobre o poeta, mas em virtude da riqueza de referências documentais sobre a vida de Antonio Gonçalves Dias.

A respeito dos ensaios anteriores sobre as biografias dos literatos maranhenses é correto dizer que em cada um dos ensaios Henriques Leal possuía um intento e que foi este intuito que definiu e direcionou a sua escrita. Esta estrutura de escrita se mantém tanto no tomo III como no tomo IV, onde estão biografados Antonio Gonçalves Dias e João Francisco Lisboa.

⁸⁶ LEAL, op. cit., nota C, Tomo I, p. 293.

Gonçalves Dias nasceu em Caxias, então chamada de Aldeias Altas, em 10 de Agosto de 1823. Estudou latim, francês e filosofia, indo em 1837 para Portugal concluir seus estudos e iniciar novos na Universidade de Coimbra, onde desenvolveu sua formação jurídica. “Era Universidade de Coimbra o centro para onde gravitavam os pensamentos dos maranhenses que aspiravam graduar-se em sciencias”⁸⁷. Gonçalves Dias regressaria para a capital da província do Maranhão em 1838 de férias e teria bastante dificuldade em regressar a Coimbra para terminar sua instrução superior. Com a ajuda de amigos, regressa a Europa em 1839 onde permaneceu para concluir a graduação em direito.

Antonio Henriques Leal constrói na biografia de Antonio Gonçalves Dias o intento maior de seu *Pantheon Maranhense*, de que a memória sobre o progresso e desenvolvimento da nação estaria intimamente relacionada ao trabalho dos intelectuais da província do Maranhão. Ao falar do amigo, Henriques Leal desenvolvia sua escrita na tentativa de demonstrar qual o lugar que deveria ser ocupado por este literato na consolidação da nação que ora ele interpretava.

A narrativa de Henriques Leal estabelece um caminho paralelo entre a trajetória de Gonçalves Dias e o nascimento e arranjo da nação, que são demonstrados na escrita de Leal como eventos simultâneos:

*Nascia Gonçalves Dias com sua pátria, como Camões desaparecera com a sua; e se Deus, na sua piedade, manda genios summos ás nações que tem de morrer para lhes allumiar a sepultura, como pondera o sr. Alexandre Herculano, tambem os envia para realçar o formoso incunabulo d'aquellas que surgem entre fulgores*⁸⁸. (grifos meus).

Gonçalves Dias dedicava-se aos estudos de literatura com afinco, aprofundando-se em literatura francesa e inglesa, em que já possuía algum conhecimento da língua e rudimentos da escrita⁸⁹. Do engajamento nas tarefas literárias em Coimbra e com a elaboração de uma publicação chamada *Revista Academica*, em 1840, Dias delineava seu perfil de escrita

⁸⁷ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 17.

⁸⁸ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 08.

⁸⁹ Idem, p. 26.

literária e interpretação da história, influenciada por personalidades como Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, e os portugueses Almeida Garret e Alexandre Herculano a quem mais se vinculara⁹⁰.

Nas palavras de Leal, a fama de Gonçalves Dias já o precedia mesmo antes do jovem poeta fazer a publicação do seu primeiro grande trabalho – os *Primeiros Cantos* – que só viriam ao conhecimento do público no ano seguinte. Como estratégia de escrita, Henriques Leal recorre a Sotero dos Reis na condição de “mestre das gerações” para dar voz ao talento do poeta biografado. Essa maneira de escrever sobre um poeta evocando a voz de outro tem uma dupla função: primeiro, legitimar a memória sobre Sotero como o mestre descobridor de talentos, e por outro lado ter uma distinta voz que não a do próprio Leal com o intuito de tornar legítimo o que se diz sobre o talento de Gonçalves Dias, afinal, quem o diz antes de qualquer outro é Sotero dos Reis, o mestre das gerações intelectuais no Maranhão, segundo afirmou Henriques Leal:

(...) entre os que mais o apreciavam, notava-se Francisco Sotero dos Reis tão lido e bom contraste de obras litterarias. No nº 296 da *Revista* de 26 de julho de 1845, de que era redator, veio com um artigo sob epigraphe – O Desabrochar do Talento – onde entre outras phrases de louvor talento, lêem-se estas:
 “é impossível desconhecer n’este trabalho o indelével cunho do gênio, ou dessa força de concepção ou enunciação tão incommensuravel e tão efficaz, que não conhece no seu alcance outros seus limites senão aquelles que foram marcados á humana intelligencia, d’essa potencia de comprehensão e de execusão, que abrangendo o tempo, e o espaço, e o infinito, remonta-se as raias da existência até as regiões desconhecidas do possível para beber nas fontes da criação e da vida as divinas inspirações da poesia... o senhor gonçalves dias, pois, se dá a conhecer em taes ensaios.⁹¹

Em janeiro de 1847 Gonçalves Dias publica os *Primeiros Cantos*. O primeiro livro de poesias do poeta maranhense foi bem aceito pela crítica fluminense, sendo bastante lido e apreciado, pelo que nos mostra Henriques Leal. Os *Segundo Cantos* vieram em 1848, trilhando o mesmo caminho dos “cantos” que o precederam⁹², sendo bem aceitos pela opinião

⁹⁰ Idem, p. 27.

⁹¹ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 65.

⁹² “Acha-se no prelo para sair com toda a brevidade, o segundo tomo das poezias do Sr. A. Gonçalves Dias. Um volume em 8º. De mais de trezentas páginas de impressão, custará aos Srs. Subscriptores, no acto da entrega 3 \$ rs. Assigna-se em casa de E. e H. Laembret na Rua da Quitanda 77. Na rua d’ Alfândega, nas

pública, contando com a crítica de Manoel Araujo de Porto Alegre, no *Correio Mercantil* de 12 de julho de 1848, bem como dos jornais maranhenses: *Publicador maranhense* e *Progresso*.

Gonçalves Dias era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Indústria Nacional, do Conservatório Dramático no Rio de Janeiro, além de sócio honorário e membro correspondente de variadas agremiações e sociedades literárias pelo Brasil e Europa, como do Instituto Literário de Coimbra, da Sociedade Geográfica de Berlim, do Instituto Dramático de Coimbra e da Academia Real das Ciências de Lisboa⁹³.

Antonio Henriques Leal, intenta demonstrar que o “poeta de Caxias” fora o primeiro poeta do Brasil. Este desígnio aparece mais de uma vez como afirmação de qual tipo de memória deve ser conservada a respeito de Gonçalves Dias na memória das gerações vindouras. Henriques Leal faz ecoar nas páginas de seu trabalho a fala do Conselheiro Otaviano em discurso no senado brasileiro, ao falar dos serviços prestados às letras e as artes: “Nos temos também, sr. presidente, algumas glórias litterárias que já nos elevam no conceito do mundo e hão de no futuro construir o patrimônio de honra de nossos filhos. Gonçalves Dias é uma d’essas glórias, é no meu conceito o primeiro dos poetas brasileiros”⁹⁴.

A noção de ter sido Gonçalves Dias o maior poeta do Brasil se repete em diferentes momentos da escrita de Leal sempre com finalidades bem definidas, como torná-lo o maior poeta de ambos os países de língua portuguesa:

“Elle já era um dos maiores poetas do nosso paiz, com a madureza da idade desoppresso de cuidados para dedicar-se inteiramente á cultura do espírito e ao trabalho, *tornar-se-ia de certo uma das maiores glórias litterarias de ambos os*

typographias: Commercial nº 6. Americana nº 43. Clássica nº 84. Nos gabinetes de leitura portuguez e brasileiro e em casa de Paula Brito Largo do Rocio. O primeiro volume de poesias com que o Sr. Gonçalves Dias brindou a litteratura nacional, foram os “PRIMEIROS CANTOS” O publico acolheu com entusiasmo essa producção, e reconheceu como nós o engenho de seu jovem auctor que no vendor dos annos foi tão feliz na sua estréia litteraria. – O Sr. A. Gonçalves Dias, comum gênio ardente e sublimes inspirações, a cada idéia que exprime e que deixa como ponto de devisão de seu progressivo e extraordinário desenvolvimento intelectual, grangeia novos louros, que tão que tão viçosos como a sua fronte, entretecem-lhe a coroa litteraria a coroa litteraria que tão sinceramente lhe desejamos”. JORNAL CHRONICA LITTERARIA – 13 de fevereiro de 1848; nº 7; p. 56.

⁹³ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 217.

⁹⁴ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 161 – 162.

hemisférios onde se falla a língua portugueza.”⁹⁵

Leal argumenta que não faltavam a Gonçalves Dias os requisitos que o mestre Lamartine considerava que deveria haver no poeta perfeito, pois, semelhante a Homero, havia vivacidade nas cadências de sua melodia e dinamismo na escala de sua escrita, fazendo das palavras do poeta o recanto onde os diversos sentimentos da natureza humana encontrariam expressão⁹⁶. Como justificativa para seu argumento, Leal recorre a dois autores que lhe serviram de referência: Alexandre Herculano e Lopes de Mendonça⁹⁷. Desenvolvendo seu argumento em torno da obra de Lopes de Mendonça, Leal assume a fala do autor e afirma: – “não é de certo temerario affirmar que é hoje [1856] o *primeiro poeta* do Brasil, e um dos *mais notaveis talentos* da geração que se dedica as letras de ambos os paizes”⁹⁸.

O “poeta de Caxias” teria ainda a sua memória elevada ao nível dos grandes mestres, pelo seu biógrafo. Henriques Leal cita Francisco Sotero dos Reis para demarcar qual o lugar que deve ser ocupado por Gonçalves Dias na posteridade:

“como poeta romântico, a nenhum dos dois grandes lyricos do seculo XIX, Lamartine e Victor Hugo, cede em concepção imaginosa, fogo de inspiração e delicada expressão sentimental, por que a ambos *igualdade em grandeza do engenho, senão em nomeada por ser a língua portugueza muito menos conhecida que a franceza*. Como poeta do Novo - Mundo *não tem rival nas suas poesias americanas, por que nenhum dos contemporâneos sobe em seus vôos mais alto como elle*”⁹⁹.

Antonio Henriques Leal demonstra que, através da trajetória que construiu para o seu biografado, a idéia de Gonçalves Dias ser o primeiro poeta lírico do Brasil é uma unanimidade entre os homens de letras. Já tendo citado diversos literatos tanto de Portugal como do Brasil, cita ainda Joaquim Manoel de Macedo¹⁰⁰, em sessão do IHGB de 16 de dezembro de 1864, para corroborar seu argumento:

⁹⁵ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 229 (grifos meus).

⁹⁶ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 238.

⁹⁷ Leal indica quais as obras de cada autor fundamentam suas afirmações: **Futuro Litterario de Portugal e Brazil**. Revista Universal Lisboaense, Tomo VII, 1847, de Alexandre Herculano e Lopes de Mendonça. **Memorias de Litteratura Contemporanea**. Lisboa, 1855, p. 346.

⁹⁸ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 241 (grifos no original).

⁹⁹ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 263 – 264 (grifos no original).

¹⁰⁰ **Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil**. Rio de Janeiro: typographia Universal de Laemmert, Tomo XXVII, p. 438.

É porem na poesia lyrica que esta a suprema manifestação do inspirado. Gonçalves Dias é incontestavelmente *o primeiro poeta lyrico da língua portugueza*: é igual em suavidade a Gonzaga, e muito maior peta que elle; não cede a Garrett na magia de uma fluência enlevadora, nem a algum outro dos mais abalisados e formosos d'aquellas divinas delicadezas de poesias, que sómente podem nascer de uma rara e mimosa sensibilidade”¹⁰¹.

“Como se vê todos são unânimes em ceder a palma de primeiro poeta lyrico moderno, na língua portugueza, a Gonçalves Dias”¹⁰². Leal chega às últimas páginas de sua narrativa sobre a vida do amigo a quem chamou de “o verdadeiro gênio”, pronto a finalizar o propósito que o motivou a escrita: fazer de Gonçalves Dias o primeiro poeta do Brasil, além de torná-lo o libertador da literatura pátria. São as palavras do próprio Leal que afirmam isso:

Ao Sr. Antonio Gonçalves Dias compete *o primeiro lugar entre os primeiros poetas da geração nova*, a elle a honra de ter trazido do seio das florestas, a planta da poesia nacional e **completado a nossa emancipação** do jugo da Arcádia, a elle a glória da era nova aberta aos destinos da arte brasileira.¹⁰³

Antonio Henriques Leal conclui: – “a influencia que exerceu o poeta na nossa litteratura foi efficacissima e salutar, *emancipando-a de vez* e dando uma physionomia inteiramente nacional e originalíssima”¹⁰⁴.

É importante destacar que a edificação feita por Leal à memória de Gonçalves Dias ganhou eco nos autores canônicos da história da literatura no Brasil. Em estudo sobre o romantismo brasileiro Antonio Candido demonstra bem essa tese:

O aparecimento do romance, gênero adaptado à sensibilidade moderna, foi um verdadeiro acontecimento, pelas perspectivas que abriu. Igualmente importante foi a revelação de Antônio Gonçalves Dias (1823-64), *o primeiro grande talento do Romantismo brasileiro*, que parece finalmente configurar-se com ele, para além dos programas e das intenções. O essencial da sua obra poética está contido em três livros: Primeiros cantos (1847), Segundos cantos (1848), Últimos cantos (1851), revistos e reunidos num volume em 1857. Eles foram considerados pelos contemporâneos como a verdadeira pedra fundamental da poesia brasileira moderna¹⁰⁵.

Em outra obra clássica da história da literatura brasileira, escrita por José Veríssimo, encontramos a mesma construção de pensamento localizada em Henriques Leal:

¹⁰¹ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 271 – 272 (grifos no original).

¹⁰² LEAL, op. cit., Tomo III, p. 272.

¹⁰³ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 271. (grifos em itálico no original; grifos em negrito são meus)

¹⁰⁴ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 349. (grifos meus).

¹⁰⁵ CÂNDIDO, Antônio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 43 (grifo meu).

Os impulsos de renovação literária dos nossos românticos da primeira hora, Magalhães, porto alegre, Norberto, Macedo e outros, os veio perfazer o poderoso talento de Gonçalves Dias. Da poesia genuinamente brasileira, não por exterioridade de inspiração ou de forma ou pela intenção dos temas e motivos, mas pelo íntimo sentimento do nosso gênio com as suas idiossincrasias e peculiaridades, em suma da psique nacional, foi ele o nosso primeiro e jamais excedido poeta¹⁰⁶.

Continuando a trajetória dos ecos da escrita de Antonio Henriques Leal sobre o “poeta do Maranhão”, encontra-se também na história da literatura de Alfredo Bosi a reprodução da mesma estrutura de pensamento e escrita presentes no texto de leal:

“Gonçalves Dias foi o primeiro poeta autentico a emergir em nosso Romantismo. Se manteve com a literatura do grupo de Magalhães mais de um contato (passadismo, pendor filosofante), a sua personalidade de artista soube transformar os temas comuns em obras poéticas duradouras que o situam muito acima dos predecessores”¹⁰⁷

A Constância das mesmas construções de escrita sobre Gonçalves Dias e o valor de seu trabalho histórico e poético oferecem a dimensão de que tipo de memória Henriques Leal pretendia construir para o seu amigo poeta. A resposta aos argumentos de que estas idéias estão presentes apenas nos autores canônicos da história da literatura, pode ser encontrada na permanência destes postulados também em trabalhos recentes, como o de Bernardo Ricupero sobre o Romantismo no Brasil. Ricupero diz a este respeito que: – “foi provavelmente o maior poeta romântico brasileiro: Gonçalves Dias”¹⁰⁸.

No tomo IV do *Pantheon Maranhense* está biografada a vida do jornalista e historiador João Francisco Lisboa (O Timon Maranhense). João Lisboa nasceu no dia 22 de março de 1812 no povoado de Pirapemas, região de Itapecuru-mirim, no Maranhão. Filho de uma abastada família de fazendeiros, Lisboa partiu em direção da capital da província para iniciar os estudos das primeiras letras. Entre idas e vindas de São Luís à Pirapemas, Lisboa fixa-se na capital para lapidar a sua formação humanística nas “aulas públicas”. Com o intento de aperfeiçoar as noções de latim que possuía, o jovem Lisboa procurou “o maior mestre da época”, Francisco Sotero dos Reis, que cuidou de inserir João Francisco Lisboa nos estudos

¹⁰⁶ VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954, p. 202.

¹⁰⁷ BOSI, Alfredo. **A história concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 104.

¹⁰⁸ RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a idéia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins fontes, 2004, p. 138.

sobre Cícero e Virgílio.

Lisboa teve importante atuação na imprensa de São Luís, onde fundou e dirigiu “O Brasileiro” (1832), “O Echo do Norte” (1834), a “Crônica Maranhense” (1838), “O Pharol Maranhense” em parceria com José Candido de Moraes e Silva (1828), “O Publicador Maranhense” (1840) e o “Jornal de Timon” (1852) para citar os principais exemplos¹⁰⁹.

A obra de João Francisco Lisboa foi compilada por Antonio Henriques Leal, em quatro tomos, publicados postumamente, chamados de *Obras*, contendo nos três primeiros tomos todos os números do Jornal de Timon, e no quarto tomo “A vida do padre Antonio Vieira”, “Biografia de Manoel Odorico Mendes”, e alguns discursos de Lisboa como deputado na câmara provincial, bem como os folhetins publicados originalmente no *Publicador Maranhense*, a respeito dos usos e costumes do povo do Maranhão. Os números do Jornal de Timon constituem um importante trabalho sobre a História do Maranhão no período colonial e seus postulados podem facilmente ser estendidos a todo o Império do Brasil.

A biografia de João F. Lisboa foi empreendida por Henriques Leal seguindo a mesma trajetória da carreira jornalística de Lisboa e, em um segundo momento, o percurso de escrita do Jornal de Timon. O *Pantheon Maranhense* possui a característica de trazer contida nas historias de vida dos biografados a própria História do Maranhão no período imperial. Na sessão dedicada a João Francisco Lisboa, esta especialidade é mais evidente que em qualquer outra escrita por Henriques Leal, apresentando eventos como a Balaiada e suas semelhanças com as outras revoltas do período regencial, a Revolta de Beckman¹¹⁰, as sucessões entre os presidentes de província e as divergências entre os partidos, como exemplificação da própria dinâmica política da província¹¹¹.

¹⁰⁹ **Jornais Maranhenses** (1821- 1879). São Luís: Fundação Cultural do Maranhão - Biblioteca Pública Benedito Leite; SIOGE, 1981.

¹¹⁰ LEAL, op. cit., Tomo IV, p. 124 – 127.

¹¹¹ LEAL, op. cit., Tomo IV, pp. 38 – 60.

A definição feita por Leal a respeito da personalidade de Lisboa estava intimamente relacionada com os propósitos almejados por Leal ao traçar o perfil biográfico de João Francisco Lisboa que se desenvolveu em termos dos méritos intelectuais do historiador maranhense:

Incansável no trabalho, tenaz no estudo e nas investigações, de uma memória e reminiscencia como bem poucos as tem, os breves ocios que lhe ficavam das graves e complicadas questões de foro, e ao que roubava os passatempos da sociedade, dava-os todos á cultura do entendimento com a leitura meditada da historia e mais assumptos da litteratura, antiga e moderna, e de todos aquelles conhecimentos que illustram a quem tem sede de saber, e preparam *os verdadeiros historiadores*.¹¹²

Antonio Henriques Leal teve por motivação secundária detalhar a abrangência histórica da obra de Lisboa no *Jornal de Timon*, assinalando tomo a tomo quais os temas trabalhados, no objetivo principal de mostrar João Francisco Lisboa como o historiador por excelência do Maranhão e um dos maiores do Brasil. Leal demonstrou que nos primeiros quatro volumes do *Jornal de Timon*, que também correspondem ao primeiro tomo das *Obras*, há uma profunda discussão sobre as eleições, desde antiguidade até os tempos modernos, abrangendo de igual modo as práticas de eleições na província do Maranhão¹¹³.

Leal mostrou o mérito de Lisboa em tratar na sessão referente aos partidos e eleições no Maranhão, sobre o complexo panorama das instituições e do sistema político no período imperial, exemplificando os tipos de presidentes de províncias, tipos de candidatos, o papel da imprensa no jogo de interesses políticos e a organização da dinâmica eleitoral no Império do Brasil, que se configuram em uma densa descrição dos costumes políticos imperiais¹¹⁴.

Leal não deixou de destacar as especificidades da escrita de João Lisboa sobre a história colonial da sua província natal:

Ocuppa-se de fatos concernentes a sua província natal, mas sob outros aspectos: as observações e investigações são de outra ordem, outra índole e outros os assumptos. Constam de uma série de memórias históricas que se prendem aos factos dos tempos

¹¹² LEAL, op. cit., Tomo IV, p. 83 (grifo meu).

¹¹³ LEAL, op. cit., Tomo IV, pp. 87 – 88.

¹¹⁴ LEAL, op. cit., Tomo IV, pp. 96 – 97.

coloniaes, e que já pela obscuridade d'elles, já pelas difficuldades de bem elucidal-os e sua subida importância cumpria aventados, discutidos e esclarecidos *por quem tinha, como Lisboa, todas as virtudes do perfeito historiador*.¹¹⁵

O tomo II das *Obras* constituiu-se em um importante trabalho sobre a História do Maranhão, a semelhança do anterior, mas contendo uma diferença fundamental: João Lisboa desenvolve uma verdadeira operação historiográfica nas obras sobre a história local que até então se achavam impressas na província. Este posicionamento assumido por Lisboa ao mostrar as fragilidades de cada obra mostra-nos as inquietações de um homem preocupado com as mudanças de seu tempo, descortinando as estruturas e tendências de escrita da história presentes nos autores e que se estendiam à própria história da província¹¹⁶.

Henriques Leal prossegue sua descrição do perfil historiográfico de João Lisboa na mesma trajetória do *Jornal de Timon*, mostrando um livro após o outro as pretensões do historiador maranhense:

Tractando depois no livro I do descobrimento da America, das viagens exploradoras de diversos navegantes, e em especial das mallogradas tentativas para explorar-se e colonizar o Maranhão, discute luminosamente tudo quanto sobre estes pontos tem sido ventilado e escripto.

Ocuppa-se successivamente nos livros II e III das invasões francezas e hollandeza *esclarecendo* (...) algumas dúvidas *suscitadas e não resolvidas até hoje* pelos authores que sobre ellas discorreram (...).

Faz no livro IV paralelo entre as duas invasões (...).¹¹⁷(grifos meus)

Leal avançou na descrição dos trabalhos de João Lisboa destacando as características de sua escrita, pelo rigor de seu método, sempre enfatizando sua condição de prosador e historiador:

(...) é tempo de resumir a individuação do que há de preciosidades no tomo III das *Obras do nosso historiador quanto principal prosador*. Continua n'elle com investigações e estudos historicos sobre o Maranhão; e como em outros escriptos de sua energica e varonil penna deleitam tambem estes pela natureza e importancia dos assumptos, pela phrase ainda mais castigada, pela abundancia e purezadas fontes onde foi beber os documentos com que testifica os seus assertos. Nos treze primeiros capitulos, empóz uma admiravel synthese da antiga capitania do Maranhão desde o seu descobrimento até 1679, entra na avaliação da população colonial, do systema primitivo de doações, aponta inconvenientes, mau exito e ephemera duração, examina o regimento dos governadores geraes, suas atribuições por ilimitado que se arrogavam, e mostra os muitos abussos e arbitrariedades que commetiam, bem assim o pouco zelo e a corrupção d'alguns, como eram constituídos, (...) curando cada

¹¹⁵ LEAL, op. cit., Tomo IV, p. 111 (grifo meu).

¹¹⁶ Ver nota 48.

¹¹⁷ LEAL, op. cit., Tomo IV, p. 112.

uma d'essas classes só de seus interesses com detrimento do povo¹¹⁸.

Henriques Leal não pretendia fazer da biografia de Lisboa o resumo de sua obra, mas mostrar a abrangência e a especificidade do método e visão da história do Timon maranhense e o faz citando o próprio João F. Lisboa:

Eis aqui certamente uma revolução, em que a acumulação das causas a ténpera dos caracteres, e o estranho e variado dos incidentes, e o trágico e o sanguinolento do desfecho dão á historia o attractivo pungente do romance (...), uma d'essas intrigas cheias de incidentes e de commoções que o gênio do verdadeiro romancista sabe urdir com tanta naturalidade.¹¹⁹

João Lisboa permaneceu na capital de sua província até os 43 anos, mas em 4 de julho de 1855 partiu para a capital do império, onde logo tomou parte nos trabalhos das redações do *Jornal do Commercio* e do *Correio Mercantil*. Além dos trabalhos na imprensa fluminense, Lisboa aprofundou, na condição de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os trabalhos relacionados à história pátria, que logo lhe fariam ir a Europa¹²⁰ em comissão oficial do IHGB, em que substituiria Antonio Gonçalves Dias na coleta de documentos referentes à História do Brasil encontrados nos arquivos Portugueses¹²¹.

João Francisco Lisboa permaneceu na Europa em função de sua comissão de estudos históricos até o dia 26 de abril de 1863, quando faleceu na cidade de Lisboa. Henriques Leal findou a biografia sobre João Francisco Lisboa afirmando ser a biografia que escrevera um tributo a memória do historiador maranhense.

Diferentemente do que propôs nas biografias anteriores, Leal desenvolveu seu argumento quanto à superioridade da história escrita por Lisboa, em termos apenas da trajetória trilhada pelo historiador maranhense, dando destaque quando oportuno as características de historiador e prosador presentes em João Francisco Lisboa.

A trajetória construída por Leal nas biografias dos membros do grupo maranhense

¹¹⁸ LEAL, op. cit., Tomo IV, pp. 122 – 123.

¹¹⁹ LEAL, op. cit., Tomo IV, pp. 127 – 128.

¹²⁰ Foi nessa viagem, comissionada pelo governo imperial a Portugal, que João Lisboa coletou a documentação que utilizou para confeccionar um de seus principais trabalhos, *A vida do padre Antonio Vieira*. Nesta mesma comissão Lisboa percorreu as mais importantes cidades da França, Inglaterra, Espanha, Itália e Bélgica.

¹²¹ LEAL, op. cit., Tomo IV, p. 186 – 187.

é parte importante na constituição do culto *post-mortem* à memória dos letrados na província do Maranhão. A morte sucessiva desses intelectuais em um período curto de tempo, de apenas dois anos, excetuando Sotero dos Reis, deu mais fôlego a interpretação de que as glórias e excepcionalidades da província do Maranhão estavam na memória sobre seus letrados. Após a morte dos homens de letras do Maranhão, as glórias literárias da província deixaram de ser representadas pelos feitos dos literatos para serem representadas pelos próprios letrados.

Esta mudança de aspecto na maneira como se representou a imagem de grandeza associada à memória dos letrados é a condição de existência de uma obra com as características do *Pantheon Maranhense*. O próprio Antonio Henriques Leal sinaliza essa questão nas páginas de seu livro:

A fatalidade pesava sobre o Maranhão! Seus quatro maiores engenhos tinham desaparecido em pouco mais de um anno e todos longe dos amigos e da patria, e sem acharem ate hoje – tres d'elles – sepultura na terra natal! João Lisboa, na capital do reino de Portugal, a 26 de abril de 1863, Gomes de Sousa em 1º de junho do mesmo anno. Odorico Mendes a 18 de agosto de 1864, em Londres, e por ultimo Gonçalves Dias, a 3 de novembro d'esse mesmo anno, tendo o oceano por sudario!¹²²

É importante lembrar que foi exatamente em função da própria morte que os letrados puderam lograr o lugar que lhes seria de direito no Pantheon das glórias literárias. A construção de uma obra como o *Pantheon Maranhense* representa a elaboração de um monumento à memória dos filhos ilustres da província do Maranhão, com a função clara de instituir um culto a sua memória e fazer deles parte integrante do Pantheon das glórias brasileiras, como mostra Leal:

Ao conceber esta coleção esperançava-me a fagueira ideia , e applaudia-me de que iria com ella estimular outros obreiros a emprehenderem em suas respectivas provincias obras identicas a esta, para aproveitarem depois a quem, melhor aquinhoado nos dons da intelligencia e fecundo no produzir, architetasse um dia o nosso *Pantheon Brasileiro*¹²³.

Até o ano de 1864 três dos principais literatos do grupo maranhenses estavam mortos, restando ainda na capital da província Francisco Sotero dos Reis. Com a virada do

¹²² LEAL, op. cit., Tomo II, p. 140.

¹²³ LEAL, op. cit., Tomo II, p. XIV.

ano de 1870 para o de 1871 e a repentina morte de Sotero dos Reis consolida-se definitivamente na província a idéia de culto a memória desses letrados e sua contribuição ao progresso das letras da nação, como se observa na nota de falecimento de Sotero dos Reis:

Fallecimento. – Perderam as boas letras patrias um dos seus mais distintos ornamentos com a morte do respeitável ancião o sr. Francisco Sotero dos Reis. O illustre fallecido passa em diante a occupar invejavel logar no Pantheon das nossas glorias litterarias.¹²⁴

Tomando emprestada a reflexão feita por Paul Ricoeur sobre a morte na história¹²⁵, é possível dizer que o *Pantheon* escrito por Henriques Leal foi interpretado pelas gerações que o sucederam como uma espécie de cemitério de ilustres, como o único “lugar”¹²⁶ que possibilitasse a elaboração dos discursos históricos sobre os letrados maranhenses.

O *Pantheon Maranhense* foi recebido pelos homens de letras do Maranhão como um panorama da elite política e intelectual da província, como o monumento em defesa dos valores mais caros a elite letrada na província do Maranhão. Contudo, esses bons olhos ao trabalho empreendido por Henriques Leal não permaneceram na corte do Império.

O tomo I das biografias foi recebido pelo primeiro secretário do IHGB Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro na sessão magna do Instituto em 25 de dezembro de 1873. A notícia sobre o recebimento das biografias escritas por Henriques Leal tornou-se do conhecimento de todos com o seguinte parecer:

Recebemos no derradeiro dia de sessão ordinaria um exemplar do Pantheon Maranhense devido á laboriosa e patriotica penna do nosso consocio o sr. A. Henriques Leal. No volume que acaba de sahir da imprensa nacional de Lisboa, lêem-se biografias de Manoel Odorico Mendes, João Ignacio da Cunha Barbosa (Visconde Alcantara), Francisco Sotero dos Reis, José Candido de Moraes e Silva, Antonio Pedro da Costa Ferreira (Barão de Pindaré). Faltou-me tempo para detidamente apreciar tão substanciosa obra; mas o seu simples titulo e exposição do plano, foram bastante para entristecer-me, julgando descobrir n'ella *tendencias*

¹²⁴ O LIBERAL, nº 06, 21 de janeiro de 1871.

¹²⁵ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, pp. 373 – 379.

¹²⁶ Tomamos emprestada a acepção de “lugares de memória”, de Pierre Nora, para afirmar a condição do Pantheon maranhense como um desses lugares “onde a memória se cristaliza e se refugia”. O culto à memória é o mecanismo que torna sempre presente os fatos e os livra de se tornar passado. A memória impede que o evento seja transportado pela temporalidade do tempo presente para um tempo passado. É a memória que garante existência aos eventos, impedindo-os de perderem seu estatuto de existência ao serem tocados e envolvidos pelo tempo passado. Cf. NORA, Pierre. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, dezembro, 1993, p. 07.

autonomicas e um certo *particularismo* que há muito desejára ver banido da nossa nascente litteratura¹²⁷.

Antonio Henriques Leal, descontente com a recepção de seu trabalho pelos membros do Instituto do qual também era membro, defende-se na “Advertencia” do tomo II:

Bem longe estava eu de suspeitar que no recinto d'aquella sábia e respeitavel associação se levantasse voz tão authorisada para reprovar a apparição de uma monografia por isso que o era; quando em 1848 suscitou-se ali pela primeira vez e com muita eloquencia a ideia de trabalhos similhantes, como meio seguro e facil de obter-se exacto e perfeito conhecimento de nossos homens e cousas, e os materiais da nossa historia, geografia e estatistica, extrahidos de suas fontes naturaes para depois aproveitarem-se d'elles os ellementos com que formar um conjunto concreto, homogeneo e curioso em noticias completas e verdadeiras sobre o nosso império¹²⁸.

Antonio Henriques argumenta que a legitimidade de seu trabalho estava fundamentada em um dos princípios básicos que norteavam a escrita da história empreendida pelo IHGB, de encontrar nas biografias dos grandes vultos da nação os elementos que fortaleceriam a consolidação do império¹²⁹.

Apesar dessa tensão, o parecer do primeiro secretário do IHGB é revelador de uma postura da escrita da história praticada pelo IHGB, que primava pela escrita da história da nação e não de histórias das províncias, por nelas haver as chamadas “tendências autonômicas” e os “particularismos” que não contribuiriam para a construção de uma história nacional homogênea e coesa ao redor do IHGB¹³⁰.

Apesar da forma como o IHGB entendeu qual seria o “lugar” ocupado pelo *Pantheon Maranhense* na construção de uma memória sobre a história da nação, essa tensão entre o autor das biografias e o primeiro secretário, a falar em nome de uma instituição, é reveladora da maneira como durante as primeiras décadas do século XIX a escrita da história do Brasil foi empreendida: por um lado o IHGB combatendo as tendências regionalistas da escrita da História, em prol da construção de uma História nacional e por outro o aparecimento de obras de cunho literário e político com a marca dos “particularismos”

¹²⁷ JORNAL DO COMMERCIO – terça-feira, 03 de dezembro de 1873 – anno 52 – nº 360 – p. 02 (grifo no original).

¹²⁸ LEAL, op. cit., Tomo II, pp. XI – XII.

¹²⁹ Ver nota 19.

¹³⁰ Ver nota 22.

provinciais que permaneceu como característica da escrita da história do Brasil durante grande parte século XIX.

A escrita de trabalhos como *O Pantheon Fluminense* (1880), *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres* (1882), que sucederam o *Pantheon Maranhense* (1873 – 1875) no fim do século XIX são indicativos de que as tensões entre as províncias e o poder central da corte do império permaneceram e foram decisivas no perfil da escrita da história nacional principalmente na segunda metade do século XIX¹³¹.

Ao iniciar a escrita das biografias que compuseram os quatro volumes de seu *Pantheon Maranhense* Henriques Leal tinha como claro objetivo influenciar outros literatos das províncias do Império a escrever obras parecidas, para que fosse composto o Pantheon brasileiro. Leal objetivava erigir para os letrados de sua província natal um lugar no Pantheon das glórias literárias, bem como influenciar os rumos da escrita da História do Brasil. O aparecimento de obras semelhantes a sua pela extensão do império sinalizaram o seu êxito.

¹³¹ CARVALHO, op. cit., pp. 242 – 243.

2. “Glória ao poeta – gênio!”¹³²: Gonçalves Dias e o culto às grandezas do *Pantheon Maranhense*.

A escrita da biografia de Antonio Gonçalves Dias, por Antônio Henriques Leal, no *Pantheon Maranhense*, é um dos maiores emblemas da construção de uma imagem de singularidade cultural para a província do Maranhão. Em outras palavras, a biografia do “poeta de Caxias” é símbolo da posição que a província deveria ocupar no cenário imperial, uma vez que a imagem de que Antônio Henriques Leal lançou mão para elaborar o perfil do poeta pode ser facilmente estendida para a província maranhense.

A construção desse panteão das grandezas intelectuais da província do Maranhão é a expressão máxima de um desejo de construir uma imagem responsável por fazer do Maranhão uma província diferente das outras em pelo menos um aspecto: a cultura. Dito de outro modo, o *Pantheon Maranhense* condensa um conjunto de idéias da elite letrada maranhense sobre a percepção que o conjunto da sociedade, tanto maranhense como brasileira, deveria ter dos seus “representantes ilustres”.

Segundo Francisco Sotero dos Reis:

Não obstante ser o Maranhão uma província de segunda ordem, e inferior a muitos respeitos a outras do império, seria muito para desejar, no interesse do progresso das letras que as suas irmãs a imitassem no amor ao estudo da língua materna e litteratura que della dimana: o melhor, e com especialidades em materia de progresso intellectual, deve ser sempre adoptado em qualquer parte que se encontre, sem que d’ahi venha o menor pesar a quem o adopta.¹³³

O que nos é mais importante nesse texto é a consciência do lugar que a província ocupa em alguns aspectos frente as suas “irmãs” do império, que mesmo sendo uma província de nível inferior no que se referia a crescimento econômico ou destaque na política imperial, ocupava lugar de destaque quando se tratava do amor às letras e servia igualmente de modelo para as demais províncias do império. Essa é a chave de leitura de que devemos dispor para

¹³² LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos**. . Tomo II. Lisboa: imprensa nacional, 1874, p. 556.

¹³³ SOTERO DOS REIS, Francisco. **Curso de Litteratura Portuguesa e Brasileira**. Maranhão, Tipografia Bellarmino de Mattos, 1866, vol. I, p. XXI.

ler a biografia e a história da vida do poeta Gonçalves Dias, que se tornou símbolo desse apego ao cultivo da “língua materna” e do conhecimento que dela derivava na província do Maranhão.

2.1. O ambiente intelectual no Maranhão: algumas considerações.

A partir dos anos de 1845 a percepção que era corrente sobre o desenvolvimento das letras na província do Maranhão começa a se modificar. O aparecimento de folhas literárias, jornais de Instrução, folhetins, bem como de sociedades e agremiações literárias contribuíram substancialmente para essa mudança.

Outro aspecto bastante importante para a mudança no perfil intelectual da sociedade Maranhense foi o aparecimento das oficinas tipográficas, que possibilitaram a publicação dos principais jornais, de diversas aeras, no Maranhão. Antonio Henriques Leal demonstra na biografia de Bellarmino de Mattos, o tipógrafo, o início dessa história.

Segundo Leal, em 31 de outubro de 1821 chegava ao Maranhão a primeira oficina tipográfica da província, destinada inicialmente a fazer circular a publicação oficial *Conciliador do Maranhão* e um ou outro escrito avulso. Leal diz ainda que até o ano seguinte esse era o único meio de publicação existente na província, que mudando de nome após os movimentos de independência passou a chamar-se de *Tipografia Nacional Imperial*, ficando a diversidade de tipografias restrita à corte do Império¹³⁴.

A partir daquele ano outras oficinas tipográficas foram criadas, uma no mesmo ano de 1830, fundada por Clementino José Lisboa; a seguinte em 1835, por João Francisco Lisboa e Frederico Magno D’Abranches sob o nome de *Tipografia Constitucional*. Até 1847, segundo o próprio Leal, não houve maiores avanços na arte tipográfica da província¹³⁵. Embora a estrutura que existia fosse um tanto frágil, era suficiente para lançar a luz importantes publicações como *O amigo do Homem* (1827), *Argos da Lei* (1825), *O Brasileiro*

¹³⁴ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 227.

¹³⁵ LEAL, op. cit., pp. 227 – 228.

(1830 - 1832) *O Censor* (1825-1830), *Chronica Maranhense* (1838-1841), *O Despertador constitucional* (1828), *Despertador Maranhense* (1839), *Echo do Norte* (1835), *A Estrella do Norte do Brazil* (1829-1830) e o *Farol Maranhense* (1827).

Esse caminho construído por Leal em meio à história da tipografia Maranhense não é despropositado em sua narrativa, pois objetiva fortalecer a idéia de que a província do Maranhão possuía uma sólida estrutura publicadora, que possuía condições de manter a circulação de periódicos os mais variados possíveis, embora algumas publicações tivessem uma existência bastante efêmera. Ainda assim as páginas do *Pantheon Maranhense* dedicadas a esse assunto representam uma defesa impetuosa da tradição letrada da província bem como de sua inclinação “natural” ao cultivo da alta cultura e de seu refino instrutivo.

Desse modo, em dezembro 1846, uma importante publicação da capital maranhense, a folha literária *O Arquivo*, traz em suas páginas um importante panorama sobre o cultivo das letras nas províncias do Império, em artigo intitulado *Desenvolvimento Literário*. A chave de leitura necessária para entender a natureza dessa publicação é o delineamento da posição ocupada pela província do Maranhão frente às outras províncias do império, ou seja, ao mesmo tempo em que enuncia o progresso literário das províncias demarca o lugar dos letrados maranhenses nesse processo.

Segundo Frederico Colin¹³⁶, autor do artigo:

Parece maravilhoso, e digno por sem duvida de admirar-se, a maneira por que ha um anno se tem desenvolvido as letras, e o amor da instrucção pelas diversas provincias do império, á quem do rio de janeiro, que ate então jaziam em um marasmo aniquilador. Alem de alguns jornais políticos, que as vezes ainda maior gremem de destruição em sicontinham, nenhuma outra publicação produzia a imprensa, ainda nas mais adiantadas capitais do imperio; ate que desse letargo que o espírito publico parecia engolphado, o veio tirar o bom desejo de alguns mancebos emprehendedores e ousados, que superando as dificuldades, saltando por cima de toda a sorte de embaraços (...) se arrojaram a publicar alguns jornaes políticos e litterarios¹³⁷.

Um aspecto interessante contido nessa publicação é destacar a inovação

¹³⁶ Augusto Frederico Colin era um dos redatores da folha literária *O Arquivo*, além de amigo de Gonçalves Dias.

¹³⁷ **O Arquivo**, dezembro de 1846, vol. 1, n° 09, p. 177.

promovida por aqueles que se lançaram na empreitada de promover o saber e desenvolver a instrução pública, pois em comparação com a capital do império havia a necessidade de que outras províncias também empreendessem algo semelhante no que se referia ao cultivo das letras.

Mesmo apresentando durante o andamento de sua narrativa os progressos de várias províncias no norte do império no que dizia respeito ao desenvolvimento literário, o autor demarca qual era a posição ocupada pela província do Maranhão nesse processo: “Foi na província do Maranhão onde se ensaiaram as primeiras tentativas dessa publicação, que tanto instrue e recrea as pessoas dadas a leitura.”¹³⁸

E o que é mais importante destacar é o fato dessa construção sobre a realidade intelectual do Maranhão ganhar fôlego durante todo o século XIX e ser uma espécie de lugar comum dos discursos sobre a intelectualidade e a elite letrada Maranhense. Encontramos essa imagem com contornos bem definidos no Curso de Litteratura Portuguesa e Brasileira de Francisco Sotero dos Reis, onde a permanência dessa construção é notada de maneira bem clara: “O Maranhão felizmente que a nenhuma outra província do império cede em bons desejos de caminhar para diante nas vias do progresso intelectual”¹³⁹.

Frederico Colin mostra ainda que, no ano de 1845, tiveram lugar na capital maranhense as primeiras atividades de diversas agremiações literárias, entre elas a *Associação Litteraria Maranhense* “animados por uma constante vontade e por um desejo insensível de, e assim estimular alguns habéis espiritos a que os imitasse, e assim fizessem ao país um verdadeiro serviço”¹⁴⁰, de modo que em 25 de fevereiro do mesmo ano publicaram o primeiro número do *Jornal de Instrução e Recreio*, e em seguida a alguns melhoramentos na técnica e arranjo tipográfico deram novo formato a publicação chamando-a *O Arquivo*, mantendo, contudo, a posição de destaque ocupada pela publicação no meio urbano da capital

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ SOTERO DOS REIS, op. cit., p. XXI.

¹⁴⁰ *O Arquivo*, op. cit., p. 177.

maranhense¹⁴¹.

Contudo o desenvolvimento literário não era uma prerrogativa da província do Maranhão, mas uma tendência das letras no norte do império, de modo que:

“**a exemplo do Maranhão** instalou-se na provincia da Bahia o *Instituto Litterario*, que em 2 de agosto do anno passado (1845) publicou-se o primeiro numero de seu *Crepusculo*, periodico instructivo e moral, muito bem escripto, e de verdadeira utilidade para aquella provincia. Ahi se encontram optimos artigos em prosa e em verso¹⁴².

Noticiando o aparecimento da *Sociedade Philomatica Olindense*, e de sua respectiva publicação periódica, passando pelo surgimento de sociedade de igual natureza na Província do Pará, Frederico Colin aponta o desenvolvimento literário das províncias do norte em direção à “civilização moral”, e a oferta de um tipo diferente de distração aos cidadãos dados a leitura, destacando a importância de publicações que tratem de assuntos diferentes de política¹⁴³.

A conclusão de um artigo dessa natureza não poderia ser outra senão a de ratificar qual seja a posição da província maranhense no desenvolvimento cultural do Império:

*Em desenvolvimento moral, e a muitos outros respeito é o Maranhão uma das primeiras províncias do Imperio, rivalizando com isso com as do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, onde mais de um diario se publica, e em que se dão com a maior celeridade noticias de mais interesse para todas as classes uteis da sociedade. (...) a nossa provincia tomara nesta parte o logar que lhe compete, apar de suas irmans mais desenvolvidas e civilizadas, e concorrera por esta forma , com o seu pequeno contingente para o engrandecimento e futura prosperidade do Imperio de Santa Cruz.*¹⁴⁴

Foram estas as idéias que se condensaram durante o segundo e terceiro quartéis do século XIX no Maranhão e que foram responsáveis por dar tanto destaque quando a obra de Gonçalves Dias e veio a publico quanto por fortalecer sua memória após sua morte, ou seja, a idéia de que o Maranhão era uma província distinta das outras do Império, primeiro atrelou o desenvolvimento cultural da província a imagem construída sobre seus literatos e depois instituiu o culto *post-mortem* a memória desses letrados que eram os “filhos ilustres” do

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² **O Arquivo**, op. cit., p. 178 (grifos em negrito são meus; grifos em itálico no original).

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ **O Arquivo**, op. cit., pp. 178 – 179 (grifos meus).

Maranhão.

2.2 Construindo uma representação: Gonçalves Dias como ícone da singularidade cultural maranhense.

O ambiente cultural da capital da província ofereceu rápidas condições para que Gonçalves Dias se tornasse o representante maior, não do romantismo brasileiro, mas dos feitos (heróicos) dos maranhenses no cenário imperial. Com o passar dos anos a maioria das informações que se veiculava sobre o “poeta de Caxias” e seus sucessos era quase que automaticamente convertida como glória da província, não como virtude do talento do poeta, mas como característica inata dos que nasciam naquela província.

Antonio Henriques Leal preocupou-se em construir para Gonçalves Dias, nas páginas do terceiro tomo do *Pantheon Maranhense*, a imagem do poeta maranhense como o maior poeta do Brasil. Contudo não encontramos apenas esta imagem do poeta contida nas páginas da biografia escrita por Leal sobre Gonçalves Dias. Outra imagem que é forjada para Dias é quase que um estigma em sua jornada intelectual: ser o mais alto representante da cultura letrada maranhense. Leal distingue Gonçalves Dias como portador de um talento sem precedentes, e o faz nos seguintes termos:

Bem dita a hora em que nasce um gênio aqui, alli, além, que importa se for luz benéfica que esclareça e guie humanidade? A esse outhorga Deus parte de seus attributos, e ordena-lhe que trabalhe e produza e o mundo da mais um passo para deante do stadio (sic.) do progresso e da perfectibilidade humana, impellido por essa nova força¹⁴⁵.

Essas são as palavras encontradas nas primeiras linhas da biografia de Gonçalves Dias e que representavam o conceito mais corriqueiro que se tinha do poeta maranhense. Essa imagem de grandeza do poeta também é encontrada nas páginas do *Curso de Litteratura Portuguesa e Brasileira* de Francisco Sotero dos Reis, da seguinte maneira:

Há senhores, certos homens privilegiados a quem a natureza enriquece com aquillo, que pode considerar a supremacia, ou a realeza da intelligência, concedendo-lhes faculdades intellectuais muito mais desenvolvidas, que as dos outros homens. Este

¹⁴⁵ LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses illustres já falecidos.** . Tomo III. Lisboa: imprensa nacional, 1874, p. 03.

dom especial, ou este privilégio, que distingue o homem com intelligencia, não de milhares, não de centenas de milhares, mas de milhões de outros homens, é o que se chama gênio, engenho singular, talento por excellencia, por que todas as denominações são mesquinhas para bem designal-o. (...) É um destes reis da intelligencia (...) o poeta Antonio Gonçalves Dias¹⁴⁶.

A biografia escrita sobre Gonçalves Dias, em o *Pantheon Maranhense*, é na verdade a etapa final de uma construção que se inicia na década de 1840 quando o poeta regressa de Portugal, onde concluía seus estudos superiores, e publica seu primeiro trabalho de importância: os *Primeiros cantos*. As considerações feitas por Antonio Henriques Leal nas páginas que dedica a falar da vida de seu amigo poeta seriam incompletas se anteriores a elas não existisse um valor social construído sobre a importância de Gonçalves Dias para a cultura letrada maranhense.

Desconhecido do público e na intimidade de dois ou três amigos entregava-se de seu vagar e com socêgo ás lides litterárias, fervilhando-lhe na mente mil projetos e meditando excursões arrojadas para todas as províncias da literatura – história, poemas, romances, dramas – que tudo se realizaria para a glória do Brazil. No mês de janeiro de 1847 publicou enfim o seu primeiro volume de poesias.¹⁴⁷

O burburinho no meio letrado maranhense iniciou com uma notícia presente no jornal *O Progresso*, de 01 de fevereiro de 1847, que tratava sobre a publicação na capital do império da primeira obra de poesias de Antonio Gonçalves Dias. Segue-se a leitura da manchete: “Os primeiros Cantos do Snr. Antonio Gonçalves Dias. Recentemente publicados no rio de Janeiro, e ultimamente chegados a esta cidade, (...) serão com toda brevidade distribuídos pelos srs. Assinantes”¹⁴⁸.

Publicados em 1847, o livro de Gonçalves Dias, *Primeiros cantos*, causou verdadeira euforia na elite letrada maranhense. Para além de toda repercussão que a obra causara nos meios letrados nacionais, representando uma profunda mudança na literatura brasileira, no âmbito maranhense o lançamento deste livro representou o início da edificação de uma imagem de grandeza para a província representada na pessoa de Gonçalves Dias.

¹⁴⁶ SOTERO DOS REIS, Francisco. **Curso de Litteratura Portuguesa e Brasileira**. Maranhão, Tipografia Bellarmino de Mattos, 1868, vol. IV, pp. 309 – 310.

¹⁴⁷ LEAL, op. cit., tomo III, p. 79.

¹⁴⁸ **O Progresso**, 01 de fevereiro de 1847, p. 04.

Os juízos que se formaram sobre a importância do lançamento da obra têm em comum a excepcionalidade do autor das poesias em sua condição sempre destacada de gênio da poesia. Comparado ao rouxinol que quebra o silêncio da solidão da floresta, Gonçalves Dias era “a voz austera que só se dirige ao espírito, para escutar os accents mais ternos que falam ao coração – os suspiros de uma alma de poeta!”¹⁴⁹.

Sob este ponto de vista procuraremos transmitir ao leitor as deliciosíssimas impressões que sentimos ao ler os primeiros cantos do sr. Antonio Gonçalves Dias, coleção sumamente variada de poesias, tão bella, como as mais bellas que *tem sido inspiradas pelo gênio brasileiro*.

O Sr. Gonçalves Dias não pertence a nenhuma dessas escolas que procurando separar o que de sua natureza é um e indivisível, sacrificão o pensamento á expressão, o colorido ao desenho ou vice-versa. No seu modo de pensar poesia é (...) o bello na matéria como na forma o pensamento sublime adornado de todas as gallas da expressão. Inspiração, sentimento, colorido, tudo elle reúne em summo grão. Seus versos são (...) sempre tão repassados de harmonia que *si gravão per si mesmo na memória de quem lê*. A rima é fácil, sem que ninguém o sinta, o consoante ahi vem colocar-se no fim do verso como seu próprio, e com tanta propriedade que ninguém se imaginaria a substituí-lo por outra palavra.

Os Sentimentos mais nobres do coração humano se abrigão nessa alma de poeta.¹⁵⁰

Essas eram algumas das impressões que se tinha de quem seria elevado à condição de arauto da independência literária brasileira. Efetivamente com Gonçalves Dias, os laços que “prendiam” a literatura brasileira a portuguesa se romperam e o entusiasmo por tratar de assuntos referentes a Portugal diminuiu na razão direta do afeiçoamento dos letrados “por uma pátria cujo o nome acabava de ser inscripto rapidamente, como por encanto, no catalogo das grandes nações”¹⁵¹.

Passados um ano o reboiço que a leitura dos *Primeiros cantos* causava parecia de obra recém-publicada. Sobre o poeta cantaram todas as glórias que eram possíveis. Buscou-se erguer a sua imagem a semelhança de um monumento da literatura nacional. Mais que isso,

o que é certo, e o que ninguém, julgamos nós, é que a literatura portuguesa acha-se enriquecida por mais um nome, que vae muito bem a par deos de Garret, Alexandre Herculano, Magalhães – os príncipes corypheos da poesia portuguesa dos nossos dias. *Fica-nos a nós maranhenses, o não pequeno orgulho de haver sido quem dota o Brasil com esse jovem astro, que já brilha com seu próprio esplendor e que tão ricas esperanças dá para o futuro*¹⁵².

¹⁴⁹ **O Progresso**, 15 de janeiro de 1848, n° 11, p. 02.

¹⁵⁰ **O Progresso**, 28 de junho de 1847, n° 125, p. 04 (grifos meus).

¹⁵¹ *Idem*, p. 03.

¹⁵² **O Progresso**, 15 de janeiro de 1848, n° 11, p. 03 (grifos meus).

O que se deu certamente foi que este orgulho da terra que deu a luz o gênio da poesia nacional de expandiu de modo que as glórias dadas ao poeta gradativamente foram compartilhadas com sua província natal. Dito de outra forma, a singularidade da cultura letrada maranhense deixou de se fundamentar na idéia de que “eh uma terra bemdita a terra de São Luis; não há no mundo paiz abundante em mais primores”¹⁵³ para se converter no culto das glórias dos seus letrados, ou seja, o Maranhão, ou melhor, a sua capital, passaria a ser diferenciada das demais províncias do império por ser o berço onde nasceram tantos vultos das letras nacionais.

É com base nessa premissa que Antonio Henriques Leal ratifica no tomo I do *Pantheon Maranhense* o aspecto único a diferenciar a província do Maranhão das demais do império: – “É sem contestação a este benéfico e vigoroso impulso, que deve o Maranhão o primar n’este ponto ás suas irmãs, e merecer de alguns escriptoreso mui linzongeiro epíteto de Athenas brasileira”¹⁵⁴.

Fixados, desse modo, os parâmetros do culto aos primores das terras maranhenses, Gonçalves Dias foi erguido como o seu representante mais ilustre, e as páginas do *Pantheon Maranhense*, escritas a esse respeito, ratificam essa noção. Citando Sotero dos Reis, Leal diz a respeito de Gonçalves Dias:

O Sr. Gonçalves Dias, pois, que se dá a conhecer por taes ensaios (*A innocencia* e a *Ideia de Deus*), e faz sua entrada no mundo literário debaixo de tão felizes auspícios, é um engenho de finíssima ténpera, um engenho que sem duvida há de honrar o nome brasileiro.¹⁵⁵

Segundo Antonio Henriques Leal, seu amigo poeta não poderia desvencilhar-se das ovações os quais seus primeiros cantos seriam submetidos, pois, “como a violeta, denuncia-se, escondida por entre a folhagem, por sua fragancia, assim os *Primeiros Cantos*,

¹⁵³ **O Progresso**, 16 de abril de 1850, n° 44, p. 02.

¹⁵⁴ LEAL, op. cit., tomo I, p. 03. Para maiores esclarecimentos sobre a construção desta imagem para a cidade de São Luis consultar BORRALHO, José Henriques de Paula. **A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no império Brasileiro**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado, 2009.

¹⁵⁵ LEAL, op. cit., tomo III, pp. 65 – 66 (grifos no original).

(...) foram conhecidos, apreciados, lidos por todos com avidez¹⁵⁶ de tal modo motivar o historiador português Alexandre Herculano a escrever um artigo sobre a maneira como compreendia a literatura de língua portuguesa naquele período e igualmente tratar sobre Gonçalves Dias e o seu primeiro livro de poesias. Este artigo, que analisaremos mais a frente, foi edificado como o símbolo maior de reconhecimento da grandeza do poeta maranhense, e isso sendo reconhecido pelo próprio Gonçalves Dias¹⁵⁷.

Ao discorrer sobre a importância da primeira publicação de Gonçalves Dias, Leal preocupa-se em elencar em sua narrativa aquilo que fora dito sobre Gonçalves Dias e os seus *Cantos*, na imprensa imperial. Leal mostra o que foi veiculado no *Jornal do Commercio*, de 10 de maio de 1847 (n°129) onde a preocupação era

transmitir ao leitor as deliciosas impressões que sentimos ao ler os *Primeiros cantos* do Sr. Gonçalves Dias, colleção summamente variada de poesias (...) como as mais bellas (...) inspiradas pelo genio brasileiro. (...) Se quizermos transcrever tudo quanto nos parece primoroso nos primeiros Cantos, fôra mister dar d'elles uma nova edição nas páginas desse jornal.¹⁵⁸

Leal segue a organização de suas justificativas quanto à nobreza e o mérito de seu illustre biografado citando algumas linhas que se achavam na *Revista Universal* do Rio de Janeiro:

O livro deste illustre e talentoso poeta, é e deve ser considerado como um acontecimento importante para as letras brasileiras, por que elle encerra em si a magestade poetica, encarnada em cada um de seus cantos; é um livro que deve vulgarizar-se, e andar em todas as mãos, por que na sua expressão sublime o pensamento esta com o sentimento, o coração com o entendimento, a ideia com a paixão, e tudo isso colorido com a imaginação.¹⁵⁹

O fato de Antonio Henriques Leal ter sido amigo de Gonçalves Dias torna o seu relato mais parcial do que já seria naturalmente, contudo, essa proximidade entre o biógrafo e o biografado fez da escrita da biografia de Gonçalves Dias, por muitas vezes, um relato da experiência cotidiana do próprio Leal e da vivência com seu amigo poeta. Diz a esse respeito o biógrafo:

¹⁵⁶ LEAL, op. cit., tomo III, p. 80.

¹⁵⁷ DIAS, Antonio Gonçalves. **Cantos. Coleção de Poesias.** Leipzig: F.A. Brockhaus, 1860, pp. VII – VIII.

¹⁵⁸ LEAL, op. cit., tomo III, pp. 81 – 82.

¹⁵⁹ LEAL, op. cit., tomo III, pp. 82.

Não acho expressões com que possa descrever a extrema alegria que manifestou o poeta quando em um dia de novembro de 1847 entrando-lhe eu pela sala onde trabalhava, dei-lhe a ler o numero da *Revista Universal Lisbonense*, onde vinha o artigo do Sr. Alexandre Herculano. Foram momentos de louco prazer. Lêmos e relêmos o artigo e o commentamos uma e muitas vezes, fazendo observações sobre o nome e qualidades do author, a expontaneidade, as conceituosas phrases e as circumstancias que concorreram para isso. Tudo notámos, desafiámos e applaudimos.¹⁶⁰

Há ainda mais um aspecto presente na escrita de Leal sobre Gonçalves Dias e que passa incógnito durante a maior parte da leitura, qual seja, a atitude do próprio biógrafo em circunscrever a sua posição no processo de elaboração de uma imagem de esplendor e glória para o “poeta de Caxias”, ou seja, de tornar-se portador de autoridade para falar sobre a vida do poeta.

Alexandre Herculano contribuiu de maneira substancial para a elaboração de uma imagem de excepcionalidade para o poeta Gonçalves Dias. O artigo intitulado *Futuro Litterario de Portugal e Brazil* foi originalmente publicado na *Revista Universal Lisbonense*, no ano de 1847¹⁶¹. Este artigo foi tomado de tanta importância para a elite letrada maranhense processo que foi reproduzido na integra no jornal literário maranhense *O Progresso*, de 9 de fevereiro de 1848¹⁶², e posteriormente reproduzido pelo próprio Gonçalves Dias na reedição dos seus *Primeiros Cantos*, de 1860, usado pelo poeta como prólogo da reimpressão de sua obra.

Alexandre Herculano no artigo em questão trata da situação da literatura de língua portuguesa entre Portugal e Brasil. Destacando o progresso do Brasil em detrimento de Portugal, Herculano afirma que “o Brasil, império vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou com a opulência, a representar um grande papel na história do novo mundo é a nação infante que sorri”¹⁶³ ao contrario de Portugal que “é o velho

¹⁶⁰ LEAL, op. cit., tomo III, p. 83 (grifos no original).

¹⁶¹ **Revista Universal Lisbonense**. Tomo VII, 1847 – 1848, pp. 5 – 9.

¹⁶² É dessa edição do artigo reproduzida no jornal *O Progresso*, que faço uso neste artigo, pois a versão original apresentava um estado de conservação bastante frágil, e a outra versão publicada na reedição dos *Primeiros Cantos* apresenta alguns cortes.

¹⁶³ **O Progresso**, “*Futuro Litterario de Portugal e Brazil*”, 9 de fevereiro de 1848, p. 02.

aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez”¹⁶⁴.

Herculano segue sua escrita delimitando o pouco espaço de atuação a que Portugal se restringira encontrando-se imerso em um “letargo febril”. Com constatações desse nível Herculano dispara qual deva ser o destino do antigo império: “o cadáver de Portugal deve descer a sepultura”¹⁶⁵.

No ambiente de pouca ilustração e poucas novidades literárias que, segundo Alexander Herculano, caracterizam Portugal na metade do século XIX, quando algum novo poeta principia os primeiros versos, aconselha-se que cale a voz afim de não corromper-se, pois sendo o poeta uma “alma virgem e bella” logo decantando seus versos perceberá que encontra-se em um lugar assemelhado a um prostíbulo.

Contudo, contrastando essas imagens de escuridão e morte que são usadas para caracterizar a produção literária portuguesa, com outras imagens de esperanças, harmonias e luz, Alexandre Herculano confessa que “estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro, e intitulado *Primeiros Cantos: poesias por A. Gonçalves Dias*”.

O peso das palavras de Herculano já seria considerável por si mesmo, contudo, considerando que as reflexões que fez a respeito do estágio da literatura portuguesa se deram em função das impressões que tivera das poesias de Gonçalves Dias, o valor que se impõe aos escritos do poeta maranhense é ratificado e precisamente nesses termos é assimilado pela elite letrada maranhense.

Partindo da leitura das poesias de Gonçalves Dias, Herculano diz que o Brasil é formado por uma mocidade que levanta “o estandarte da civilização” e se lança ao destino que os espera por amor da “cultura das letras”. “Não notaes nessa tendencia do moço príncipe, um

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Idem.

symbolo do presente e uma prophesia consoladora acerca do porvir do Brasil?”¹⁶⁶.

Herculano diz a respeito do futuro do Brasil que sua imprensa já ultrapassava a imprensa de Portugal em publicações, em especial as publicações periódicas, que seriam a primeira característica de uma “cultura intelectual” desenvolvida. Associando a estas publicações também as edições de livros, Herculano mostra um Brasil que se define pela sua posição importante no mercado editorial luso-brasileiro consumindo considerável parte do que se imprime e produz na literatura das duas nações.

Para Herculano, as dúvidas que se criaram no debate sobre o estágio das literaturas de língua portuguesa se findariam quando fossem analisadas algumas das publicações brasileiras. “Os primeiros cantos são um bello livro: são inspirações de um grande poeta. A terra de santa cruz que já conta com outros em seu seio, póde abençoar mais um illustre filho”¹⁶⁷.

Alexandre Herculano destacava ainda, como sendo o ponto alto da obra de Gonçalves Dias em seu primeiro trabalho, a relevância das poesias americanas, que eram segundo Herculano, “a verdadeira poesia nacional do Brasil”, cuja natureza seria suficientemente rica para inspirar os poetas que nascessem, a exemplo de Dias, às margens das selvas primitivas do novo mundo. Mesmo destacando “os defeitos do escritor ainda pouco amestrado pela experiencia”. Herculano afirmava que o tempo apagaria as imperfeições e as “nobres inspirações” de Gonçalves Dias assumiriam o lugar que lhes cabia no âmbito da poesia brasileira¹⁶⁸.

Outro relato emblemático sobre a aparição dos Cantos de Gonçalves Dias, ou mais precisamente da importância do poeta para a consolidação da “verdadeira poesia nacional do Brasil” foi feito por J. H. Xavier de Moraes, em artigo intitulado *Litteratura e* publicado na *Chronica Litteraria* em junho de 1848. Se por um lado a preocupação de

¹⁶⁶ **O Progresso**, op. cit., p. 03.

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ **O Progresso**, op. cit., p. 04.

Antonio Henriques Leal era construir uma imagem de genialidade para o seu amigo poeta e ao mesmo tempo atrelar esta imagem de gênio à imagem das grandezas literárias do Maranhão, por outro lado esse artigo corrobora em muito estas elaborações tendentes sempre ao culto das grandezas das terras maranhenses e seus letrados.

Xavier de Moraes sinaliza os anos de 1848 como anos de incertezas e dúvidas quanto a organização política e moral da sociedade. Os temores de como seriam os anos vindouros são analisados por ele como motivos de preocupação, afinal o mundo estava na efervescência das revoluções liberais de 1848.

É nesse contexto que Xavier de Moraes circunscreve a imagem de Gonçalves Dias como o portador da salvação dos espíritos angustiados, nas palavras do autor, “é no meio daquele tumultuar de paixões mundanas, de indiferentismo religioso, de scepticismo moral, é no meio de todo este cahos que apparrecem os teus *cantos* harmoniosos”¹⁶⁹

Xavier de Moraes prossegue na construção da imagem do poeta comparando-o a Homero e Dante e enfatiza a função do poeta nesse contexto:

Em outras circunstancias o nosso se chamaria Homero ou Dante, o Brazil nascendo com Homero, agitando-se com Dante; mas as velhas tradições da Europa entraram pela nossa terra, a sua sciencia, os eus costumes, as suas bellezas, os seus vícios – a sua civilização penetrou na terra de S Cruz – Já não somos um povo perfeitamente novo, há não podemos ter Homero, já vivemos a vida das velhas nações; - mas *pertence-nos o poeta que rompa por entre as crenças* em luta alumando a verdade, *o poeta que revele consciências agitadas*; - foi Dante – es tu.¹⁷⁰

Mesmo no parágrafo seguinte resguardando-se de não comparar Gonçalves Dias e Dante, a inserção da figura do poeta nesse contexto e os usos que o autor do artigo faz das imagens associadas à Dias são emblemas do tipo de estereótipo que se pretendeu construir em torno das inovações feitas por Gonçalves Dias na literatura romântica. Xavier de Moraes segue com sua descrição afirmando qual seja a característica principal do poeta:

Tu és increado és filho da tua so inspiração, *és poeta nacional*, todo respira ar pátrio na patria ou fora della; certo não quero que o poeta cante só a patria ou coizas da patria; o poeta tem olhos para chorar, coração para sentir dores e exaltar-se de prazer, o poeta tem cabeça para pensar; mas as cores e o espírito não são idênticos

¹⁶⁹ **Jornal Chronica Litteraria**. 18 de junho de 1848; nº 25; p. 193 (grifos meus).

¹⁷⁰ Idem.

por toda a parte; a poesia é cosmopolita, mas o poeta tem pátria: hoje queremos a humanidade na história e na poesia, e philosophia na realidade, mas *um poeta sem patria, sem amor e sem Deus, é um poeta imperfeito*.¹⁷¹

Não desprezou, contudo, a oportunidade de sinalizar qual deveria ser o lugar do poeta na posteridade:

O futuro estudará nos poetas de hoje a Historia de hoje; si o poeta é verdadeiro a sua obra é um monumento histórico de que o futuro se aproveitará, e mais de um juízo exacto se tem baseado sobre taes documentos: os poetas não são historiadores, mas dizem claramente quaes as idéias forão acceitas.¹⁷²

Ainda antes da publicação de seu primeiro trabalho de poesias Gonçalves Dias lançava-se a empreendimentos de maior proporção literária. Gonçalves Dias intentava produzir uma coleção de romances históricos sobre a província do Maranhão, além de escrever a *História dos Jesuítas no Brasil*, que Dias julgava ser a pedra angular sobre a qual estava alicerçada a dinâmica social do Brasil durante o período colonial.

Dias fala sobre esses projetos em uma carta escrita ao amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal em 16 de novembro de 1846, onde afirmou que “qualquer dia principio com o meu primeiro romance histórico sobre o Maranhão”¹⁷³ e logo após ampliou a informação sobre o pretendido trabalho e confirmou ao amigo que estava “agora com um trabalho entre mãos que me há-de dar bem que fazer. Um trabalho de gigante no estado que as coisas estão. É uma coleção de Romances Históricos sobre o Estado do Maranhão; não é nem um, nem dois – é uma coleção”¹⁷⁴. Dias iniciou os apontamentos para a escrita do trabalho, mas os manuscritos provavelmente se perderam no naufrágio em que faleceu o poeta, se é que chegaram de fato a ser escritos; o fato é que jamais se deram a conhecer.

Henriques Leal afirma no tomo III dedicado à biografia do seu amigo poeta que Gonçalves Dias já coletava documentos e apontamentos para iniciar a escrita da obra dedicada à *Companhia de Jesus*¹⁷⁵, informação que Dias confirma em carta endereçada ao seu amigo

¹⁷¹ **Jornal Chronica Litteraria**. 18 de junho de 1848; nº 25; p. 195 (grifos meus).

¹⁷² **Jornal Chronica Litteraria**. Op. cit., p. 194 (grifos meus).

¹⁷³ **ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL**, Divisão de Publicações e Divulgação, vol. 84, 1964, p. 67 – 68.

¹⁷⁴ **ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL**, op. cit., p. 75.

¹⁷⁵ LEAL, op. cit., tomo III, p. 85.

Teófilo Leal datada de 13 de setembro de 1847, onde afirma: – “Principiei a estudar matéria para escrever a Historia dos Jesuítas no Brasil, o que equivale a escrever a história do Brasil”

176

Desta obra não há vestígios. De sua “existência” conhecemos apenas as informações encontradas nas cartas escritas pelo poeta a amigos e em sua biografia. O mais plausível é que os manuscritos ou apontamentos que fez o poeta também tenham se perdido no naufrágio em que morreu o poeta em 1864. A dúvida quanto a isso fica no ar em razão da publicação da obra *Apontamentos para a História dos Jesuítas no Brasil* em dois tomos publicados pelo próprio Antonio Henriques Leal e que suscita a pergunta: os manuscritos teriam de fato se perdido? Ou servido a outros fins? As respostas não as temos.

Após estes movimentos todos causados com a publicação dos *Cantos* de poesia de Gonçalves Dias e de seus projetos de escritas de romances e outras obras com que pudesse chegar à história veio o anúncio no *Correio da Tarde* informando que “acha-se no prelo para sahir com toda a brevidade este volume de poesias [Segundos Cantos] do autor dos *Primeiros Cantos*”¹⁷⁷. Não tardou de fato a publicação dos *Segundos Cantos*¹⁷⁸ que segundo Antonio Henriques Leal “foram muito applaudidos e admirados”¹⁷⁹. Mesmo assim do ponto de vista do biógrafo do “poeta de Caxias” “annos affanosos e quasi estereis foram para o poeta os annos de 1848 e 1849”¹⁸⁰.

O Jornal *A Chronica Litteraria* anunciou de igual modo a publicação dos *Segundos Cantos* e relacionou-o em importância aos *Primeiros Cantos*:

Publicações Litterarias – Cantos e Sextilhas por A. Gonçalves Dias
Acha-se no prelo para sair com toda a brevidade, o segundo tomo das poesias do Sr. A. Gonçalves Dias. Um volume em 8°. De mais de trezentas páginas de impressão, custará aos Srs. Subscriptores, no acto da entrega 3 \$ rs.
Assigna-se em casa de E. e H. Laembret na rua da Quitanda 77. Na rua d’ Alfândega, nas typographias: Commercial nº 6. Americana nº 43. Clássica nº 84.

¹⁷⁶ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., p. 94.

¹⁷⁷ O *Correio da Tarde*. nº 31, 10 de fevereiro de 1848, p. 03 (destaques no original).

¹⁷⁸ O *Progresso*, ano II, 20 de janeiro de 1848, nº 15, p. 04.

¹⁷⁹ LEAL, op. cit., tomo III, p. 91.

¹⁸⁰ LEAL, op. cit., tomo III, p. 93.

Nos gabinetes de leitura portuguez e brasileiro e em casa de Paula Brito Largo do Rocio.

O primeiro volume de poesias com que o Sr. Gonçalves Dias brindou a litteratura nacional, foram os “PRIMEIROS CANTOS” O publico acolheu com entusiasmo essa producção, e reconheceu como nós o ingenho de seu jovem auctor que no vendor dos annos foi tão feliz na sua estréia litteraria. – O Sr. A. Gonçalves Dias, comum gênio ardente e sublimes inspirações , a cada idéia que exprime e que deixa como ponto de devisão de seu progressivo e extraordinário desenvolvimento intelectual, grangeia novos louros, que tão que tão viçosos como a sua frente, entretecem-lhe a coroa litteraria a coroa litteraria que tão sinceramente lhe desejamos.¹⁸¹

Deste período, em que Leal atribui esterilidade da produção poética de Gonçalves Dias resultou alguns trabalhos importantes do poeta Maranhense. Na década de 1850 Dias publica seus *Últimos Cantos*¹⁸² e procura dedicar-se as atividades de membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Leal lembra-se da empreitada de Gonçalves Dias na redação do periódico literário Guanabara também no ano de 1850, “de que foi redactor só até findar o primeiro semestre d’esse ano”¹⁸³ e de cuja informação estava devidamente atualizada a imprensa maranhense que seguia todos os passos do “poeta de Caxias” por onde quer que ele estivesse. Na imprensa maranhense a noticia não tardou em espalhar-se e fazer conhecido o novo empreendimento de Gonçalves Dias:

O nosso distinto poeta Gonçalves Dias acha-se a testa de uma publicação litteraria mensal, cujo primeiro numero já deve ter saído publicado na corte no principio do corrente mês.

É uma Revista pouco mais ou menos no formato da – Revue dès Deux Mondes – denominada – Guanabara – e escripta sobre o mesmo plano d’aquella.

Não encarecemos o merecimento desta empresa, pois *basta o nome do auctor para recomendála aos coprovincianos do distincto poeta*, e carear-lhe um favor igual ao que tem encontrado na corte¹⁸⁴.

Acompanhar a trajetória do poeta Maranhense em sua peregrinação literária pela corte do império e posteriormente pelos países da Europa por onde andou, fazia parte da construção dos vínculos do poeta com sua província natal, que tratava Gonçalves Dias como mais alto representante da província fora dela. O consumo dos livros e publicações do poeta

¹⁸¹ **Jornal Chronica Litteraria**. 13 de fevereiro de 1848; nº 7; p. 56.

¹⁸² “Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias, os ultimos harpejos de uma lyra cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espirito enfremo”. LEAL, op. cit., tomo III, p. 96.

¹⁸³ LEAL, op. cit., tomo III, p. 94

¹⁸⁴ **O Progresso**, Anno III, 3 de novembro de 1849, p. 04 (grifos meus).

eram outra faceta desta vinculação¹⁸⁵.

Prosseguindo em seus estudos sobre a história pátria Gonçalves Dias lançou-se aos estudos para elaboração das memórias históricas no IHGB¹⁸⁶, bem como a viagens pelo norte do império do Brasil¹⁸⁷ para coletar documentos referentes às províncias que fossem do interesse da corte. Contudo o mais importante foi, na verdade, o reconhecimento de Gonçalves Dias como um homem preocupado com as mudanças no mundo de seu tempo e o reconhecimento dele como sendo um grande homem como ele próprio afirmou em carta ao amigo Araújo de Porto Alegre, datada de 27 de abril de 1851, quando o poeta ainda estava no Maranhão: “fui bem recebido em Pernambuco e Bahia, como se eu fosse o grande homem, o herói dos tempos modernos”¹⁸⁸.

Essas tarefas desempenhadas por Gonçalves Dias e a receptividade com que o receberam nas diversas províncias por onde andou, foram suficientes para recomendar Gonçalves Dias a execução de importantes trabalhos na Europa em comissão do IHGB com os cuidados do imperador. Leal diz a esse respeito que:

Era com tão boas disposições que se preparava o poeta para sua primeira viagem á Europa; e depois de uma ausência de dez annos, ia rever de passagem os encantados sítios de Coimbra, avivar seu passado, demorar-se em Paris, visitar a Italia e a Allemanha, realisar emfim os sonhos mais risonhos que lhe occupavam incessantes o pensamento¹⁸⁹.

Gonçalves Dias partiu para a Europa a 15 de junho de 1854 e “foi acolhido em Lisboa com fraternal entusiasmo pelos litteratos portuguezes, e os jornaes de todo reino deram noticia de sua chegada em termos assaz lisonjeiros”¹⁹⁰ como quem admirava a presença de hospede tão ilustres naquelas terras que antes o haviam também abraçado. Lisboa foi a

¹⁸⁵ Neste sentido segue um dos muitos anúncios sobre as publicações em que se lançava o poeta maranhense; nesse exemplo a revista “Guanabara”. “Guanabara. Revista mensal, artística, scientifica, e litteraria redigida por uma associação de litteratos e dirigida por Manoel Araujo de Porto-Alegre, Antonio Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo. Assigna-se na rua grande – livraria de Feliciano Marques & C^o”. **O Progresso**, 7 de maio de 1850, n° 52, p. 04

¹⁸⁶ **ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL**, op. cit., p. 140.

¹⁸⁷ **ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL**, op. cit., p. 130.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ LEAL, op. cit., tomo III, p. 111 – 112.

¹⁹⁰ LEAL, op. cit., tomo III, p. 113.

porta de entrada da Europa para Gonçalves Dias. Segundo Antonio Henriques Leal Dias percorreu toda a Europa a fim de examinar os sistemas de ensino nas nações mais adiantadas e adotar esses sistemas no Brasil. Para tanto Dias percorreu nações como Bélgica, a Inglaterra, Italia, Suíça e Alemanha¹⁹¹, onde publicou algumas edições de seu trabalho e sua obra teve bastante repercussão.

Em 1854 Gonçalves Dias chega a Portugal em comissão do IHGB para coletar os documentos que importassem à história do Brasil e naquela cidade inicia um importante trabalho de resgate da história pátria. Em Portugal Gonçalves dias tinha duas tarefas principais, sendo a primeira analisar o sistema de ensino adotado nas cidades portuguesas e a segunda a procura pela documentação colonial brasileira existente nos arquivos portugueses, que deveria ser feita antes que o material fosse perdido pela ação do tempo.

Em carta escrita em 5 de setembro de 1854 e endereçada ao imperador Gonçalves Dias relata qual a era a situação encontrada nos arquivos portugueses no que se referia ao Brasil:

O imenso arquivo do Conselho Ultramarino esta depositado no Palácio da Ajuda; e a coleção dos mapas que nos dizem respeito é riquíssima. Desejei visita-lo, mas dificultava-se-me o exame na ausência do Sr. Herculano. Os papeis dos jesuítas foram trasladados da Torre do Tombo para a secretaria do Reino. O arquivista do Tombo disse-me que são muitos, e muito importantes (...). (...) A biblioteca de Évora é um tesouro para o Brasil. (...) o que há nesse Arquivo acerca dos Jesuítas no Maranhão e Pará, tem me animado muito a prosseguir minha projetada História da Companhia para o que já tinha tomado largos apontamentos¹⁹².

Em 13 de junho de 1855 Gonçalves Dias dá notícias dos trabalhos nos arquivos portugueses, destacando os achados documentais no arquivo do conselho ultramarino bem como de uma documentação presente nos arquivos da biblioteca de Évora sobre os limites do

¹⁹¹ LEAL, op. cit., tomo III, p. 115 – 116.

¹⁹² ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., p. 159.

império português. Em 12 de agosto de 1855, Gonçalves Dias dá por encerradas as tarefas em Portugal¹⁹³.

Tratar tão cuidadosamente destas tarefas em que esteve empenhado o poeta Gonçalves Dias é de fundamental importância para que seja entendido em que base se fundamentou Antonio Henriques Leal para construir uma determinada imagem sobre o poeta maranhense, ou seja, o destaque das atividades intelectuais de Gonçalves Dias, bem como os seus sucessos tanto nas comissões de pesquisa histórica são utilizados na obra de Leal como argumento comprobatório da predestinação a gênio que Leal atribui a Gonçalves Dias nas páginas de *O Pantheon Maranhense*.

Ao tratar dos bons frutos colhidos pelo poeta maranhense nos arquivos em Lisboa Leal tem o cuidado de destacar que “em Lisboa foi procurado e obsequiado por todos os litteratos portuguezes de certa nomeada”¹⁹⁴, enfatizando nomes como Xavier Cordeiro, Innocencio da Silva e Alexandre Herculano com os quais Gonçalves Dias tivera estreitas relações.

Não é despropositado o intuito do biografo em afirmar que Dias havia sido aclamado em Lisboa pelos literatos de mais destacada fama. A intenção de Antonio Henriques Leal era assegurar o desprendimento de Gonçalves Dias de qualquer tipo de apadrinhamento ou favorecimento intelectual ou político em seus empreendimentos; ato que por outro lado corrobora a apregoada genialidade do poeta maranhense nas páginas do *Pantheon Maranhense*.

Estas características da escrita biográfica de Antonio Henriques Leal sobre Gonçalves Dias se dispõem nas folhas do *Pantheon* da seguinte forma:

¹⁹³ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., p. 171 – 172.

¹⁹⁴ LEAL, op. cit., tomo III, p. 117.

Cumprer notar que estas demonstraões de affecto e admiraão pelo genio não foram procuradas pelo poeta, cuja modéstia não consentia que se valesse de cartas de recommendação que lhe teciam louvores. D'isso tenho provas nas cartas que salvaram-se no naufrágio, e entre as quaes encontrei algumas do sr. Alexandre Herculano, Martiuz, Sturz, Jaques Arago, e d'outros recomendando-o a Victor Hugo, Lamartinne, Alexandre Dumas, Julio Janin e mais litteratos francezes e alguns allemaes; as quaes deixou de apresentar por que o exaltavam comparando-o aos primeiros escriptores contemporaneos¹⁹⁵.

Gonçalves Dias peregrinou pela Europa até 1862 em comissões de estudos e históricos; em empreendimentos de publicação de seus livros como o caso da publicação Alemanha dos *Primeiros Cantos* em 1860. As atividades efetivamente poéticas do “maranhense ilustre” praticamente cessaram nesse período, dedicando-se quase que exclusivamente aos trabalhos históricos e aos dramas, bem como projeções de escrita dos *Romances Históricos* que nunca foram iniciados.

Em 1860 Gonçalves Dias publica em Leipzig uma nova edição de seus *Primeiros Cantos*, ampliada com um prólogo do próprio Gonçalves Dias e com a publicação do ensaio “Futuro Litterario de Portugal e Brazil” escrito por Alexandre Herculano a propósito da publicação dos *Cantos* em 1847.

Nessa edição encontramos a uma idéia muito trabalhada por Antonio Henriques Leal na biografia do poeta maranhense: de que a glória desfrutada por Gonçalves Dias em seus empreendimentos literários foi primeiro reconhecida por Alexandre Herculano no ensaio já citado. Dias trata dessa temática da seguinte maneira:

Merecer a crítica de Alexandre Herculano, já eu consideraria como *bastante honroso pra mim*; uma simples menção do meo primeiro volume rubricada com o seo nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria da minha parte demasiada vaiadade. (...) O illustre escriptor, poz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo comsigo mesmo, e, benevolmente indulgente, dirigio me algumas linhas, que me fizerão comprehender o quão alto eu reputava a sua glória, na plenitude do contentamento, de que as suas palavras me deixarão possuido¹⁹⁶.

¹⁹⁵ LEAL, op. cit., tomo III, p. 117.

¹⁹⁶ Dias, op. cit., p. VII.

Após 1860 Dias continuava seu percurso pela Europa e mantinha-se relutante em regressar ao Maranhão, mesmo já bastante debilitado pelas doenças que lhe abatiam e apesar dos numerosos convites e da insistência de seu amigo Antonio Henriques Leal. Em busca de melhoras para a condição já avançada de sua moléstia, Dias peregrinava pela Europa a fim de que algum melhoramento na saúde lhe ocorresse com a mudança dos climas.

De Paris passou-se para Lisboa, de Lisboa tornou-se para Paris, e d'ahi para Bruxellas, para Dresde, Munich e de novo para Paris, e não houve águas de França e de Allemanha, como já disse, preconizadas por suas virtudes therapeuticas, que não experimentasse, ate que ao cabo de dous annos de desengano resolveu partir para o Maranhão.¹⁹⁷

Estando ainda de planejamento quanto sua viagem a Paris por volta de agosto de 1862, Gonçalves Dias escreve para seu amigo o Barão de Capanema e trata, entre outras questões, sobre os burburinhos da imprensa do rio de janeiro quanto a sua própria morte. Mesmo já bastante debilitado por causa da variedade de moléstias de que era vítima, Dias ironiza com o amigo as circunstancias de sua morte:

Amigo Capanema, vi nos jornais que eu tinha morrido, li as minhas necrologias! Estou morto! Não há dúvida mais certa. Atiraram-me as ondas. O oceano é o único tumulo digno de um poeta, que não foi muito d'agua doce. Deus lhe fale n'alma. Requiescat in pace.
(...) Estou melhor depois da minha morte. Aconselharam-me os banhos de Marienbad: partirei um desses dias para a Allemanha. E podendo começar com trabalho, vou cuidar da impressão das minhas obras póstumas¹⁹⁸.

Em meio a noticias da imprensa imperial de que Gonçalves Dias teria partido para a eternidade, o poeta planejava voltar para o Maranhão a fim de recuperar-se das doenças que o abatiam¹⁹⁹. Gonçalves Dias estava na verdade planejando voltar para o Maranhão junto com Odorico Mendes que estava em Londres e tudo teria sucedido conforme o planejado não fosse pela morte repentina de Odorico na Inglaterra. Abalado com a morte do amigo Dias escreve para Leal informando o ocorrido e dando noticias sobre seu regresso para o Maranhão:

Amigo Antonio Henriques, persuadido de que uma longa viagem por mar, me há de

¹⁹⁷ Leal, op. cit., pp. 163 – 164.

¹⁹⁸ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., p. 328.

¹⁹⁹ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 164.

ser dalgum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre. Dizem-me que há um navio a sair no dia 10 do corrente. Se há vou nele. *Em princípios de outubro devo lá estar, se não ficar no mar*²⁰⁰.

Em outra carta ao amigo Henriques Leal Gonçalves Dias fala se sua trajetória poética desde que quando saiu do Maranhão para a Europa em 1845, sobre suas diversas viagens e comissões de trabalho e, sobretudo sobre seus descuidos com a saúde. Por diversas vezes alegando “necessidade de trabalho” o poeta negligenciou os cuidados com a saúde. Mesmo sem data de escrita esta deveria ter sido uma das ultimas cartas escritas pelo poeta ao amigo Antonio Henriques. Em meio às declarações de tristeza dias confessa ao amigo: – “chego a pensar com amargura que eu já vivi muito e vejo com satisfação que já é tempo de morrer”²⁰¹.

Gonçalves Dias partiu para o Maranhão no dias 10 de setembro de 1864 conforme dissera ao amigo, porem não chegou ao seu destino. No dia 3 de novembro de 1864 a notícias da morte do poeta tomavam a cidade. Era o fim da trajetória daquele a quem Antônio Henriques Leal chamava de gênio.

A trajetória poética de Gonçalves Dias foi o elemento chave adotado na narrativa de Antônio Henriques Leal para a construção de imagens de grandeza para o Maranhão e seus letrados. Tratar de maneira aprofundada sobre o crescimento e sucesso da carreira de seu amigo poeta traz nas entrelinhas a tese de que o desenvolvimento da idéia de singularidade cultural maranhense se confundia com construção de uma imagem de excelência para o poeta maranhense Gonçalves Dias.

O elemento que denominei neste trabalho de culto *post-mortem* a memória dos letrados maranhenses é indicativo desse conjunto de idéias. Antonio Henriques Leal trabalha a instituição desta prática de rememoração através da compilação de depoimentos e pareceres e

²⁰⁰ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., p. 412.

²⁰¹ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., p. 415.

notas escritas tanto na imprensa quanto nos livros a respeito dos letrados maranhenses de quem ele trata no *Pantheon Maranhense*.

2.3 Culto à memória *post-mortem*: elemento de consolidação das imagens de grandeza cultural maranhense.

“Com o lastimosíssimo naufrágio da barca Ville de Boulogne desapareceram a 3 de Novembro de 1864 nas aguas da nossa bahia o infeliz poeta A. Gonçalves Dias e alguns dos seus preciosos manuscritos”²⁰². Antonio Henriques Leal inicia o prólogo do primeiro, dos sete tomos, das *Obras Póstumas* de Gonçalves Dias destacando os aspectos que dificultaram a elaboração do trabalho póstumo e ratifica a idéia presente em todo o trabalho, qual seja, de que “é esta província [do Maranhão] *rica em talentos poéticos*, que se prestariam com a melhor vontade a auxiliar-me n’esse intento (...) [de] respeito e *culto que tributo ao illustre escritor*”²⁰³.

A publicação de um trabalho dessa natureza tem alguns objetivos bem definidos: o primeiro era tornar público o volume de trabalho desenvolvido pelo poeta maranhense para os que ainda o desconheciam, e o segundo era tornar as obras póstumas um tributo a memória do poeta, como um instrumento de perpetuação das lembranças de grandeza que lhe diziam respeito.

Em outras palavras, a publicação de um trabalho desse porte era semelhante a edificação de uma estátua, nesse caso de papel, em memória do poeta maranhense para que não se esquecesse dos seus feitos. Antonio Henriques Leal afirma isso na dedicatória do Tomo I das obras póstumas a seu primo e melhor amigo de Gonçalves Dias, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal:

²⁰² LEAL, Antonio Henriques. Prólogo. In: **Obras Póstumas de A. Gonçalves Dias**. Livraria Garnier: Rio de Janeiro, 1868, p. V.

²⁰³ LEAL, op. cit., p. VI (grifos meus).

Consente, amigo, que inscreva aqui o teu nome para com elle apadrinhar *este padrão*, embora humilde e perecedouro, *emquanto não o erguemos de bronze ou mármore á memoria d'aquelle, cujo verdadeiro e eterno monumento são as producções de seu gênio transcendente*²⁰⁴.

Um outro aspecto presente nas publicações póstumas do poeta foi a inclusão de uma “notícia biográfica” feita por Antonio Henriques Leal, embora de forma mais resumida que a encontrada no *Pantheon Maranhense*. A inclusão dessas considerações sobre a vida do poeta antecedendo as leituras que se fazem de suas poesias tem a intenção de afirmar a idéia de que por si só a trajetória letrada do poeta era suficiente para recomendar como de inestimável valor as poesias contidas nos volumes da publicação póstuma, além de conferir a leitura da obra o aspecto de culto a memória, já que se a leitura das poesias propriamente ditas era feita após a leitura dessa breve biografia do poeta, por conseguinte se daria de maneira a evocar a lembrança e as memórias sobre o poeta a cada página lida.

As palavras de Antônio Henriques Leal, estava sempre dispostas na narrativa de maneira a demonstrar as idéias mais fundamentais em seus trabalhos, neste caso de associar a grandeza de Gonçalves Dias a grandeza do Maranhão, ou dito de outra forma, de destacar a grandeza de seu amigo poeta por ser “filho” do Maranhão:

pois que para traçar tão dilecto trabalho houve mister escrever como que a furto e nas horas de repouso estas linhas dictadas pelo coração e pelo amor *de ver conhecidos* os dotes moraes e as contrariedades que amarguraram a vida de *um dos mais eminentes e celebres filhos de minha província*²⁰⁵.

Um aspecto que se agrega a esses já citados é o caráter de generalização presente na escrita de Leal sobre Gonçalves Dias e a grandeza literária no Maranhão. Ao focar a trajetória de glórias de Gonçalves Dias e posteriormente associar essa grandeza ao fato de que o Maranhão seria rico em muitos talentos poéticos, Antonio Henriques Leal estabelece a vida e a obra do “poeta de Caxias” como um padrão de análise para todos os grupos letrados maranhenses e, por conseguinte revigora a idéia de que a província seria frutífera em muitos talentos literários.

²⁰⁴ LEAL, op. cit., p. XI (grifos meus).

²⁰⁵ LEAL, op.cit., Tomo III, p. VII.

Com a morte de Gonçalves Dias a imprensa especializada tanto no Brasil quanto no exterior se moveram de profunda tristeza pela morte daquele que foi consagrado como o primeiro poeta lírico do Brasil. Com base nesses dados Antonio Henriques Leal compila em um amplo apêndice contido no *Pantheon Maranhense* uma extensa documentação que trata especificamente sobre o poeta Gonçalves Dias.

Esta compilação de documentos feita por Leal não é despropositada, antes possui dois aspectos fundamentais: por um lado a anexação das fontes de que o biógrafo fez uso para escrever sobre a vida de seu amigo poeta tem a intenção de evidenciar uma busca pela verdade; e por outro lado dão suporte ao trato de alguns assuntos que a estrutura do trabalho biográfico não comportava, ou seja, o apêndice da obra é como uma segunda parte do trabalho, onde se encontraria a verdade não dita sobre a vida do poeta Gonçalves Dias.

Enquanto estratégia narrativa, a anexação das fontes de que fez uso Henriques Leal, dadas a sua natureza de louvação aos méritos de Gonçalves Dias, são uma tática de reafirmação do culto *post-mortem* a memória de glória do poeta, isto é, a medida que o leitor avançasse a leitura, seja das manchetes de jornais, dos pareceres contidos em livros ou de tudo quanto fez publicar Henriques Leal nesse apêndice²⁰⁶, seria induzido em consequência disso a fazer uma evocação memorial da propagada genialidade de Gonçalves Dias e a entender como um valor cultural a idéia de que a província do Maranhão seria mesmo rica em talentos literários.

Manoel Pinheiro Chagas foi um dos primeiros a tratar sobre o valor da poesia de Gonçalves Dias para a poesia nacional após a sua morte e nos dá o tom de que tipo de leitura encontraria o leitor do *Pantheon Maranhense* ao se deparar com o apêndice da obra:

Gonçalves dias foi de todos os poetas brasileiros, aquelle cujos canticos encontraram

²⁰⁶ Leal preocupasse em citar exatamente todo o material que se publicou sobre os méritos literário do poeta Gonçalves Dias desde o início de sua carreira até os dias de sua morte. Leal, op. cit., tomo III, pp. 380 – 389.

ecos mais favoráveis no coração dos portugueses. E com razão, por que nenhum dos poetas seus compatriotas atingiu o mimo de forma, que se revela em algumas de suas composições lyricas, á elevação de pensamento que se encontra noutras, á opulência de imagens que possuem quase todas.

Gonçalves dias teve uma honraria, que elle deve prezar acima de todas quantas tenha tido; logo no principio de sua carreira literária quando ainda sua vocação se mostrava incerta e balbuciante, mereceu a alexandre herculano, um desses artigos esplendidos, como elle o sabe escrever ou antes gravar em paginas de bronze, archivadas respeitosamente pela historia litteraria.(...)

(...) Alexandre herculano nos *Primeiros cantos* não sentira tanto o poeta, quanto o pressentira. Não o enganou o instinto poético. Se o auctor dos *Primeiros cantos* não era ainda um escriptor de cunho, foi-o o auctor dos *Segundos cantos* e principalmente o auctor dos *Novos* e dos *Ultimos*. (...)

Ahi tem em rápido esboço, o que é Gonçalves Dias como poeta. Talento delicado, imaginação opulenta, erudição pouco vulgar²⁰⁷.

Na sessão magna de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 16 de dezembro de 1864, Joaquim Manuel de Macedo fala da vida e da obra de Gonçalves Dias e expressa em sua fala tanto o esboço de um perfil biográfico como alguns elementos que seriam constantemente evocados na institucionalização do culto a memória póstuma do poeta maranhense: – “Não tinha ainda passado tres mezes depois que se fechára o athaude de Odorico Mendes, e já eramos *feridos por uma verdadeira calamidade nacional* com a morte do nosso consocio e grande poeta o dr. Antonio Gonçalves Dias”²⁰⁸.

Aliviadas as dores quanto a morte do poeta maranhense, Antônio Henriques Leal, que era deputado provincial, uniu forças com outros membros influentes da elite política e intelectual maranhense para “levantar-se um monumento que testemunhasse o nosso apreço, admiração e reconhecimento aquele portentoso gênio, imperecível gloria do Brasil, e cuja reputação se vae firmando onde quer que cheguem seus cantos”²⁰⁹.

A busca de recursos para que fosse erigido um monumento à memória de Gonçalves Dias durou muito tempo, mas independente do tempo que demorou para ser construído se constituiu como o elemento definitivo da instituição do culto a memória *post-*

²⁰⁷ CHAGAS, Manoel Pinheiro. Gonçalves dias. In: Álbum Imperial, São Paulo, 20 de maio e 25 de junho de 1907, n.º 10 e 11, pág. 01-03 (texto escrito originalmente em Lisboa no ano de 1864, conforme consta na assinatura do artigo pelo autor).

²⁰⁸ **Revista Trimestral do Instituto Historico, Geografico e Etnografico do Brasil**. Tomo XXVII, 2ª parte, p. 428. Este trabalho foi também transcrito no apêndice do *Pantheon Maranhense*. LEAL. Op. cit., pp. 389 – 400 (grifos meus).

²⁰⁹ LEAL, op. cit., tomo III, p. 187.

mortem do maranhense ilustre. Antonio Henriques Leal realizou uma reunião em sua casa no dia 13 de dezembro de 1864 para tratar da construção do monumento a memória do poeta. Esse aspecto d culto póstumo a memória foi tão importante na construção dessa dinâmica cultural que até a reunião na residência do Sr. Leal ganhou as manchetes dos jornais:

Antes de hontem á noite reuniram-se vários cidadãos em casa do Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, a convite do mesmo, para tratarem dos meios a por em pratica, a fim de levar-se a effeito a ideia por elle suggerida de um monumento ao desditoso Gonçalves Dias.

(...) Para o monumento que se pretende levantar, tem ou não títulos e direitos o maior poeta brasileiro da presente epocha?

É ociosa a pergunta, por que ninguém, há entre nos que os conteste.

Se os tem paguemos-lhe esta dívida, *rendamos a sua memória o culto que de certo merece.*

Este monumento erigido ao poeta na capital de sua província, *atestara as gerações futuras o honroso e merecido culto, que rendem ao genio (...)*²¹⁰.

O culto a memória póstuma de Gonçalves, principalmente, mas não apenas ele, se constituiu como a base fundamental em que se consolidou a proclamada singularidade cultural maranhense.

Para atestar que a idéia de construir um monumento a memória de Gonçalves Dias havia de fato reverberado pelo Brasil, Antonio Henriques Leal transcreve nas páginas do Pantheon um ensaio publicado no *Publicador da Parahyba*:

Gonçalves Dias lega *um monumento immortal* á nossa pátria, e justo é que ela *lhe pague em preto* tanta gloria e ferevoroso affecto que elle lhe tinha (...).

O primeiro poeta nacional, aquelle que veio marcar em nossa literatura, uma phase nova e decisiva, tem títulos e direitos ao nosso entusiasmo e reconhecimento (...).

Gonçalves Dias é *incontestavelmente o maior vulto da nossa historia litteraria*. Assim como Garret, elle não é só um litterato, *é uma littertura inteira* (...).

A província onde viu a luz o grande poeta quer erigir-lhe uma memória de bronze ou de mármore, uma memória que atteste sua gratidão – sua homenagerm ao em summa sublime cantor²¹¹.

As discussões na câmara dos deputados provinciais seguiriam ainda acaloradas na sessão de 7 de julho de 1865, quando requeriam a câmara provincial uma quantia a fim de erguer na capital maranhense um tributo a memória do distinto poeta. Joaquim Duarte Lisboa Serra foi um dos que defendeu de maneira combativa a liberação dos fundos para a construção

²¹⁰ Publicador Maranhense. 15 de novembro de 1864. Transcrito por Antonio Henriques Leal nas páginas do Pantheon. LEAL, op. cit., tomo III, pp. 470 – 474 (grifos nossos).

²¹¹ LEAL, op. cit., tomo III, p. 475 (grifos meus).

do dito monumento, contudo são suas as palavras que melhor expressa o sentido que havia na edificação deste tributo a memória de Gonçalves Dias:

Sei que a memória de Gonçalves Dias não será mais duradoura, nem mais brilhante, por causa do mármore ou do bronze em que o representemos. Mas também sei que há de ser um incentivo para que, com os olhos fitos no galardão dos seus, queiram e possam trilhar senda tão cheia de escabrosidades por onde caminham n'este e em todos os paizes, os homens que se dedicam a cultura das letras.
*O monumento de que se trata não é só um tributo ao homem que deixou de viver, é um estímulo para os que vivem*²¹².

O monumento que deveria ser erigido como “estímulo para os que vivem” foi parte de um amplo processo de construção de uma imagem de diferenciação para a província do Maranhão, através dos destaques dos seus talentos literários ou pelo seu refinado gosto pelos assuntos que diziam respeito ao cultivo das letras, mas que se deu acima de tudo através da trajetória de sucesso de Antonio Gonçalves Dias em sua carreira poética e de alusões constantes a sua terra natal.

Em outras palavras, as preocupações em edificar um monumento à memória de Gonçalves Dias representavam o desejo da elite intelectual maranhense em erguer um monumento em memória de sua própria grandeza, ora representada pela figura póstuma de Antonio Gonçalves Dias e em parte edificada por Antonio Henriques Leal no tomo terceiro do *Pantheon Maranhense*.

“Gonçalves Dias é uma glória nacional, o paiz deve levantar-lhe um monumento; que elle merece”²¹³. A tragédia da morte do poeta maranhense foi para a elite intelectual dessa província tão grandiosa quanto o fora a carreira do poeta em vida. O processo *post-mortem* de representação de tudo quanto havia significado a vida e a obra de Gonçalves Dias se configurou em um duplo processo de monumentalização de grandezas em torno do “poeta de Caxias”, primeiro tendo-se a preocupação de edificar a própria imagem de Dias como um monumento da grandeza literária do Maranhão, no que diz respeito ao ato próprio de

²¹² LEAL, op. cit., Tomo III, p. 482.

²¹³ LEAL, op. cit., Tomo III, p. 487.

transformar a imagem do poeta no símbolo dos valores intelectuais da elite local e segundo no que se refere a edificação de uma estátua como ato de glorificação e evocação da memória dos grandes feitos do poeta que não deveriam ser esquecidos.

A edificação da polemica estátua em memória de Gonçalves Dias se constituiu muito mais como um elo entre as gerações e o que deveria representar a cultura intelectual maranhense no conjunto de formação da nacionalidade e fortalecimento da pátria do que apenas uma rememoração meramente nostálgica por aqueles que haviam perdido um amigo ou dos admiradores que haviam perdido o ídolo. Gentil Homem de Almeida Braga nos auxilia a ter a exata noção desse processo e resgata a imagem de Gonçalves Dias como o consolidador da literatura nacional, em uma fala pronunciada na seção da câmara dos deputados da província, quando da discussão sobre a feitura da estátua para o poeta:

O sentimento brasileiro manifesta-se coerente n'este seu raciocínio. Se D. Pedro I e José Bonifacio crearam nossa nacionalidade política *Antonio Gonçalves Dias formou nossa nacionalidade litteraria*. Honremos a memória do nosso grande poeta, e no monumento, que lhe perpetuará a vida e o nome vejamos sempre *um novo estímulo para novos serviços e novos engrandecimentos*²¹⁴.

Passadas essas discussões e algumas legislaturas na câmara dos deputados, finalmente no ano de 1872 a problemática sobre a construção do monumento a memória de Gonçalves Dias teve um desfecho satisfatório. A formação de uma comissão composta de dez dos mais importantes nomes das letras e da política local conferiam a eminente comissão a seriedade e a credibilidade de que o empreendimento carecia, uma vez que “o entusiasmo que mostraram os habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão foi contagioso”²¹⁵.

Apesar de todo o entusiasmo que a construção da estatua do poeta tivesse causado, não devemos esquecer que a edificação desse monumento se tratava na verdade do ato de forjar para a elite política e intelectual maranhense um símbolo de grandeza, ou seja,

²¹⁴ LEAL, op. cit., p. 501.

²¹⁵ LEAL, op. cit., p. 509.

construir a estatua para o poeta era na verdade uma postura que visava nivelar por cima status intelectual dos literatos do Maranhão. Já que o que estava em jogo não era tanto preservar a memória do poeta, mas erguer um monumento que fosse representativo da elite maranhense, as discussões sobre a forma como seria erguida a dita estátua se prolongaram mais do que o necessário²¹⁶.

Já chegava o início fevereiro de 1873 e o andamento da construção da estatua ainda estava mais lento que o esperado. Já havia se discutido se a estatua do poeta deveria estar voltada para o mar ou para a cidade e por fim que o monumento ao poeta não deveria ser exclusivo a ele, mas deveria conter os bustos de João Francisco Lisboa, morto em Portugal em 1863, bem como o busto de Francisco Sotero dos Reis, falecido em 1871, também o busto de Joaquim Gomes de Sousa, Odorico Mendes morto poucos meses antes de Gonçalves Dias, em Londres no ano de 1864. Veja – se nas palavras de José Veríssimo a caracterização desse empreendimento:

Os comprovincianos e admiradores de Gonçalves Dias levantaram-lhe em S. Luís uma estátua. De sobre o airoso fuste de uma palmeira de mármore, eleva-se a sua débil e melancólica figura de romântico. Em cada face do plinto onde assenta a planta que o poeta fez, com o canoro sabiá, símbolo da terra brasileira, destacam-se em relevo os medalhões de ilustres conterrâneos e camaradas do poeta: João Lisboa (1812-1863), Odorico Mendes (1799-1864), Sotero dos Reis (1800-1871), Gomes de Sousa. A idéia feliz da associação destes nomes na justa homenagem que ao máximo de seus filhos prestava a sua terra natal, comemora a coexistência simultânea nesse mesmo torrão brasileiro de um grupo de intelectuais, como ora dizemos, que por mal dela e nosso jamais se repetiria²¹⁷.

Este tipo de problemática que em um primeiro momento pode parecer despropositado ou fruto de devaneios na verdade é a ferramenta de ratificação da idéia de que a construção de um monumento para servir de lembrança aos feitos de Gonçalves Dias foi um subterfúgio para erigir um monumento a elite maranhense ora representada pelos cinco notáveis letrados maranhenses que seriam consagrados posteriormente na literatura nacional como o grupo maranhense.

²¹⁶ LEAL, op. cit., pp. 511 – 512.

²¹⁷ VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954, p. 211.

Essa estratégia de perpetuação de uma geração na memória social da cidade é a pedra fundamental da construção de um tipo de imagem sobre a província do Maranhão e mais especificamente sobre a cidade de São Luis que remete a idéia de que a marca identitária do maranhense seria o refinamento literário e o gosto pelas letras ora representada pela trajetória de glória dos literatos que comporiam a estatua em memória a Gonçalves Dias.

O próprio Antonio Henriques Leal faz corroborar essa idéia de como deveria ser disposta a estatua em homenagem a Gonçalves Dias:

Vou, portanto, rogar instantemente a v.s.^{as} hajam de fazer as seguintes modificações qualquer que seja o adiantamento das obras: - que a estatua esteja voltada para o lado da casa dos herdeiros de Joaquim Duarte, acompanhando-a o busto de João Lisboa; que o de Odorico [Mendes] olhe para as casas da viúva do commendador J. Muniz; o de Sotero para o lado do alpendre; e o do Dr. Gomes de Souza, finalmente para o lado da casa dos senhores Joaquim Marques e do commendador Belfort; e que não se plantem palmeiras do lado da casa do referido Joaquim Duarte, para ficar livre e desimpedida a vista do mar²¹⁸.

A simbologia contida nesta representação é de expressiva importância para a história da cultura maranhense no período oitocentista, uma vez que seria erguida a época uma estátua ao “filho mais ilustre” desta província para que sua memória servisse de incentivo para as gerações futuras e que a base que sustentaria esta dita “memória” sobre o poeta de Caxias seria composta de outras personalidades ilustres da elite intelectual do Maranhão aqui já citadas, destacando ainda que este monumento de louvor à elite intelectual da cidade de São Luis estaria voltado em direção ao reduto da elite política da cidade.

Esse seria um evento de demarcação de posições da elite maranhense, por um lado a elite cultural e intelectual da cidade representada no monumento em memória de Gonçalves Dias e por outro lado de reconhecimento da elite política provincial que estaria literalmente ao redor do que seria um dos maiores símbolos culturais em memória da grandeza da cidade.

²¹⁸ LEAL, op. cit., p. 514.

O foco da celebração que deveria ser exclusivamente o culto em consagração a memória de Gonçalves Dias ora representada em uma estátua, ficou um tanto dividido com outras intenções da elite local, uma vez que a inauguração da estátua não estava prevista para o dia 3 de novembro de 1873 em que o poeta faria nove anos de morto, mas sim marcada para o dia 7 de setembro do mesmo ano a fim de comemorar-se a independência da nação.

Essa postura da elite local, ora representada nas intenções do próprio Antonio H. Leal, demonstra a tentativa de consolidação da imagem de Gonçalves Dias como um pilar do processo de independência do Império do Brasil. Por outro lado, vincular as glórias de Gonçalves e seus serviços à nação ao fato de que era a província do Maranhão o seu berço natal foi uma estratégia audaz de consolidação da imagem de singularidade da província.

Finalmente no dia 7 de setembro de 1873 foi inaugurada a estatua em memória do poeta Antonio Gonçalves Dias. Por volta das 5 horas da tarde a praça em frente à igreja dos remédios no centro da cidade de São Luis estava repleta de pessoas dispostas a prestar homenagens ao poeta. Comboios de carros e bandas de músicas enchiam o largo e as pessoas presentes decoravam o monumento ao poeta com flores²¹⁹.

A elite política e intelectual da cidade estava presente na solenidade representada pelo presidente da província, pelo presidente da câmara municipal e vereadores, comissões de associações literárias e representantes do IGHB, os Srs. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva e Dr. Cesar Augusto Marques, além de representantes da associação tipográfica maranhense e do Real Gabinete Português de Leitura²²⁰.

“A estatua do sublime poeta cuja imensa e impericivel gloria iradia esplendorosa por todo o império do Brasil”²²¹ foi o centro de todas as atenções em uma

²¹⁹ LEAL, op. cit., p. 515.

²²⁰ LEAL, op. cit., p. 523.

²²¹ LEAL, op. cit., p. 520.

solenidade representativa de qual deveria ser o valor dos grandes homens de letras para o passado da província. Mais do que isso a elite cultural maranhense presente na cerimônia preocupava-se muito mais em consolidar uma memória de culto as grandezas da província, por acaso representada pela vida e obra de Gonçalves Dias e qual deveria ser o seu significado para as gerações vindouras, do que propriamente em celebrar a memória do poeta como em um rito fúnebre.

Mais significativas que a própria cerimônia foram as poesias lidas e os discursos pronunciados na solenidade de inauguração da estatua. Nessas falas, sejam em poesia ou em prosa, acham-se importantes representações da função que a imagem de Gonçalves Dias representava na sociedade maranhense e mais especificamente para a elite letrada da capital do Maranhão.

Frederico José Correia²²², tinha clara em sua mente qual era o aspecto da imagem de Gonçalves Dias a que ele faria referencia naquela tarde: “Antonio Gonçalves Dias, cuja gloria pertence mais a Caxias do que ao Maranhão, e *mais ao Maranhão do que a outra qualquer de suas irmãs*”²²³. Esta demarcação da memória sobre o poeta como um poeta maranhense em detrimento da imagem de poeta nacional foi uma importante ferramenta de estabilização da idéia de que de fato a capital maranhense seria distinta das demais do império por seus progressos literários.

Uma outra imagem de que se fez uso para corroborar a imagem de singularidade cultural da província do maranhão atrelada as memórias sobre Gonçalves Dias foi a imagem

²²² Frederico J. Correa foi autor do mais importante trabalho publicado sobre o *Pantheon Maranhense*, “Um Livro de Crítica” publicado no Maranhão em 1878. Tratando do trabalho de Antonio Henriques Leal como uma estratégia da elite política ludovicense de demarcação de seus limites, o autor elabora uma importante tese sobre o *Pantheon Maranhense* demonstrando a maneira como, para este autor, Antonio Henriques Leal estaria preocupado em construir nas páginas do Pantheon uma falsa imagem de grandeza literária para a cidade de São Luis.

²²³ LEAL, op. cit., p. 528 (grifos meus).

de são Luis como a Atenas brasileira²²⁴, ou seja como o breco ilustre de tantos vultos consagrados no cenário das letras nacionais: “Hoje soberbos e dourados veos cobrem a provincia do Maranhão. Athenas do vasto império Americano, que ufana erige uma estatua a um seu filho, que tornou-se um gênio – Antonio Gonçalves Dias”²²⁵.

Nessa circunstancia Gonçalves Dias era representado como “o soberbo monumento que tanto honra o Maranhão”, como o gênio que trazia galas e pompa para a capital maranhense e seus letrados, era o “gênio proeminente” que deveria ser “sempre lembrado nas paginas da historia”²²⁶.

Uma preocupação dos que prestavam culto a memória do poeta de Caxias era de que aquele monumento erguido em memória de seus feitos servisse de incentivo as gerações vindouras de maneira a transformar a trajetória do poeta em uma espécie de caminho a ser trilhado por todos quantos almejassem a glória e a grandeza e para isso contavam com “a história, testemunha insuspeita, [que] grava em suas páginas eternas, os feitos illustres do varão e o recommenda aos vindouros como benemérito da humanidade!”²²⁷.

Tratar de prestar culto à memória póstuma dos filhos ilustres da província era uma estratégia que objetivava preencher a lacuna deixada quando os notáveis letrados que compuseram o chamado grupo maranhense morreram. Uma poesia escrita pelo jornalista e poeta Joaquim Serra ainda em 1865 retrata bem essa imagem de desesperança frente a morte dos cinco notáveis maranhenses, Antonio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis, Manoel Odorico Mendes e Joaquim Gomes de Souza:

Perante a dor tão vivida
Que agora te atribula
Todo consolo é ephemero
Toda palavra é nula!

²²⁴ Ver nota 153 neste capítulo.

²²⁵ LEAL, op. cit., p. 528.

²²⁶ LEAL, op. cit., p. 529.

²²⁷ LEAL, op. cit., p. 531.

O berço ferecissimo
 De tantos gênios, rico
 De João Lisboa intrépido
 De Souza, de Odorico
 Do grande mathematico
 Do Homero portuguez
 Do prozador tão másculo
 Irmãos na fama os trez.

O anjo do estermínio
 Com fúria descommum
 Conduz ao sacrificio
 Seus filhos um à um!
 São negras, são funeras
 As tuas agonias...
 Para que buscar alivio:
 Morreu Gonçalves Dias!

Miserimos que somos deixados na orphandade
 Sem ter uma relíquia, senão prantos e ais
 Que resta-nos, meu Deos, senão agra saudade?
 - Responde os Ceo: “ficarão-vos os Cantos immoetaes!”²²⁸

Essa imagem do anjo da morte que traz a tristeza e coloca em pranto a cidade por causa da perda de seus ilustres filhos era constantemente evocada e ao mesmo tempo combatida nas falas dos que trataram da memória sobre os notáveis da província maranhense. Durante da construção do monumento a Gonçalves Dias (que era também um monumento ao grupo maranhense) a imagem desse anjo da morte, que era como que um alvo a ser atingido nas narrativas sobre as trajetórias literárias maranhenses, passou a dar lugar ao culto dos grandes feitos dos literatos maranhenses e a destacar a evocação da imagem de Gonçalves Dias como representação da passagem do culto à morte para o culto à memória.

A inauguração da estatua de Gonçalves Dias se configurou como a etapa final da instituição desse culto *post-mortem* a memória dos letrados maranhenses e ao mesmo tempo como a consolidação das bases de evocação das grandezas que aludem à superioridade ou singularidade cultural de que se orgulhava a elite letrada maranhense.

Pois viva entre nós na apotheose d'estas estatua, quem nem sequer teve a commum fortuna de possuir uma pedra para lhe cobrir os ossos. E não pequena é a nossa em lhe havermos pago tamanha divida, cabendo-nos ao mesmo tempo a gloria de ver

²²⁸ SERRA, Joaquim. **Mosaico: poesias traduzidas**. Parahyba: Typographia Jose Reodrigues da Costa, 1865, pp. 65 – 68.

nos relevos do pedestal da columna, que aqui esta e aqui fica, os medalhões de um Gomes de Souza, de um Lisboa, de um Odorico e de um Sotero²²⁹.

Os medalhões referidos na citação dizem respeito aos bustos dos citados literatos maranhenses postos na base da estatua de Gonçalves Dias, que já não representava mais um culto somente a sua memória, mas uma celebração aos valores culturais da elite letrada maranhense que se pretendia portadora de certos valores que seriam inatos aos maranhenses, a exemplo do gosto pelas letras e que se podia ver aflorados na memória dos cinco notáveis literatos do Maranhão, ora representados em uma estatua.

A formação de um monumento como esse é representativo de que esta complexa e muito proclamada singularidade cultural maranhense tem como característica mais importante o culto a memória dos letrados maranhenses. Antonio Henriques Leal construiu nas páginas do *Pantheon Maranhense* o caminho em direção a determinação de que a província do maranhão seria distinta por seu passado e pelo valor que este passado teria para os vindouros. O Pantheon consolida na elite cultural maranhense a certeza de que os maranhenses seriam herdeiros de um passado de glória que os tornaria possuidores de um valor cultural diferenciado.

Esse valor cultural cultivado pela elite letrada maranhense foi bem representado por Arthur Azevedo ao falar sobre Gonçalves Dias:

Era um genio gigante, um astro lucido!...
 qual de Homero, Virgilio, Tasso, dante
 seu estro fulgurava!...
 no berço deu-lhe Apollo a poesia!
 Poeta, - fez-se rei da melodia
 que os cantos lhe adornava
 (...)
famosos pantheons se edificarão
em Athenas e Roma bellicosas
 aos Deos das harmonias:
 Pois bem! O Maranhão ao mundo culto
 mostrar vem orgulhoso o grande vulto
 do seu Gonçalves Dias²³⁰.

²²⁹ LEAL, op. cit., p. 551.

²³⁰ LEAL, op. cit., Tomo III, apêndice, p. 504 (grifos meus).

A edificação de “pantheons” para a elite letrada do Maranhão, ora representada por Gonçalves Dias, foi a etapa final da construção de uma imagem de singularidade cultural que teve seu início no culto a excepcionalidade dos letrados e de suas obras, bem como na louvação dos elementos que fariam do Maranhão uma província destacada no cenário imperial em razão de seus “muitos talentos literários”.

A história da elite letrada maranhense contida nas páginas do *Pantheon Maranhense* e em especial na biografia de Antonio Gonçalves Dias mostra a passagem à glória intelectual em razão das trajetórias poéticas, mostra o medo dos letrados de perder as glórias em razão da morte dos seus notáveis, mas acima de tudo tenta firmar no seio dos letrados maranhenses um valor cultural: “poderão de ora em diante tirar-nos tudo, menos esta gratíssima sombra do pórtico de Athenas”²³¹.

Consagrou-se, assim a noção de que, no Maranhão, as projeções sobre o futuro das gerações letras maranhenses deveriam ser construídas à sombra das glórias de ilustres letrados como Antonio Gonçalves Dias e os representantes do grupo maranhense e ao mesmo tempo de um suposto passado de glórias que teria feito a cidade de São Luis adquirir o epíteto de Atenas brasileira.

²³¹ LEAL, op. cit., p. 551.

3. **O Timon²³² maranhense e o Pantheon de Athenas: escritos sobre a história e crítica social sob a pena de João Francisco Lisboa.**

*Sob a História, a memória e o esquecimento.
Sob a memória e o esquecimento, a vida.
Mas escrever a vida é outra história.
Inacabamento.*

François Dosse.

Antonio Henriques Leal, com a escrita do seu *Pantheon Maranhense*, objetivou caracterizar a sua província natal como uma verdadeira “fábrica de Heróis”²³³. As estratégias que fez uso o biógrafo das “celebridades literárias” maranhenses são indicativas do tipo de memória que o literato quis forjar para a província do Maranhão. As louvações aos talentos literários da província e instituição de um culto a memória póstuma dos letrados maranhenses foram os principais artifícios narrativos que Henriques Leal utilizou para consolidar essa espécie de culto as grandezas culturais da terra maranhense.

Como que por estratégia de auto-afirmação da elite letrada do Maranhão, Gonçalves Dias foi erguido como o maior representante das glórias de sua província e para ele forjaram a imagem de o primeiro poeta romântico do Brasil ou ainda o emancipador da literatura nacional, representação que até hoje permanece.

Por outro lado João Francisco Lisboa, apesar da imagem de grandeza para ele também construída no *Pantheon*, é o emblema maior das fragilidades desse modelo de grandiosidade cultural e louvação dos méritos literários por parte de Antonio Henriques Leal, pois mesmo pertencendo à elite cultural do Maranhão procurava conservar uma postura mais crítica no que dizia respeito a essa exaltação incomensurável aos talentos intelectuais de sua província.

²³² Pseudônimo literário de João Francisco Lisboa.

²³³ Para François Dosse as biografias são escritas com vistas a produzir heróis. Dosse afirma que “O herói cristaliza em si uma simbolização coletiva. (...) A existência do herói é atestada pelo modo de enfrentar e vencer a adversidade ao preço de um sofrimento”. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Ed. USP, 2009, pp. 151 – 152.

Por um lado a narrativa de Henriques Leal representa João Lisboa como um exímio historiador e por outro contem omissões e lacunas que eram típicas de sua estética narrativa, mas que são indicativas da intenção do biógrafo em construir a respeito de João Lisboa a imagem que deveria ficar para a posteridade. A combatividade e a crítica social elaboradas por Lisboa sobre os costumes da sociedade maranhense não foram contempladas por Antonio Henriques Leal ao delinear o perfil do historiador maranhense em sua biografia no tomo IV do *Pantheon Maranhense*.

Se por um lado construir uma memória de grandeza para Gonçalves Dias e suas glórias foi uma estratégia que pretendia consolidar na cultura letrada maranhense a consciência de que eles eram herdeiros de um legado de excelência e glórias literárias; por outro lado a elaboração de um perfil mais filtrado para João Francisco Lisboa nos demonstra a preocupação de Henriques Leal em eliminar do discurso sobre as grandezas literárias da província as vozes que ecoavam na direção contrária de suas pretensões, como foi o caso de João Francisco Lisboa.

A biografia de João Francisco Lisboa foi publicada por Antonio Henriques Leal no tomo IV do *Pantheon Maranhense*, também em Lisboa no ano de 1875. O último volume do trabalho de Henriques Leal contém apenas três biografias de “maranhenses ilustres já falecidos”. As muitas enfermidades de que estava acometido o biógrafo maranhense em parte dificultaram bastante o empreendimento da escrita das biografias para compor o último tomo de sua obra.

Desde a análise do tomo I do *Pantheon Maranhense*, onde constam, principalmente, as biografias de Manoel Odorico Mendes e Francisco Sotero dos Reis, problematizamos os critérios que Henriques Leal usou para compor o quadro dos biografados em sua obra. A cronologia de mortes dos “ilustres” não foi nem de longe um critério e menos

ainda a ordem de seus nascimentos, visto que algumas das personalidades que figuram no *Pantheon Maranhense* não eram tão ilustres assim, isso por que a escrita do *Pantheon Maranhense* não foi uma despropositada homenagem aos homens ilustres da província do Maranhão, mas, o ato próprio de solidificar uma imagem de auto-afirmação para a elite letrada maranhense.

No Tomo I, por exemplo, há notícias biográficas sobre Manoel Odorico Mendes e Francisco Sotero dos Reis mesmo havendo entre eles uma diferença de seis anos entre as datas de suas mortes. Mas a compilação dessas duas biografias foi possível segundo o critério de ambos terem sido exímios cultivadores da literatura clássica, Odorico Mendes traduzindo os clássicos gregos para o português e Sotero dos Reis publicando um curso de literatura portuguesa e brasileira com bases claramente clássicas.

Com esse tipo de estratégia, o leitor que se debruçasse sobre o primeiro volume do *Pantheon Maranhense* seria conduzido pela leitura a pensar que na província do Maranhão todos teriam sido talentos literários de inexprimível valor e por sua vez justificaria a afirmação de que teria sido o Maranhão uma província diferenciada das demais do império do Brasil por seu rigor em cultivar o gosto pela literatura.

Esse tipo de estratégia narrativa permeou todos os quatro volumes da obra biográfica de Henriques Leal e em cada volume o autor procura afirmar essa suposta superioridade cultural maranhense de uma forma diferente, nesse caso destacando o gosto pelas leituras clássicas através das biografias de Odorico Mendes e Sotero dos Reis.

Essa idéia da abundância em talentos literários possibilitou o biógrafo maranhense compilar no tomo II escritos sobre personalidades que não tinham efetivamente o destaque que lhes era atribuído, mais que por sua ação política na província tiveram aos olhos de Henriques Leal algum destaque, haja vista serem os biografados em maioria membros do

partido liberal do qual Leal também era membro. A exceção a essa regra foram nomes como Gomes de Souza, Trajano Galvão de Carvalho e Bellarmino de Mattos.

Se for pensada no conjunto de seus quatro volumes, a obra sobre os “ilustres” do Maranhão adquire maior expressividade, bem como clarifica as estratégias usadas pelo seu autor para construir uma determinada imagem de superioridade cultural que deveria ficar para as gerações vindouras e também como evocação da memória dos grandes feitos dos maranhenses.

Se por um lado a construção de uma especificidade cultural poderia ser entendida como característica restrita aos meios letrados, como de fato era, a escrita da biografia de Gonçalves Dias, que trazia no seu bojo a imagem do gênio poético, exemplifica a criação de uma falsa idéia de que o gosto refinado pela cultura das letras era característica não apenas da elite maranhense, mas o traço cultural de um povo.

No caso da biografia de João Francisco Lisboa, Antonio Henriques Leal mantém as mesmas estratégias narrativas e recursos retóricos para forjar a imagem que deveria ficar a respeito de João Lisboa para a posteridade. Mais do que isso era na verdade o intento do biógrafo em sacramentar nos meios letrados maranhenses a noção de que aquela geração seria herdeira do legado intelectual de homens como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e João Lisboa. Homens representados em sua trajetória póstuma como gênios da escrita literária e exemplos que deveriam ser seguidos.

A maneira como Antonio Henriques Leal procedeu no caso de Gonçalves Dias, publicando sua biografia nas páginas iniciais das obras póstumas do poeta, embora em formato reduzido, se manteve com João Lisboa e sua biografia também foi publicada completa já em 1865 na parte inicial das suas “obras”, compiladas postumamente pelo próprio

Henriques Leal, apenas dois anos passados de sua morte, e ampliada para publicação no quarto volume do *Pantheon Maranhense*.

Com a publicação do ultimo tomo do *Pantheon Maranhense* Antonio Henriques Leal pretendia terminar a reconstrução das bases que sustentavam a elite letrada maranhense, afinal os letrados ilustres, que eram como que as lápides da elite letrada maranhense, estavam mortos. A trajetória de grandezas e glórias literárias da intelectualidade maranhense havia sido interrompida com a morte repentina de seus maiores representantes. A superioridade cultural da província estava como que por um fio, haja vista que seus ilustres representantes já não existiam mais. Nas palavras do próprio Leal:

A fatalidade pesava sobre o Maranhão! *Seus quatro maiores engenhos tinham desaparecido* em pouco mais de um anno e todos longe dos amigos e da patria, e sem acharem ate hoje – tres d’elles – sepultura na terra natal! João Lisboa, na capital do reino de Portugal, a 26 de abril de 1863, Gomes de Sousa em 1º de junho do mesmo anno. Odorico Mendes a 18 de agosto de 1864, em Londres, e por ultimo Gonçalves Dias, a 3 de novembro d’esse mesmo anno, tendo o oceano por sudario!²³⁴

Dessa maneira a escrita do *Pantheon Maranhense* pode ser entendida como a instituição do culto a memória dos letrados e de “seus grandes feitos”. Se não era mais possível ufanar-se dos méritos dos letrados maranhenses que adquiriam notoriedade nacional, era possível ufanar-se de seu legado e da obra que fora deixada para a posteridade. As vanglórias seriam dadas muito mais pelo fato da elite letrada maranhense pretender-se herdeira do legado poético dos homens ilustres do Maranhão, do que por ter sido a província o breco onde nasceram tantos talentos.

3.1. **O Timon maranhense no Pantheon de Athenas: o olhar de Antonio Henriques Leal sobre João Francisco Lisboa.**

²³⁴ LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illutres já fallecidos**. Tomo II. Lisboa: imprensa nacional, 1874, p. 140 (grifos meus). Ver nota 120 para outro aspecto dessa mesma passagem de texto.

João Lisboa nasceu na freguesia de Itapecuru-mirin²³⁵ em 22 de março de 1812, foi o primogênito de uma das famílias mais abastadas da região e foi a figura mais controversa de todas as que Henriques Leal biografou. Na condição membro da elite econômica e posteriormente também da elite cultural do Maranhão, Lisboa assumiu uma postura de crítica ao *modus vivendi* da elite maranhense que construía para si uma auto-imagem de excelência e excluía do ‘banquete do conhecimento’ todos os demais.

Ao escrever a biografia de João Francisco Lisboa, Henriques Leal tinha a tarefa de fazer parecer aos olhos de quem se lançasse à essa leitura que o biografado seria partícipe, colaborador e multiplicador das idéias de distinção cultural propagadas pela elite letrada maranhense.

O próprio Henriques Leal nos mostra qual seria o ambiente intelectual desta província que se ufanava de seus literatos, a que se lançavam os jovens maranhenses, como Lisboa, “sedentos” pelo saber: “Voltou aos onze anos com a mãe para a fazenda, sabendo o que então se aprendia nas nossas mal organizadas escolas primárias – ler, escrever, as quatro primeiras operações de arithmetica e a indigesta e defeituosíssima grammatica de Lobato”²³⁶.

Leal contrapõe à imagem das “mal organizadas escolas primárias” de São Luis a imagem de João Lisboa que indo para a capital maranhense estudar as primeiras letras, onde deixou “entreluzir desde logo pela prompta e clara compreensão e finura de espírito o que depois havia de ser”²³⁷. Leal pretende dar destaque ao “engenho privilegiado” que seria João Lisboa apesar das péssimas condições de educação na província maranhense.

²³⁵ Ao falar do local de nascimento de João Lisboa, Antonio Henriques Leal evoca a idéia de que o Maranhão seria naturalmente o berço de muitos talentos literários e corrobora a idéia difundida nos meios letrados maranhenses de que as características que singularizariam os letrados maranhenses não eram especificidades de quem os possuía, mas traço comum ao povo daquela província. Para Henriques Leal era o Maranhão (ora representado pela citada freguesia) “tão fértil em vigorosos talentos” por nele terem nascido Gonçalves Dias, Joaquim Gomes de Sousa e João Francisco Lisboa. LEAL, op. cit., tomo IV, p. 05.

²³⁶ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 06.

²³⁷ Idem.

Mesmo sendo filho da elite aristocrática maranhense, os primeiros anos de Lisboa foram sofridos como se ele fosse um despossuído, em razão de não receber de seus pais a ajuda que lhe seria devida. Voltando aos 15 anos para a capital da província lançou-se ao trabalho, “com tão diminuto pecúlio litterario, que *nem mais o exigiam n’aquella epocha* para a carreira commercial”²³⁸. Lisboa havia acessado um sistema educacional bastante deficiente, que oferecia precariamente o básico, chamado de “primeiras letras” e que não preparava adequadamente para as necessidades da sociedade na época, já que nem o que ele havia aprendido até então era exigido para a carreira no comércio.

Na biografia de João Francisco Lisboa aparecem as lacunas que o discurso de glorificação e ufanismo de Henriques Leal não pôde preencher. As disparidades de uma sociedade que tinha graves problemas quanto a instrução dos seus jovens e que mesmo assim orgulhava-se de que “seria muito para desejar, no interesse do progresso das letras que as suas irmãs a imitassem no amor ao estudo da língua materna e litteratura que della emana”²³⁹.

Não tendo conseguido conformar-se com a carreira que lhe fora proposta nos armazéns de São Luis, Lisboa rebelou-se “contra os hábitos de cega obediência e sujeição, que ainda então e ate bem poucos anos havia nas casas de commercio”²⁴⁰. Henriques Leal destaca ainda que impulsionado pelo vigor dos primeiros anos e pela rebeldia que lhe era peculiar, Lisboa lançou-se aos estudos de humanidades “cursando com sollicitude *as poucas aulas publicas*, que então havia”²⁴¹.

Antonio Henriques Leal faz da escrita sobre a vida de João Lisboa o cenário propício para tratar da própria história do Maranhão. Na verdade, a narrativa sobre a vida do publicista maranhense foi convertida por Leal em uma verdadeira bandeira de luta na defesa

²³⁸ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 07 (grifos meus).

²³⁹ SOTERO DOS REIS, Francisco. **Curso de Litteratura Portuguesa e brasileira**. Maranhão: typ. Bellarmino de Mattos, 1866, vol. I, p. XXI.

²⁴⁰ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 07.

²⁴¹ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 08 (grifos meus).

dos valores mais fundamentais à elite letrada maranhense. Por um lado, trata da história recente da província durante o século XIX, e por outro aborda o “passado de glórias” da província sob o pano de fundo do *Jornal de Timon*.

Apesar de Henriques Leal não declarar expressamente, movimentos políticos e sociais, como a Balaiada, ganharam as páginas do *Pantheon Maranhense* para que Leal pudesse defender o posicionamento político da elite maranhense frente às agitações sociais que tomaram conta da província maranhense nos primeiros anos do século XIX.

Antonio Henriques Leal assumiu um discurso mais moderado ao tratar das instabilidades políticas provocadas pela Balaiada ocorrida no Maranhão pelos anos de 1830. E declara:

Os espíritos de uma e outra parte irritadiços como sóe acontecer empós violentas agitações, consequência quase lógica da fraqueza e hesitações das minoridades, deram lugar a essa serie de sublevações que revolveram o império em todo o tempo das regências²⁴².

O destaque encontrado na narrativa de Henriques Leal é menos a insurreição popular e mais as façanhas de seu biografado, afinal a revolta da Balaiada foi trabalhada nas páginas do *Pantheon Maranhense* para que fosse possível dizer que a respeito da participação política nesses acontecimentos que havia um grupo de “homens que depois ocuparam posições altas na província e fora d’ela, [e que] assinaram no calor do entusiasmo essa representação, onde também já figurava o nome de João Francisco Lisboa”²⁴³.

Com o advento da Balaiada e a perseguição de algumas personalidades políticas, por parte das forças governamentais, acusadas de inflamar a população nas páginas dos jornais locais, como o caso de José Candido de Moraes e Silva, redator do jornal político *O Pharol maranhense*²⁴⁴, a arena de debates políticos então travados nas páginas da imprensa

²⁴² LEAL, op. cit., tomo IV, p. 09.

²⁴³ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 10.

²⁴⁴ LEAL, op. cit., tomo I, pp. 207 – 234.

maranhense ficou enfraquecida, “ate que Lisboa de impulso próprio e impellido por seus sentimentos patrióticos, publicou em 23 de agosto de 1832 o primeiro numero do *Brasileiro*, periodico (...) das mesmas idéias do *Pharol*”²⁴⁵.

Ora, se Gonçalves Dias foi erguido nas páginas do *Pantheon Maranhense* como o representante mais ilustre do rigor literário maranhense²⁴⁶, como um símbolo dos valores da elite literária do Maranhão, da mesma maneira Antonio Henriques Leal pretendia consagrar nas páginas dedicadas a João Lisboa uma imagem de exemplaridade, de engajamento político, de defesa de um padrão de moralidade e acima de tudo isso como o “pai da história do Maranhão”, já que Lisboa empreenderia o projeto de escrita da história de sua província natal. Nas palavras de seu biografo:

João Francisco Lisboa (...) veio firmar o alto conceito, que já delle formavam, e a que tinha por certo inquestionável direito, trazia em mãos uma ainda mais importante obra, *A História do Maranhão*, para o qual chegara a colligir com incansável trabalho e incessante diligencia grande copia de matérias tam bem dispostos e preparados, que é fóra de duvida para nos que o conhecíamos, que em poucos meses teria ajustado e assentado as peças, e dado a ultima de mão á sua obra predilecta²⁴⁷.

Lisboa procedeu de maneira diferente ao que era habitual na província do Maranhão. Era habitual que a juventude abastada da província fosse mandada para Portugal para realizar os estudos superiores²⁴⁸ e ao regressar ao império do Brasil desenvolvesse a carreira, geralmente jurídica, na corte do império e apenas regressando a província natal a passeios. Na contra mão desse costume Lisboa permaneceu em sua província natal até 43 anos²⁴⁹ onde desenvolveu com algum destaque a sua carreira e logrou crescimento no interior da elite política e intelectual maranhense.

²⁴⁵ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 14.

²⁴⁶ Ver o 2º capítulo deste trabalho páginas 06 – 25.

²⁴⁷ LISBOA, João Francisco. **Obras. Precedidas por uma noticia biographica pelo D.r Antonio Henriques Leal.** Maranhão: 1864, tomo I, Advertencia, pp. VI – VII.

²⁴⁸ Ver nota 87.

²⁴⁹ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 05.

Quem melhor esclareceu essa dinâmica da sociabilidade maranhense foi Graça Aranha, poeta pré-modernista, filho de Themístocles Aranha, importante membro da aristocracia local, que ao prefaciá-la uma edição mais recente dos trabalhos de Lisboa revela algumas importantes características sobre esse típico homem letrado oitocentista:

João Lisboa foi um dos expoentes dessa *singular cultura maranhense*, que se formou e se manteve serena no tumulto brasileiro. Foi o resultado de uma disciplina aplicada aturadamente em um espaço restrito dentro de um longo tempo. Das principais capitanias o Maranhão, chave da colonização do Norte, *era de todas a mais próxima de Portugal. As suas relações com a metrópole foram ininterruptas. A sua política, o seu comércio, toda a sua vida econômica dependia de Portugal. O Maranhão era o limite do Norte do Brasil que ignorava o Sul.* As suas elites formavam-se nos colégios e nas academias portuguesas. (...) Esse isolamento maranhense manteve-se até que a atração pela capital do império fascinou todo o Norte do Brasil. Ainda há cinquenta anos *havia maranhenses que viajavam pela Europa, e principalmente por Portugal, e jamais vieram ao Rio de Janeiro*²⁵⁰.

A biografia de Lisboa foi o pano de fundo de que se utilizou Antonio Henrique Leal para realçar essas e outras características da vivência cultural do Maranhão. Essa apreçoada singularidade cultural de que tanto se ufanaram e ainda se ufanam os letrados maranhenses tem a sua base de sustentação precisamente nesse distanciamento da corte do Império e conseqüente proximidade com Portugal, que foi a porta de entrada da Europa para os maranhenses.

Na história da literatura maranhense, desse período da segunda metade do século XIX, o caso mais emblemático dessa proximidade com Portugal e da manutenção de vínculos com a cultura portuguesa foi a publicação do *Curso de Litteratura Portuguesa e Brasileira*, por Francisco Sotero dos Reis. Isso em razão de que mesmo Sotero dos Reis, que foi aclamado como o mestre das gerações letradas maranhenses, tendo já destacado que havia chegado o período em que “a litteratura brasileira se separa com a nação da portuguesa a que até então se conservava unida”²⁵¹ a base comparativa de que fez uso, para conferir mérito aos

²⁵⁰ LISBOA, João Francisco. **Crônica do Brasil Colonial: apontamentos para a História do Maranhão; introduções de Peregrino Junior e Graça Aranha.** Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976, p. 43 (grifos meus).

²⁵¹ SOTERO DOS REIS, op. cit., vol. IV, p. 289.

letrados que estudou, foi toda ela de origem portuguesa e exemplificada em autores como Luis de Camões, Almeida Garret e Alexandre Herculano.

A evocação da proximidade com a Europa e da própria formação das elites Maranhenses nos centros educacionais de Portugal, bem como a manutenção de vínculos com a cultura portuguesa durante todo o século XIX e certo ar de desprezo pelas províncias do sul corroboraram durante muito tempo as idéias em torno dessa “singular cultura maranhense”.

Esses elementos nos permitem conjecturar que a dinâmica social do Império do Brasil era muito mais fragmentaria do que nos faz supor a historiografia que proclamou a homogeneidade cultural do império como plataforma de construção da nacionalidade e ainda que possivelmente durante a primeira metade do século XIX a nacionalidade que se pretendia em formação estava polarizada por um lado entre a corte do império e as províncias do sul e por outro lado as províncias do norte e as intensas ligações com Portugal.

Dessa maneira Leal transformou a biografia de João Lisboa, com a evocação dessas idéias, em uma verdadeira crônica de costumes do Maranhão e fez de sua narrativa o cenário de resgate desses princípios de auto-afirmação e vanglórias tão importantes para a elite letrada maranhense, posto que com o reconhecimento que logrou Lisboa foi feito membro das mais reconhecidas agremiações literárias do Brasil e Europa, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Real das Ciências, de Lisboa²⁵².

Graça Aranha destaca, por fim, a chave de leitura que melhor esclarece a obra de João Francisco Lisboa, quanto ao seu valor, e que também está presente em toda a narrativa de Antonio Henriques Leal, no seu *Pantheon Maranhense*:

O que interessa, em João Lisboa, é sua obra de historiador, sobretudo pelo sabor de crônica, que ela guarda delicadamente. Crônica de uma pequena terra. Em um período incipiente de formação nacional, mas que interessa e diverte como o

²⁵² LEAL, op. cit., p. 151.

romance político de uma época. *A sua história (...) aprofunda as causas e nenhum outro historiador do Brasil teve tão grande sentimento realista como esse cronista dos tempos coloniais e dos primeiros períodos do império.* É notável como João Lisboa procura apresentar as causas dos fenômenos sociais nas situações econômicas de que elas derivam²⁵³.

Esse perfil que Graça Aranha delineou sobre João Lisboa é precisamente o que encontramos em significativas partes do trabalho de Henriques Leal sobre o historiador maranhense. Afinal, as preocupações de João Lisboa com o passado do Maranhão foram o ensejo de que Leal necessitava para resgatar as tensões políticas em que o Maranhão estava mergulhado durante o período regencial e de que Leal pretendia construir outra leitura a respeito, mesmo passados quase cinquenta anos.

Contrapondo a este período de volubilidades e crises na política imperial, Leal constrói a imagem de um João Lisboa defensor da moralidade e da ética tanto na política quanto na vida cotidiana, que recusava os muitos favorecimentos políticos que a ele eram propostos, com destacada resistência as “paixões da vida política” que o conduziriam inevitavelmente a corrupção de seus valores, mas que pelo contrário o levaram a exercer duas legislaturas como deputado provincial, nos anos de 1834 e 1838, em que se ocupava primordialmente da instrução pública²⁵⁴.

Como estratégia narrativa Leal buscou no parecer de Francisco Sotero dos Reis as palavras que desejava deixar para a posteridade como sendo um juízo acertado sobre o então jornalista João Francisco Lisboa. Citando Sotero dos Reis, Leal afirma:

Entre todos esses vultos de talentos superiores que collocámos logar próprio n’esta espécie de galeria jornalística, o sr. João Francisco Lisboa, que *á força e lucidez de pensamento reuni em subido grau o vigor, a magestade e o colorido da expressão,* encarnando as suas concepções sob as formas ás mais apropriadas, vestindo-as dos trajos os mais adequados, ornado-as com os matizes os mais delicados, imprimindo-lhes os ademanos os mais expressivos, e animando-as para assim dizer com os traços da sua pena, *parece-nos ser o mais preeminente e grandioso vulto que se apresenta aos olhos do observador*²⁵⁵.

²⁵³ LISBOA, op. cit., p. 49 (grifos meus).

²⁵⁴ LEAL, op. cit., tomo IV, pp. 26 – 28.

²⁵⁵ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 35 (grifos no original).

A luta de João Lisboa pela moralidade do corpo social e seu engajamento na imprensa política local foram as principais marcas da trajetória de Lisboa em todas as áreas em que atuasse. Leal destaca, nesse sentido, a ação combativa de Lisboa contra as disputas de poder entre as províncias do norte e o poder central da corte do império, destaca a eclosão de movimentos de combate ao sistema de regências e aos métodos equivocados de escolhas dos presidentes de províncias, que contribuía para agravar as tensões do cenário político provincial, não apenas no Maranhão, mas estendendo-se ao império²⁵⁶.

A preocupação de Antonio Henriques Leal em descortinar certos segredos da história política da província do Maranhão deixa de ser, em diversos momentos, um pano de fundo da escrita biográfica sobre João Francisco Lisboa para por vezes provocar o distanciamento da narrativa do foco na trajetória do jornalista e historiador maranhense, mas aproximando sua escrita de uma defesa apaixonada dos méritos do partido liberal, de que Leal era membro, na formação da nacionalidade brasileira²⁵⁷.

Do ponto de vista de Antonio Henriques Leal, até quando Lisboa saiu pela primeira vez de sua província natal, em 1855, a trajetória do publicista maranhense foi representada como sendo primordialmente política, não se ocupando, em sua perspectiva narrativa, de nenhum assunto que não fosse a política do partido liberal e suas causas para a sociedade maranhense. Essa abordagem foi a principal ferramenta de que o biógrafo maranhense dispôs para compor a imagem de João Lisboa como o defensor da moralidade política e como aquele que seria capaz de colocar a política provincial em ordem, não fosse a traição de seus colegas de partido²⁵⁸.

Ao contrário do trabalho que fez ao escrever a biografia de Antonio Gonçalves Dias, em que a figura do poeta maranhense estava sempre no primeiro plano da narrativa e as

²⁵⁶ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 37 – 38.

²⁵⁷ LEAL, op. cit., tomo IV, pp. 40 – 60.

²⁵⁸ LEAL, op. cit., tomo IV, pp. 61 – 64.

questões de fundo eram tratadas sem obscurecer o que deveria ser dito sobre o biografado, Antonio Henriques Leal perde João Francisco Lisboa no Horizonte de sua escrita deixando-o esquecido por páginas inteiras apresentando-o como coadjuvante no cenário histórico que tenta traçar, como se na verdade pretendesse fazer uma crônica dos costumes políticos liberais da província do Maranhão, em que por acaso, figura João Francisco Lisboa²⁵⁹.

As preocupações do biógrafo Antonio Henriques Leal em tratar bem mais das ocupações políticas de João Lisboa ou das ocupações da política maranhense são indicativas de que alguns aspectos da trajetória pública de João Lisboa não seriam interessantes para Henriques Leal que pretendia construir a imagem de um Maranhão culto e instruído, afinal João Lisboa era quem denunciava as contradições de uma sociedade elitista e escravocrata que se pretendia melhor do que as demais do império²⁶⁰.

As páginas que em teoria foram dedicadas à biografia de João Francisco Lisboa, mas que na prática se tornaram uma louvação aos méritos do partido liberal no Maranhão, contribuíram para obscurecer os juízos sobre João Lisboa e em nada nos fazem lembrar o João Lisboa que encontramos nas páginas do *Jornal de Timon* ou das leituras de seus folhetins²⁶¹ publicados nos jornais maranhenses. Na prática Antonio Henriques Leal pretendia criar outro João Francisco Lisboa, distanciado da crítica social e próximo do obscurantismo da política provincial maranhense que o publicista tanto combateu.

²⁵⁹ LEAL, op. cit., tomo IV, pp. 70 - 76.

²⁶⁰ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 77. Quando a escrita sobre a trajetória de jornalista de João Lisboa chegou ao período em que o historiador maranhense efetuou, nos folhetins que escrevia nos jornais de São Luis, as maiores críticas quanto às contradições do modo de vivência da sociedade maranhense, esse evento foi descrito na narrativa biográfica feita por Henriques Leal com um rápido parágrafo e uma nota de pé de página que remetia o leitor a consultar os volumosos tomos da compilação das *Obras* de João Lisboa (1864-65), que causava no leitor uma sensação de pouca importância para o evento descrito, uma vez que logo o tema da política local era retomado.

²⁶¹ Os folhetins a que me refiro são: “A Festa de Nossa Senhora dos Remédios”, “O teatro São Luis” e a “Procissão dos Ossos”, todos publicados na íntegra no tomo IV das *Obras* em 1865 e no jornal *Publicador maranhense* em 1852; quanto ao *Jornal de Timon* trataremos dele mais a frente.

Mas ao contrario dessas proposições, e de acordo com Graça Aranha, “o que interessa, em João Lisboa, é sua obra de historiador”²⁶² e desse modo o perfil de historiador de Lisboa suplanta o de homem político que Henriques Leal tanto trabalhou para estabelecer, conforme descrito abaixo:

Incançavel no trabalho, tenaz nos estudos e nas investigações, de uma memória e reminiscência como bem poucos as teem, os breves ócios que lhe ficavam (...) davam os todos à cultura do entendimento com a leitura meditada da história e mais assumptos da litteratura, antiga e moderna, e de todos aquelles conhecimentos que illustram a quem tem sede de saber, e preparam os verdadeiros historiadores²⁶³.

O apego que Lisboa possuía quanto aos assuntos históricos foi para ele o mais frutífero por nessa área se concentrarem os seus mais importantes estudos e por outro lado o aspecto mais problemático a ser abordado pelo seu biografo, uma vez que as inclinações a que se lançava o historiador Lisboa eram opostas àquelas defendidas por Leal.

Em outras palavras: Antonio Henriques Leal estava preocupado em Forjar para João Lisboa uma imagem de homem preocupado com o engajamento político e com a edificação de pedestais de glórias para a elite letrada maranhense e seus proclamados “talentos literários”.

Contudo as inquietações de Lisboa eram de outra ordem buscando privilegiar os estudos sobre os índios e os africanos, a legislação sobre a catequese, a escravidão e a liberdade dos cativos, bem como os resultados dos princípios da escravidão²⁶⁴ em vez de tratar sobre a suposta singularidade que a elite letrada maranhense arvorava para si mesma, em suas estratégias de auto-afirmação e vanglórias de seus muitos “talentos literários”.

A personalidade e gênio difíceis do historiador João Lisboa não permitiam que ele observasse apático a degeneração política de sua província, ao contrário, “remordia-lhe

²⁶² Ver nota 252.

²⁶³ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 83.

²⁶⁴ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 135.

também a consciencia, como bom cidadão, assistir silencioso impassível ao *vergonhoso estado das cousas publicas*, que não só o pungia, senão o irritava”²⁶⁵.

Segundo Henriques Leal, Lisboa preocupava-se, em razão de seus estudos de história, em clarificar alguns pontos obscuros da história da sua província natal e lançou-se a publicação de alguns fascículos modestamente intitulados de *Jornal de Timon*, mas que na verdade eram estudos sobre a história do Maranhão no período colonial. Era 25 de junho de 1852, e estava ainda na província do Maranhão quando publicou o primeiro numero do jornal que trazia em seu bojo muito mais que “apontamentos, noticias e observações para servirem a História do Maranhão”²⁶⁶ mas um aprofundado estudo sobre a dinâmica política e econômica do Maranhão no período da colônia.

Pouco antes de partir de sua província natal em direção a capital do império do Brasil, Lisboa escreveu para Gonçalves, em razão dos estudos necessários a elaboração do *Jornal de Timon*, solicitando alguns volumes dos livros de atas e registros da câmara municipal de São Luis que haviam sido levados com Gonçalves Dias em uma de suas viagens. Em carta datada de 3 de fevereiro de 1854, Lisboa informou a Gonçalves Dias sobre as dificuldades que enfrentava em razão da ausência de alguns materiais e sobre os livros da câmara destacou que “a falta delles me tem causado e hade causar ainda grandes embaraços no trabalho que trago entre mãos”. Como solução ao problema Lisboa solicita os livros de registro da camara desde 1639 até 1809 e as cartas régias de 1648 até 1798 que deveria cobrir grande porção dos estudos sobre a política maranhense²⁶⁷.

Como complemento a documentação que necessitava Lisboa pede ainda ao amigo que lhe enviasse através de Antonio Henriques Leal outros conjuntos de documentos que

²⁶⁵ LEAL, op. cit., tomo IV, pp. 86 – 87 (grifos meus).

²⁶⁶ Esse é o título do segundo tomo das obras de João Francisco Lisboa que contem em sua totalidade os escritos do *Jornal de Timon*. LISBOA, op. cit., tomo II, 1865.

²⁶⁷ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1972, p. 20.

continham referências a história do Maranhão, como por exemplo, o segundo tomo da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que continham um manuscrito escrito pelo chanceler do tribunal da relação sobre o Maranhão em 1813; o terceiro tomo da mesma Revista do IHGB que continha em seu bojo uma mapa estatístico da população maranhense e que fora organizado por um dos secretários do governo provincial no ano de 1838; a obra do Visconde de Taunay – *Principaes successos políticos do Império do Brazil* – que continha uma referência sobre publicações de memórias históricas em diversas províncias do império com destaque especial a uma que Lisboa indaga se seria o Maranhão; e por fim um exemplar de um discurso feito sobre o Pe. Antonio Vieira e publicado em Coimbra pelo ano de 1823²⁶⁸.

Era já bastante conhecido no império por seus méritos literários o historiador João Francisco Lisboa quando saiu de sua província pela primeira vez em direção a corte do império. Em consequência da repercussão que alcançou com a publicação dos primeiros volumes do jornal de Timon ao chegar à capital do império já era João Francisco Lisboa conhecido da imprensa imperial.

Antonio Henriques Leal afirma que não foi sem razão que João Lisboa foi bem recebido por alguns dos mais importantes jornais da corte do império, como o *Correio Mercantil* e o *Jornal do Commercio*. Na tentativa de clarificar e evidenciar o mérito literário do seu biografado e isentar-se de elaborar ele mesmo qualquer parecer, Leal usa como estratégia narrativa a citação de pareceres e comentários que saíram nos jornais maranhenses e do Rio de Janeiro a respeito de João Lisboa e sobre seu trabalho, principalmente os que estavam relacionados à História.

²⁶⁸ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., pp. 20 – 22.

Citando referências do jornal *O Progresso*²⁶⁹, importante folha literária e política da capital maranhense, Leal corrobora o talento de seu biografado para os estudos da história, por ocasião da publicação dos primeiros volumes do *Jornal de Timon*:

A elegância. O vigor da phrase, a propriedade e oportunidade da expressão ahi se encontram unidos a um estylo agradável e corrente. Este novo trabalho do senhor João Lisboa não desmerece da *bem estabelecida reputação* do seu talento e instrução superiores. (...) O Jornal de Timon é um *protesto contra a corrupção e a immoralidade* da nossa epocha e do nosso paiz, um brado a favor das idéias generosas do progresso, liberdade e civilização, lançado no meio das luctas ignóbeis dos nossos partidos políticos. (...) bem vindo seja elle! Quando sua voz poderosa não consiga desarmar o vicio, e estimular os sentimentos da moral e dos bons costumes *n'esta malfadada terra*, sirva ao menos para levar ao coração daquelles que não estão ainda de todo corrompidos a seiva da virtude²⁷⁰.

Sobre essas estratégias de manipulação da memória e construção de uma imagem para o historiador João Francisco Lisboa, por parte de seu biografo, vale citar o que François Dosse disse sobre a validade da biografia como escrita das historias de vida e da função do biografo nesse jogo:

Zeloso de preservar o outro da finitude da existência, de arrancá-lo à extinção e ao ouvido o biografo estabelece um vínculo privilegiado com a morte que pode ir a extremos. (...) A relação biográfica conserva sempre certa ambivalência e o biografo surge ao mesmo tempo como embalsamador potencial e coveiro. (...) o biografo se aproxima de um dos expedientes essenciais que fundaram o gênero histórico, desse *histor* tido por Heródoto como *instrumento destinado a retardar, na escrita, o desaparecimento dos traços, da atividade dos homens*. (...) a biografia, como relato de vida, conserva essa relação privilegiada com a morte²⁷¹.

É exatamente essa a função de Antonio Henriques Leal ao escrever a história de vida de João Lisboa, impedir que as lembranças sobre ele desaparecessem. Dessa maneira, um recurso de que o biografo maranhense fez uso continuamente foi a citação de relatos de outras pessoas sobre João Lisboa, independentemente de em que base documental os relatos estivessem: cartas, jornais, livros, ensaios, tudo era válido.

Leal destaca ainda um parecer publicado no *Jornal do Commercio*, por ocasião da publicação dos fascículos do *Jornal de Timon*:

²⁶⁹ *O Progresso*, 1º de agosto de 1852, nº 58.

²⁷⁰ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 139 (grifos meus).

²⁷¹ DOSSE, op. cit., p. 114 (grifos meus).

Timon possui os dotes mais estimados do historiador, realçados pelas seducções de um estylo muito correcto e elegante, e por certa sobrançeria no dizer, que imprime nos seus escritos o cunho d'essa originalidade, predicado inseparável da intelligencia e do coração quando entregues ás suas próprias inspirações. A divisa do seu nobre escudo d'armas – *Periculum dicendi non recuso* – não podia ser mais dignamente escolhida, e de que Timon não se esquece um momento²⁷².

Já era chegado o ano de 1858, e João Lisboa não estava mais no Rio de Janeiro, senão em Portugal, em comissão pelo IHGB em pesquisas na torre do tombo e em outras bibliotecas portuguesas, como a Biblioteca de Évora, a fim de coletar lá a documentação referente ao império do Brasil em seu período de colônia, dando prosseguimento aos trabalhos iniciados por Gonçalves Dias²⁷³. Tão logo publicou outros volumes do Jornal de Timon, a notícia ganhou logo a imprensa, tanto no Maranhão como no Rio de Janeiro:

Um dos nossos mais notaveis escriptores, que se dedicou aos estudos historicos, o sr. João Francisco Lisboa, litterariamente conhecido pelo pseudonymo de *Timon*, está publicando agora na Europa um interessantissimo trabalho, a que deu o modesto título de *Apontamentos, noticias e observações para servirem a hitoria do Maranhão*.

De alguns capitulos que extrahimos, e cuja publicação hoje começamos, verá o leitor que *a obra de timon é mais profunda do que o indica este titulo*. Fazem parte do seu programma a analyse da legislação colonial, o systema primitivo de doações, seus inconvenientes, maõ exito e ephemera duração; o estudo dos regimentos dos governadores geraes, a constituição da magistratura e do clero; o que eram os senados ou camaras e as juntas geraes e de onde se originára o seu poder immenso; as classes e castas da população colonial (...) e muitos outros assumptos, todos importantes, todos dependentes de um grande estudo e de uma critica severa e profunda.

Este trabalho não tem só o merecimento de illustrar a historia do paiz sob o regime colonial: tem tambem o merito da occasião por que illucida pontos geraes de organização administrativa que entendem em todas as epochas e importam ao pensador politico que projeta qualquer systema de reforma na actualidade.

A critica historica, que tanto recommendou em França os nomes de thierry e de guizot, não tem tido entre nós um representante mais habil e consciencioso do que o Sr. Lisboa; ou antes foi elle quem primeiro tractou da historia patria com o gosto e systema daquelles abalisados escriptores.

*Se todas as provincias tivessem um filho tão dedicado como o Sr. Lisboa. A missão do Instituto Historico ficaria preenchida em poucos annos e com a perfeição desejavel*²⁷⁴.

²⁷² LEAL, op. cit., tomo IV, p. 140 (grifos no original).

²⁷³ “Outros cuidados, porém, o chamavam à Europa, sendo n'essas vistas auxiliado pelo nosso poeta, Antonio Gonçalves Dias, que pedira dispensa da commissão, que exercia em Portugal, d'investigar documentos e outros subsídios para a nossa história, e fazer extrahir copias para o Arquivo Publico e o Instituto Historico, indicando o nome de seu illustrado coprovinciano para substituil-o n'esse importante e afanoso encargo”. LEAL, op. cit., tomo IV, pp. 186 – 187.

²⁷⁴ **A Imprensa**. São Luiz, Sabbado 08 de maio de 1858; Anno II – nº 37, pag. 01. Também publicado em **Correio Mercantil**. Rio, 28 de março de 1858, nº 83; Ensaio também transcrito parcialmente em **Pantheon maranhense**, tomo IV, p. 141 – 142 (grifos meus).

Essa maneira de escrever bem própria de Antonio Henriques Leal tem em seu bojo o desígnio de postular que os méritos de seu biografado eram então conhecidos de todos e que de maneira alguma sua escrita teria o objetivo ou a necessidade de forjar para a posteridade uma imagem que excedesse a realidade. Por outro lado, destacar os méritos de João Lisboa como Historiador desvia a atenção que deveria ser dada as inúmeras críticas feitas por Lisboa a sociedade maranhense, fosse relacionada à política provincial ou ao simulacro da singularidade literária.

“Para rematar a physionomia do brasileiro que é reconhecidamente uma das glórias da nossa pátria”²⁷⁵ passamos ao juízo que escreveu Antonio Gonçalves Dias sobre João Lisboa, em carta à Antonio Henriques Leal²⁷⁶, escrita de Lisboa e datada de 12 de fevereiro de 1864:

Acho que é excelente, que ele prima no epigrama, naquele dizer faceto, alegre, espirituoso, um pouco chasqueador, (...) mas na escrita irrepreensível. (...) Acho incomparavelmente superiores aos outros, os seus primeiros folhetos, quando trata dos costumes políticos no Maranhão, que o são de todo o Brasil. (...) Em suma é um prosador de finos quilates, bom crítico muitas vezes, espirituoso quando o quer ser²⁷⁷.

Tendo já percorridos grande parte dos arquivos e bibliotecas da Europa e acometido de várias enfermidades, agravou-se o estado de saúde do historiador maranhense vindo a falecer no dia 26 de abril de 1863, na cidade de Lisboa. Antonio Henriques Leal findou seu ensaio biográfico destacando o objetivo central que o impulsionou a escrever a vida de João Lisboa: – “Poucos cidadãos dos nossos tempos podem emparceirar com elle na altura a que o elevaram os seus talentos e civismo”²⁷⁸.

²⁷⁵ LEAL, op. cit., p. 184.

²⁷⁶ É possível supor que Antonio Henriques Leal tenha propositadamente perguntado ao amigo Gonçalves Dias o que achava sobre a escrita e o trabalho de João Lisboa para fazer uso deste parecer nas páginas do *Pantheon* que dedicou ao historiador maranhense. Afirimo isso por dois motivos: 1) o tom de surpresa empregado por Dias no início da carta – “qual é o meu parecer acerca do estylo de Lisboa? Que demônios queres que eu te diga?”; e 2) Henriques Leal transcreveu grande parte da carta recebida do amigo poeta na sessão dedicada aos elogios ao mérito literário de João Lisboa.

²⁷⁷ ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, op. cit., pp. 386 – 387.

²⁷⁸ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 211.

3.2 “Apontamentos, notícias e observações para servirem à História do Maranhão”: a história do Maranhão sob o olhar de João Francisco Lisboa.

A crítica efetuada por João Lisboa, aos costumes sociais e políticos da sociedade maranhense, pode ser destacada como a principal característica da escrita empreendida por Lisboa nas páginas do seu *Jornal de Timon*.

Seguindo a mesma descrição adotada por Antonio Henriques Leal, podemos destacar que nos quatro primeiros volumes do *Jornal de Timon*, que correspondem também ao primeiro tomo das *Obras*, compiladas em 1864, João Lisboa tratou da política, abrangendo as eleições na antiguidade, na idade média, e até a sua contemporaneidade, fazendo um estudo comparativo das eleições nos tempos modernos com as eleições na sua terra natal²⁷⁹.

No primeiro volume desse trabalho em que destaca as eleições no Maranhão, Lisboa preocupou-se em fazer uma descrição importante sobre as instituições e sistema político na província do Maranhão, delineando os tipos de presidentes de província, tipos de candidatos, da imprensa envolvida nos processos de eleição na condição de voz dos partidos e por fim descreve a participação popular. Em outras palavras Lisboa elaborou nessas descrições um mapeamento profundo da elite política e intelectual no Maranhão e esboçou em linhas gerais qual era o seu comportamento frente às disputas de poder²⁸⁰.

Leal destaca ainda nas *Obras* que um importante aspecto dos costumes políticos do Maranhão narrados por João Lisboa seria a participação da imprensa local nos processos eleitorais. Leal mostrou que em tempos de eleição a efervescência política na imprensa se intensificava na medida mesma dos confrontos entre os partidos políticos, uma vez que os

²⁷⁹ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 87.

²⁸⁰ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 96.

órgãos de imprensa seriam como que o escape por onde fluiria a tensão partidária no Maranhão e mais ainda como mecanismos de exposição de todas as misérias da sociedade²⁸¹.

João Lisboa demonstrou crítica profunda quanto aos costumes políticos de sua época, que eram na verdade uma crítica direcionada a elite política no Maranhão, cuja postura estava balizada em trapaçás, agressões, subornos, corrupções, violências, falsificações, manipulações de resultados à portas fechadas, entre outras questões. Nesse sentido Lisboa pretendia descortinar as contradições da província cujos letrados gabavam-se do muito saber e em ataque a este sofisma afirma que:

A política nas províncias cifra-se toda nessas mesmas supostas frioleiras e trivialidades, nas intrigas, nos insultos ao poder que cahe, nas adulações ao poder que se ergue, no ciúme recíproco dos thuriferarios, nas banalidades das declamações, e na copia servil e ridícula das formulas políticas, inventadas para outros debates e outras arenas²⁸².

No segundo e terceiro tomos das *Obras*, que correspondem aos volumes 5º até o 10º do Jornal de Timon, as preocupações de João Lisboa mudam sensivelmente. Esta parte do trabalho do historiador maranhense aborda uma série de memórias históricas que remontam aos tempos coloniais na província do Maranhão²⁸³.

O segundo tomo das *Obras*, contem um importante estudo historiográfico em que João Lisboa confronta as principais obras escritas até então sobre o passado do Maranhão. Lisboa parte dos descobrimentos passando às invasões estrangeiras na província do Maranhão, comparando as invasões entre si e seguindo pela análise dos usos e costumes dos indígenas nas terras do norte do Brasil, assim como a participação do grupamento da Companhia de Jesus nos negócios coloniais, em que deu destaque a atuação de Inacio de Loyola e Antonio Vieira²⁸⁴.

²⁸¹ LEAL, op. cit., tomo IV, pp. 103 – 104.

²⁸² LISBOA, op. cit., tomo I, p. 194.

²⁸³ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 111.

²⁸⁴ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 112 – 113.

O tomo terceiro das obras de João Lisboa é igualmente rico de ilustrações sobre a história da província do Maranhão. Antonio Henriques Leal destaca ainda sobre este trabalho que “deleitam também estes pela natureza e importância dos assumptos, pela phrase ainda mais castigada, pela abundancia e pureza das fontes onde foi beber os documentos com que testifica os seus acertos”²⁸⁵.

Leal destaca como sendo a abordagem central deste volume das *Obras*, a avaliação da população colonial, o antigo sistema das doações, considerações sobre a legislação colonial, a revolta de Beckman, a volta dos jesuítas, as problemáticas da centralização do Governo imperial, mas principalmente a função das câmaras provinciais na organização política do império brasileiro²⁸⁶.

A questão priorizada por Antonio Henriques Leal não é apenas estabelecer um panorama da obra de João Francisco Lisboa e destacar de que teria se ocupado o historiador maranhense em seus estudos sobre o passado do Maranhão, mas contrapor aos problemas da política local uma província que deveria ser lembrada pela sua “singular cultura”, lembrada pelo seu amor as letras, apesar das suas profundas contradições sócio-econômicas.

No quarto tomo das obras foram compilados os folhetins em que Lisboa descreve os costumes e hábitos culturais da cidade de São Luiz, as biografias de Odorico Mendes (originalmente publicadas na Revista Contemporânea de Portugal e Brasil) e a vida e obra do padre Antonio Vieira, além dos discursos pronunciados na câmara provincial quando foi deputado.

A polarização entre os objetos de estudos de João Lisboa e a maneira como o historiador maranhense compreendia a sociedade em que vivia e a forma com que o seu biografo descreveu esses fatos são indicativos de que através da biografia de João Lisboa,

²⁸⁵ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 123.

²⁸⁶ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 123 – 126.

Leal pretendia realizar uma espécie de filtragem dos fatos do passado do Maranhão que não corroborariam a imagem de uma província que deveria ser Lembrada pelos seus talentos literários.

Por um lado Henriques Leal queria construir a imagem de uma província que logo atingiria os primeiros lugares entre as nações civilizadas, em que o primor e zelo pelas letras e pela instrução seriam uma característica marcante. Contudo João Francisco Lisboa falava dessa província enfocando que não seria “crível que o patriotismo desinteressado, a nobreza e independência de character se alliem com as preocupações vulgares e inexoráveis da subsistência, em indivíduos que não tem outra profissão e meio de vida senão a politica”²⁸⁷.

Se por um lado Antonio Henriques Leal destacou que “*é sem contestação (...) que deve o Maranhão (...) merecer de alguns escriptores o mui lisonjeiro epitheto de Athenas brasileira*”²⁸⁸, por outro lado João Lisboa critica essa noção de singularidade cultural e indaga a seus leitores sobre sua condição “singular” no império: – “e vós, ó athenienses, queria dizer ó maranhese! *Que é que offereceis para compensar e resgatar a humilhação das vossas misérias políticas e eleitoraes?*”²⁸⁹.

João Lisboa sinalizou um aspecto importante das construções culturais na província do Maranhão, qual seja, de compensar suas profundas problemáticas sociais com a construção de epítetos e lisonjas para si mesmos através da ação de sua vangloriada elite letrada. Lisboa aponta na direção aposta a que foi seguida por Leal, confrontando a louvação desmedida aos talentos letrados da província, e suas estratégias de auto-afirmação, com uma realidade social bastante adversa.

²⁸⁷ LISBOA, op. cit., tomo I, p. 414.

²⁸⁸ LEAL, op. cit., tomo I, p. 03 (grifos meus).

²⁸⁹ LISBOA, op. cit., p. 156 (grifos meus).

Ainda no segundo tomo das Obras, que correspondem aos números 5 a 10 do *Jornal de Timon*, Lisboa realizou um estudo comparativo de tudo quanto se havia escrito até então sobre a província do Maranhão e escolheu as que mais se destacavam para a análise, sendo elas: *Jornada do Maranhão por ordem de Sua Majestade no ano de 1614*, por Diogo de Campos Moreno; *Anais Históricos do Estado do Maranhão*, por Bernardo Pereira de Berredo; *Compendio Histórico-Político dos princípios da Lavoura no Maranhão e seus progressos*, por Raimundo José de Souza Gayoso; *Estatística Histórica-Geográfica da Província do Maranhão*, por Antonio Bernardino Pereira do Lago; *Memória Histórica e documentada da revolução da Província do Maranhão desde 1839 até 1840*, por Domingos José Gonçalves de Magalhães²⁹⁰.

A escolha de tais obras por Lisboa não foi sem critério. Desde a sua fundação até a primeira metade do século XIX, esses eram os trabalhos a que o interessado deveria se remeter para saber alguma coisa sobre a história da província do Maranhão. Lisboa ao analisar o conteúdo e abordagem desses livros realiza uma verdadeira ruptura na história do Maranhão e estabelece um novo padrão de análise da história naquela província.

Lisboa afirmou que “nenhuma dessas obras pode satisfazer actualmente a curiosidade e espectação do publico” e mostrou nas páginas do *Jornal de Timon* o porquê da afirmação. Lisboa disse sobre os *Anais* de Berredo que, apesar de ser uma das mais importantes obras escritas sobre a história da província e trazer em seu bojo algumas breves informações sobre a geografia e população do estado, a obra “não passa de uma simples chronica de acontecimentos, militares, religiosos e políticos”²⁹¹.

Lisboa descortinou a principal estratégia narrativa adotada no Maranhão para escrever a história da província, ou seja, demonstrou através do estudo dessas obras que os

²⁹⁰ LISBOA, op. cit., tomo II, p. 09 – 11.

²⁹¹ LISBOA, op. cit., tomo II, p. 11.

atores destacados se empenharam em repetir uns aos outros, isto é, sem a exposição de novos fatos, ou estudo mais aprofundado em nova documentação, as obras se sucederam umas após outras trazendo em si a repetição da mesma estrutura dos fatos até então narrados. Lisboa destaca ainda que Berredo repetiu Diogo de Campos, Gayoso repetiu Berredo, Perreira do Lago repetiu Berredo e Gayoso e Gonçalves de Magalhães faz uso abusivo desses anteriores em seu estudo reproduzindo em certa medida alguns juízos sobre a província que eram a muito repetidos nas obras sobre a história.

Contudo a questão principal para Lisboa era não apenas a pouca profundidade das obras escritas sobre o passado da província, mas que “a contar de 1718, epocha em que terminou a crônica de Berredo, até os tempos modernos em que a imprensa vulgariza tudo, pouco ou nada se sabe sobre a história do Maranhão” e destaca ainda que esse período estava marcado como “um grande século de obscuridade”²⁹².

A análise que Lisboa realizou sobre o passado do Maranhão em nada corrobora a idéia difundida por Antonio Henriques Leal de que o Maranhão seria uma província rica em muitos talentos literários. Mesmo se destacarmos a diferença de tempo existente entre os períodos estudados por um e outro escritor, o período descrito por Leal no cenário de suas biografias foi caracterizado por Lisboa como sendo marcado por misérias e corrupção e não pela riqueza literária propagada na narrativa de Henriques Leal. Na verdade, para Lisboa, o Maranhão do período imperial era herdeiro direto das crises e contradições do Maranhão do período colonial.

De posse desses argumentos Lisboa destacou qual seria o seu objetivo na análise de tais obras, que não seria escrever uma *História Geral do Maranhão*, mas, tão somente “coligir, refundir, reduzir e comparar o que anda disperso ou disparatado nos autores que

²⁹² LISBOA, op. cit., tomo II, pp. 22 – 23.

acabamos de indicar”, sem, contudo, pretender preencher as lacunas encontradas nessas obras ou tão pouco pretender compor material para uso futuro²⁹³.

Em meio à recomendação de seu trabalho Lisboa indaga: – “qual é o mérito real desses trabalhos históricos, restritos ao Maranhão, a nos temos dedicados?”²⁹⁴. Lisboa responde citando Gustavo Planché e afirma:

Os novos documentos renovam as vezes a physionomia de um seculo. Talvez o presente opúsculo sirva a provar a verdade dessa ultima asserção, pois nos lisonjeamos de que o leitor encontrará n’ella acerca da nossa história o que ainda não lhe havia dito nem Berredo, nem algum outro cronista da mesma eschola. Além de que, uma boa parte do que escrevemos a propósito do Maranhão é applicavel ao Brazil todo²⁹⁵.

O mérito do trabalho de João Lisboa consistiu em que já no século XIX o maranhense abordou a dinâmica dos monopólios comerciais e industriais na economia colonial, o sistema de contribuições, organização fiscal, a tendência a centralização do governo metropolitano, bem como as corrupções inerentes a essa organização²⁹⁶. Lisboa destacou ainda o estado precário da organização política da colônia nas províncias e enfatizou o estado de profunda miséria em que se encontravam, com destaque de que ainda no século XIX aquela estrutura excludente e os procedimentos sociais de que dela advinham ainda tinha algum espaço na capital maranhense. Dessa maneira Lisboa enfatiza:

A educação e instrução civil e moral do povo era nenhuma; a da classe dos nobres e cidadãos quasi nulla. Tudo se reduzia a umas praticas religiosas meramente exteriores, e a poucas escholae elementares regidas pelos jesuítas. Ao desenvolvimento da intellectualidade punham-se estorvos, perseguindo-se nas devassas os homens versistas, como fabricantes de satyras e pasquins contrários ao decoro dos governantes²⁹⁷.

No lugar das inúmeras glórias literárias de que falava Henriques Leal, Lisboa diagnosticou a existência de uma profunda crise política social identificada na província do Maranhão, ou seja, se Henriques Leal enfoca a elite política e intelectual do Maranhão como

²⁹³ LISBOA, op. cit., tomo II, p. 24.

²⁹⁴ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 13.

²⁹⁵ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 14.

²⁹⁶ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 124.

²⁹⁷ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 175.

sendo a portadora das glórias de que a província deveria se orgulhar, Lisboa por outro lado objetivou demonstrar as fraquezas daquele modelo de sociedade baseado na diferença e na exclusão, em que a corrupção e as misérias da elite política direcionavam a trajetória dos eventos políticos na província. Lisboa destaca que essa abordagem deveria ser feita com base

Em um estudo mais longo e refletido (...) na nossa infeliz pátria [que] obriga-nos hoje a desdizer-nos, e a reconhecer que a um século de completo abandono, seguiu-se no Maranhão século e meio de um governo tão inepto, absurdo e impotente nos seus meios e princípios, quanto estéril e funesto nos resultados²⁹⁸

A abrangência do trabalho de João Lisboa em mapear a organização social do Maranhão chegou até as classes mais altas da pirâmide social maranhense. No objetivo de definir quais seriam os papéis sociais dos altos escalões da política no Maranhão, Lisboa sinalizou a importante função desempenhada pelas câmaras municipais, também chamados de senados, na regulação da estrutura econômica e política do “sistema colonial” ao mesmo tempo em que dela provinha um substancial nível de status e diferenciação social, conforme demonstrou o próprio João Lisboa:

Um dos phenomenos mais extraordinários que nos offerece a história do regimen colonial, é sem duvida a grande expansão do elemento municipal, ou melhor o immenso poder político que se arrogam os senados das duas cidades de São Luiz e Belém, e, á volta delles, a classe de nobres de que sahiam os seus membros²⁹⁹.

Ao tratar da formação social do Maranhão é marcante a maneira como um e outro escritor, tanto Lisboa quanto Leal, abordam a estruturação dos grupos sociais na província. Leal, conforme já dissemos antes, privilegiou uma abordagem elitista da sociedade e destacou primordialmente os “talentos” literários que seriam abundantes nas terras maranhenses. Lisboa Por outro lado retira o foco de sua análise da elite política e intelectual maranhense e direciona-o aos índios, aos escravos e aos senhores de escravos que se degradavam em meio a miséria humana dos cativos. Assim o descreve Lisboa:

O captiveiro dos índios, salvo raríssimas excepções, nunca deixou de ser

²⁹⁸ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 177.

²⁹⁹ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 99.

acompanhado da profunda miséria dos senhores e dos escravos, e dos índios e africanos, alimentando a ociosidade dos senhores, deshonrou o trabalho e tornou por muito tempo, no passado como no presente, e ainda no futuro, dispendiosos e pouco productivos os diferentes processos das artes e da industria³⁰⁰.

É indispensável destacar que Lisboa não abordou esse assunto desinteressadamente. A relevância dessa abordagem para a análise histórica empreendida por Lisboa se deve ao fato de que para Lisboa o que era evidente na sociedade maranhense de então seria a presença do africano cativo ou liberto como maioria da população, e não a formação elitista construída por Leal na louvação dos “muitos talentos literários” da província. Em outras palavras a escrita de alguns eventos da história do Maranhão explorada por Lisboa trazia à luz que aquela sociedade era herdeira do escravismo e partícipe de todas as contradições que eram inerentes aquele sistema de gestão social.

De qualquer maneira, independentemente de que crítica tenha feito João Lisboa quanto ao passado do Maranhão e suas contradições, Leal tinha como objetivo consolidar para o historiador maranhense uma imagem de grandeza ao mesmo tempo em que faria a imagem construída ocupar na memória social o lugar em que estava posta a combatividade política e as críticas a sociabilidade maranhense realizadas por Lisboa.

Afinal se por um lado, Leal pretendia edificar a memória dos eventos sobre a elite política e intelectual maranhense, por outro, Lisboa demonstrava que aquela sociedade era composta não apenas de letrados e intelectuais, mas de um considerável número de despossuídos e desfavorecidos. Ainda assim Leal realizaria esse feito legando à posteridade a idéia de que:

O erudito maranhense, com a clareza de raciocínio e relevo de phrase, que lhe conferem jus indisputável a ser tido (sequer no conceito dos que devidamente avaliam taes predicados) por um dos mais primorosos prosadores da terra de Sancta Cruz. (...) insistindo por outra parte na procedencia e justeza de seu preparo, (...) tratando de commemorar em sucessivos estudos os nomes de alguns vultos mais preeminentes (...) que (...) se notabilizam pela cultura intelectual das sciencias e lettras. (...) a morte que lhe sobreveio, (...) deixou n'essa parte um vácuo, que se nos

³⁰⁰ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 142.

affigura difícil de preencher³⁰¹.

Antonio Henriques Leal por sua vez tratou esses preceitos de Lisboa sobre a história da província apenas como “arrasoadas críticas e bom senso” não dando notícias sobre os juízos que o historiador maranhense teceu sobre o passado “obscuro” de sua província. Por outro lado, Leal preferiu construir um panorama sobre as temáticas abordadas por Lisboa em seu trabalho em vez de explicitar os juízos do historiador maranhenses sobre a organização política e social de sua província, afinal ao tempo que Leal travava das grandezas literárias de sua terra, Lisboa preocupava-se em tratar dos índios e das arbitrariedades e corrupções da elite política maranhense³⁰².

Lisboa não pretendia comparar-se aos grandes gênios, que precisavam de pedestais alçados em glória para que o universo os contemplasse, ao contrário pretendia a atenção apenas de sua província, a que os seus estudos estavam destinados, para que por meio deles e do aprofundado estudo do passado, Lisboa e seus coprovincianos pudessem se conformar com o presente e esperarem um futuro melhor destacando ainda que esse resultado fosse facilmente alcançado se as misérias do passado da província fossem comparadas com as misérias do presente vivido pelo escritor maranhense³⁰³. Dessa maneira, Lisboa nos faz perceber um Maranhão bastante diferente daquele representado nas páginas do *Pantheon Maranhense*.

3.3 João Francisco Lisboa e a crônica dos costumes no Maranhão.

Antonio Henriques Leal disse a respeito de João Lisboa que “são commumente os escritos espelho polido, que refletem as paixões, os sentimentos íntimos e as virtudes de quem os concebe”³⁰⁴. No que diz respeito a Lisboa sua escrita sobre os costumes políticos e

³⁰¹ LISBOA, op. cit., tomo III, p. 144 – 145.

³⁰² LEAL, op. cit., tomo IV, p. 112 – 113.

³⁰³ Idem.

³⁰⁴ LEAL, op. cit., p. 189.

culturais no Maranhão estavam repletas das paixões e inquietações do historiador maranhense ao deparar-se com as contradições sociais profundas de uma província mergulhada no escravismo e com pequena expressividade, mas que arvorava para si títulos de distinção chamando-se a “Athenas brasileira”.

Se a maior parte da obra de Lisboa estava direcionada ao passado colonial da província do Maranhão, as abordagens que Lisboa fez de seu presente foram indicativas profundos dos abismos sociais que separavam os grupos de pessoas na sua província natal e ao mesmo tempo faziam da sociabilidade maranhense um conjunto tão complexo de posturas.

Nas *Obras* de João Francisco Lisboa, Antonio Henriques Leal compilou no quarto volume os escritos diversos de seu biografo, contendo nelas o estudo sobre Antonio Vieira e a Companhia de Jesus; a biografia de Odorico Mendes; os discursos parlamentares proferidos quando de sua legislatura de deputado; e os folhetins publicados nas páginas do publicador maranhense, em que Lisboa descreve detidamente algumas facetas da organização e estratificação social maranhenses.

O conjunto obra de Lisboa nos permite traçar um importante panorama histórico cultural sobre o Maranhão no período do império. A respeito deste panorama cultural Maria de Lourdes M. Janotti disse que:

A obra de João Francisco Lisboa não é uma manifestação isolada na literatura historiográfica, mas um dos elementos explicativos do processo onde se acham conjugados a independência recém-adquirida, a agitação interna das províncias na época da Regência, o respeito pela autoridade monárquica, as concepções culturais, as concepções culturais dos maranhenses da época, assim como a tradição da crônica, característica da mentalidade colonial em oposição às exigências “científicas” da historiografia moderna.³⁰⁵

Janotti ainda afirma que o elemento de definição da natureza das sociedades para Lisboa seria “fundamentalmente o comportamento que os grupos sociais adotam face a uma

³⁰⁵ JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **João Francisco Lisboa: jornalista e historiador**. São Paulo: Ática, 1977, p. 12.

atividade política determinada”, ou seja, a maneira como os grupos procederiam em circunstâncias conflitantes, permitindo a análise das atitudes individuais e indagando se estas corroborariam ou não a natureza dos eventos destacados.³⁰⁶

Um dos aspectos que mais se destacaram na obra de João Francisco Lisboa é o cunho moralista de sua escrita. Instigado por essas motivações, Lisboa se referiu a todas as classes sociais maranhenses, sem distinção entre elas, e atacou o comportamento dos indivíduos, dentro dos grupos sociais que estavam vinculados, demonstrado dessa maneira as lacunas da organização social maranhense e realizando uma crítica severa as classes dirigentes no Maranhão, quanto aos melhoramentos que não eram executados na cidade, argüindo entre outras questões sobre o distanciamento entre os papéis sociais que os indivíduos possuíam e as posturas que deveriam ser originadas desses papéis sociais e não aconteciam.³⁰⁷

O tom mais crítico, embora descontraído, com que descreveu as contradições da sociedade maranhense é facilmente encontrado nos folhetins que escreveu Lisboa, sendo de destacar três dos mais importantes, que narram os costumes da província: “Festa de Nossa Senhora dos Remédios”³⁰⁸, “Teatro São Luiz”. A “Procissão dos Ossos” não segue tanto este padrão, embora seja igualmente reveladora da visão que Lisboa tem sobre província.

João Lisboa destacou que a *Festa de Nossa Senhora dos Remédios* era a festividade mais popular realizada na província, já que festas de grande porte não eram muito comuns naquela província. Lisboa destaca que em razão da estrutura que oferecia essa

³⁰⁶ JANOTTI, op. cit., p. 120.

³⁰⁷ JANOTTI, op. cit., p. 125.

³⁰⁸ A versão original dessa publicação pode ser encontrada nas páginas do *Publicador Maranhense*, n.º 1173 de 15 de outubro de 1851 só não tendo sido utilizada em razão de seu péssimo estado de conservação.

festividade abrangia a todos os segmentos sociais e em razão disso era uma perfeita mostra dos “costumes e cenas da província”.³⁰⁹

Lisboa destacava ainda a necessidade de certos melhoramentos a serem realizados tanto na cidade como na organização da festa, para que nos anos futuros fosse aperfeiçoada e houvesse a satisfação “deste pobre e respeitável publico, que vegeta em tamanha e tão rigorosa dieta de tudo quanto pode alimentar e deleitar o espírito, os ouvidos, os olhos e todas as demais faculdades e sentidos da alma e do corpo”.³¹⁰

O objetivo central de Lisboa em descrever uma festividade publica era estabelecer um mapeamento dos costumes da cidade e ao mesmo tempo expor as lacunas de um propagado discurso de singularidades e excelências da província do Maranhão. Pois mesmo que a cidade fosse movimentada de grande agitação no comercio e os comentários na cidade não fossem a outros respeitos, as características da cidade e do povo que nela habitava continuavam as mesmas.

Lisboa denunciou, na verdade, a sociabilidade das aparências, onde “as bellas e os elegantes perdem o somno, imaginando os meios de melhor ataviar-se”, e ainda mais pela ansiedade de que logo chegassem à capital os navios que traziam “no seu bojo os chapéus, as luvas, os vestidos, (...) as sedas, as plumas, as rendas as fitas, as flores, as pomadas, os cheiros” e tudo mais que se faria uso a fim de ostentar a posição que usufruíam ou que almejavam.³¹¹

Lisboa expos uma infinidade de grupamentos sociais que se movimentavam em razão da festejada celebração e destacou “como invadem as lojas, as pretas, as cafuzas e as mulatas” a fim de satisfazer os gosto “esquisito e requintado” de suas senhoras e ainda “os

³⁰⁹ LISBOA, op. cit., tomo Iv, p. 537.

³¹⁰ LISBOA, op. cit., tomo Iv, p. 537 – 538.

³¹¹ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 538.

sapateiros, alfaiates, costureiras e modistas” que deveriam atender aos caprichos e vontades da elite ludovicense movida pela necessidade de ostentar seu posicionamento e se autoafirmar.³¹²

Este ponto de vista é corroborado por Janotti ao tratar do modo como Lisboa analisou a importância da descrição da festa e os comportamentos a ela associados:

Nesses folhetins, (...) salienta o acanhamento do ambiente urbano de São Luis, ressaltando a rudeza dos hábitos provincianos nos seus aspectos mais tangíveis. Vê os seus co-provincianos, como desprovidos de senso crítico ao darem muito valor a festas e espetáculos que em nada enriqueciam a vivência social.³¹³

Dessa forma, a descrição que Lisboa realizou foi reveladora de outros aspectos da sociabilidade maranhense, que não haviam sido antes contemplados nas descrições elitistas sobre a província, como foi o caso dos ensaios biográficos do *Pantheon Maranhense*, em que o seu autor fazia supor aos leitores que no Maranhão tudo seriam excelências e virtudes, tanto da terra como dos homens.

A sociedade ludovicense era um amálgama formado por sujeitos de diferentes grupamentos sociais, empenhados em diferenciar-se uns dos outros de todas as maneiras possíveis. O cenário da análise pretendida por João Lisboa estava pronto: por um lado havia os discursos sobre um pretense desenvolvimento das letras locais, e em oposição a isso, a falta de instrução e os hábitos rudes de um povo que a todo custo tentava imitar a sociabilidade européia, quer no vestir, quer no comer, ou em suas aspirações de futuro próximo.

Através da narrativa de João Lisboa a descrição da festa tornou-se de fato crônica dos costumes da província e exposição dos estamentos sociais em suas características mais específicas. Lisboa demonstrou que a festa cujo discurso pretendia congrega todos os segmentos sociais, era na verdade composta de dois atos: a festa externa e a festa interna.

³¹² LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 539.

³¹³ JANOTTI, op. cit., p. 127.

A festa externa era realizada pelo povo, “sem distinção de classes e condições” que se originava de todos os cantos da cidade para logo preencher “promiscuamente” os espaços do largo dos Remédios, “uns de pé, outros sentados em bancos e cadeiras, uns parados, outros passeando, aqueles fumando, estes devorando doces (...). Cada um vestido conforme seu capricho”³¹⁴ e em meio a uma poeira que a todos incomodava, dadas as precárias condições estruturais do centro urbano da cidade, tão carente de benfeitorias.

Lisboa ainda destacou o processo gradativo de elitização da festa e denunciou que mesmo havendo separação entre os setores abastados da cidade e o povo, as questões da festa que cabiam ao povo foram ano após ano sendo retiradas da liturgia festiva, sendo pregado certo refinamento das posturas e comportamentos em público, bem como a louvação a uma polidez de comportamentos e hábitos que eram apenas aparentes. Lisboa assim descreve esse evento:

Dantes se improvisavam no largo doze ou mais barracas, com toldos de lona, em que os amigos da alimentação succulenta e abundante iam abarrotar-se de costeletas, lombos de porco, tortas de camarão, escabeches, guizados de peixes e outras comidas desta feição.³¹⁵

Lisboa apontou para a postura de suposta polidez dos hábitos de todos, em razão de os organizadores da festa terem trocado a gastronomia mais popular por alimentos mais refinados e leves, que pretendiam introduzir como sinônimo de refinamento e polidez, que mesmo não fazendo parte da sociabilidade e dos hábitos dos ludovicenses estavam sendo implementadas forçosamente pelos setores abastados que queriam limpar a festa dos hábitos rudes do povo, mas que as escondidas “continuavam a concorrer as solitárias e envergonhadas barracas”³¹⁶.

³¹⁴ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 540.

³¹⁵ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 540.

³¹⁶ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 541.

Em contraposição ao refinamento e erudição dos letrados de quem a província se orgulhava ter por filhos, Lisboa expõe uma massa de gente que transformava uma celebração religiosa em uma festa da gula e da cobiça, em que todos os maus hábitos e costumes grosseiros do povo eram expostos sem maiores reservas.

Por outro lado a festa interna era realizada do lado de dentro da igreja e estava destinada aos abastados e personalidades da política local, embora continuasse no interior do templo a mesma mistura de gente que havia do lado de fora. A nave do templo estava reservada, ou na verdade era ocupada pelo povo que se dignava a entrar; “as brancas, as senhoras, a gente do grande tom, essas ocupam as tribunas, as janelas, e até mesmo os púlpitos que das salinhas assombradas, (...) deitam para o interior della”.³¹⁷

Lisboa destacou que da mesma maneira com que as classes altas evitavam o contato com o povo do lado de fora da igreja, do lado de dentro a estratificação e as divisões dessa complexa sociedade ficavam muito mais evidenciadas, já que os melhores lugares ficavam reservados para as pessoas com mais posses em detrimento dos despossuídos que ocupavam desregradamente a nave do templo.

Vê-se, por tanto, um cenário urbano e uma sociabilidade bastante diferente daquela forjada por Henriques Leal nas páginas do *Pantheon Maranhense*, já que a cidade a que Leal retratava era a cidade dos eruditos e da elite e não a cidade do povo. Em razão dessa diferença de perspectiva, Lisboa preferiu mostrar também os hábitos dos cidadãos dessa elite que se pretendia tão singular:

Silencio, e a postos! Os cânticos vão começar! Toca a encher os melhores logares. Os nossos cavalheiros, cuja cortezia é alias digna de um eterno renome, nem sempre dão a precedência ás donas e donzellas, como a razão e ordem concertavam. Elles também querem ver e ouvir³¹⁸.

³¹⁷ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 545.

³¹⁸ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 546.

Lisboa expõe as fragilidades dessa sociedade de aparências que se pretendia tão erudita e refinada, mas de que não se podia falar em estilos ou padrões de artes ou cantos, já que as práticas artísticas eram em grande medida imitadas dos centros europeus e da corte do império que não havia efetivamente um crescimento ou desenvolvimento cultural na cidade, “onde se aprende o francez de preferência, para cantar o italiano, e não fallar o portuguez ao menos toleravelmente”.³¹⁹

Das críticas a esta suposta polidez de hábitos e de costumes aparentes não escapou nem o poeta Gonçalves Dias:

No nosso próprio largo fluctuam bandeiras de mil cores, e de todas as nações; e as palmerinhas de aryry abanam ciciando, as comas verdes, sim, mas orphãs e nuas de sabias, que nem um só ouvi ali cantar, com magoa o digo, e com perdão do nosso insigne e inimitável poeta Gonçalves Dias³²⁰.

Em outro trecho, ainda, criticou a postura do poeta maranhense:

O nosso poeta Gonçalves Dias, dando o braço a umas senhoras, conversando alegre e satisfeito, sem deixar rever o menor vislumbre daquella melancolia e desesperação que nos vende em seus mimosos versos. Heide estimar que continuem as suas infelicidades³²¹.

Uma das intenções de Lisboa era claramente demonstrar a confusão e o reboiço social representados, então, pela festividade da santa que protegia os navegantes e pescadores. Essa demonstração foi elaborada com a intenção de evidenciar a diversidade de tipos de pessoas que circulavam pela cidade, “são brancos, pretos, mulatos, cafuzes, cabras, caboclos, mamelucos, quartões, oitões, e outras infindas variedades”.³²²

Essa crítica foi preparada por João Lisboa no desígnio de questionar o modelo de estrutura social proposto por Raimundo José de Sousa Gayoso, que era até então aceito como padrão. Nessa proposta de organização dos grupamentos sociais, a sociedade maranhense estaria dividida em dois grandes grupos: a maioria dos grupos sendo de ordem elitista e

³¹⁹ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 549.

³²⁰ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 556.

³²¹ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 560.

³²² LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 557.

aristocrática e os demais compostos de despossuídos. A elite aristocrática era composta por Reinóis, nacionais e portugueses, enquanto a maioria da população composta de despossuídos era formada por mulatos e escravos.³²³

Em outras palavras João Lisboa estava tentando demonstrar que a formação social do Maranhão era muito mais dinâmica do que fazia supor a sistematização proposta por Gayoso, e bem mais heterogênea do que a sociedade idealizada por Henriques Leal em que todos seriam literatos e amantes das belas artes e das letras. Janotti nos oferece uma importante característica desse panorama e destaca que Lisboa:

Considera São Luis uma cidade desprovida dos mais simples recursos de urbanismo e higiene, tratando ironicamente os seus comtemporaneos de “atenienses modernos”, que se deleitam com as belas paisagens das praias barretas de São Luis. Em todos os momentos (...) demonstram o retrato de uma cidade em decadência, que procura manter o antigo brilho adquirido no período áureo do algodão. Enquanto a maioria da população procura manter o sentido aristocrático das relações sociais, Lisboa representa a constatação dessa decadência.³²⁴

Se por um lado Lisboa iniciou a descrição da festa “narrando o mais agradavelmente” o que havia então presenciado, por outro lado a exposição dos costumes rudes e dos maus hábitos de seus co-provincianos, fossem eles aristocratas ou não, já enfadava e desacreditava o prosador maranhense quanto à existência de algum propósito louvável e digno de mérito por parte do povo do Maranhão, que em busca de ostentar a sua vivência de aparências desfrutava da festa de dos prazeres que dela fruía, mas sem atentar para a celebração que era o objeto da festa.

Lisboa, já descontente com as grosserias que eram peculiares dos maranhenses, apontou para a existência de uma completa ausência de controle ou ordem no largo da igreja dos Remédios, no qual todo aquele grupamento de pessoas, incluindo-se os aristocratas e seus escravos, produzia um grande tumulto e confusão.

³²³ GAIOSO, Raimundo José de Sousa. **Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura no Maranhão**. Rio de Janeiro; Livros de mundo inteiro: coleção São Luís, 1970, p. 115 – 121.

³²⁴ JANOTTI, op. cit., p. 127 – 128.

Lisboa lembrou que mesmo não havendo condições de que os lugares das pessoas fossem separados, todos se portavam de maneira que os grupos de indivíduos se distinguiam uns dos outros por suas afinidades e posses, sendo possível a identificação de cada grupo, contudo, o momento presenciado por Lisboa era de completa confusão, em que todos se confundiam no meio da multidão, “subindo, descendo, encontrando, abalroando” sem distinção de quem o fazia, já que o largo estava inteiramente preenchido pela diversidade populacional de São Luis, sendo “pretos, brancos, homens e mulheres, grandes e pequenos”, que gargalhavam, falavam, assobiavam, e cujo prazer “só era desbotado pela muita poeira”.³²⁵

A cidade chamada São Luis que foi alvo das críticas de Lisboa era exatamente a mesma à que Henriques Leal se reportara engrandecendo os méritos e as muitas glórias literárias, diferenciando entre as duas abordagens, que Leal não queria vislumbrar as contradições sociais e os desníveis culturais que tanto assombravam o Timon maranhense e em contrapartida preferia engrandecer os talentos intelectuais de sua terra no intento de camuflar a imagem decadente que ora se pintava sobre a cidade, através na narrativa de João Lisboa.

Antonio Henriques Leal desconsiderou em seu ensaio biográfico sobre João Lisboa, as características que mais marcaram a trajetória do historiador maranhense, que eram sua perspicácia e seu inconformismo, pois em detrimento do homem crítico e insatisfeito com o tipo de sociedade que o Maranhão se tornara, Leal atribuiu destaque ao homem “discreto, estudioso, de espírito scintillante, motejador engraçado no trato íntimo, cauteloso em suas apreciações e reações, leal e sincero”³²⁶, e assim forjava, tanto para São Luis como para João Lisboa, imagens que aludiam aos méritos e valores e que mascaravam as mazelas e insatisfações de uma sociedade e um povo decadentes em sua formação.

³²⁵ LISBOA, op. cit., Tomo IV, p. 568.

³²⁶ LEAL, op. cit., tomo IV, p. 197.

Lisboa atacou duramente essa sociedade que era rude de hábitos e que se pretendia a Athenas do Brasil: – “Era a Grécia, em summa, o Maranhão”³²⁷. Lisboa atacava a sociabilidade das aparências com o intuito de que os maranhenses se libertassem da letargia em que jaziam e dos sentimentos belicosos que os impulsionavam à competição entre si e as disputas de maior ostentação de posses e do ar aristocrático que arvoravam para si. Lisboa em tom satírico desfecha sua crítica mais dura em direção ao que a elite letrada maranhense mais prezava, a saber, sua suposta singularidade cultural: – “Ó atenienses, ó povo espirituoso e sem igual!”³²⁸.

Se no início da escrita da descrição da festa Lisboa pretendia narrar da maneira mais atrativa o que havia presenciado, à hora do término trazia consigo uma constatação não tão atrativa ou interessante como aquela que o motivara, e desenganado de que o povo de sua província natal pudesse adquirir alguns bons hábitos e tivessem algum zelo pela cultura do saber e das belas artes, entristecia-se pelo destino que se reservava aos provincianos do Maranhão, de que continuariam dormindo no letárgico sono da ignorância:

A tristeza que me salteou então, saltea-me novamente ao escrever nestas ultimas cansadas, e enfadasas linhas. Não há remédio, curvo-me ao destino inexorável, e já agora assignar-me-hei sem murmurar.
Timon, o misantropo.

³²⁷ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 609.

³²⁸ LISBOA, op. cit., tomo IV, p. 608.

Conclusão.

No processo de construção da identidade intelectual dos letrados no Maranhão, a publicação do *Pantheon Maranhense* (1873 – 1875) foi um marco importante na permanência das imagens de grandeza sobre o passado da província e de sua respectiva memória de excepcionidades literárias.

A obra de Antonio Henriques Leal foi um pretexto para reescrever o passado recente daquela província com vistas a forjar para as gerações vindouras um padrão interpretativo sobre a história do Maranhão bem como qual deveria ser ou teria sido o papel da intelectualidade na construção dessa imagem de glória. O *Pantheon Maranhense* pode ser dessa forma entendido como a última tentativa de que a elite letrada dessa província não fosse esquecida junto a seus feitos “heróicos”. Ao que tudo indica parece que este intento não fracassou.

A noção de um “Grupo Maranhense” abordada nesse trabalho e largamente difundida na historiografia da literatura foi primeiramente vinculada no *Pantheon Maranhense* e posteriormente difundida como um padrão de análise para a história da literatura no Maranhão. A perspectiva de que a singularidade cultural dessa província derivaria de sua alta intelectualidade, do bem falar e escrever a língua portuguesa, da forma correta e pura com que os seus poetas se expressavam, estava inserida no conjunto desses ensaios biográficos escritos por Leal.

Em outras palavras essa obra condensou todo um conjunto de construções culturais que estavam sendo forjadas pela e para a elite letrada maranhense durante o século XIX de maneira que os próprios membros desse grupo de letrados estivessem na dianteira desse processo.

Assim sendo, em vez de desconstruir a idéia de “grupo” defendida por Leal e aceita amplamente pela historiografia maranhense, preferi usar essa categoria para sinalizar

um importante aspecto da constituição do estatuto da história como disciplina durante os anos iniciais do século XIX, ou seja, se por um lado os letrados do IHGB tinham por projeto delinear os contornos da escrita da história nacional e os discursos que dela derivavam ao redor do instituto e assim centralizar culturalmente a nação que precisava ser centralizada politicamente, por outro lado as aparições de grupos letrados pelas diversas províncias do império nos indicaram que a unidade cultural que se pretendia forjar ao redor do instituto era apenas um projeto e não uma realidade, já que as tensões entre o instituto e as províncias avançaram até fins do século XIX, como o *Pantheon Maranhense* bem exemplifica.

Antonio Henriques Leal postulou em sua narrativa que foi em decorrência da ação dos letrados maranhenses que se pode delinear para a província o gosto refinado pela cultura e pela instrução, embora esse fosse um discurso falacioso, por um lado e auto-afirmativo por outro, mas que ganharam fôlego no cenário provincial maranhense graças ao resgate das trajetórias intelectuais desses letrados e da difusão de suas respectivas imagens póstumas.

O *Pantheon Maranhense* destacou com toda força qual seria o valor dos discursos póstumos sobre os letrados maranhenses na construção da identidade letrada local: os letrados seriam os expoentes de tudo quanto melhor havia na província. Contudo após a morte dos quatro notáveis do grupo maranhense instaurou-se uma lacuna na sociabilidade local que precisava ser preenchida afinal o que tornava o Maranhão diferente das demais províncias, na ótica daqueles letrados, era de que os maiores expoentes das letras nacionais eram maranhenses.

Estando Gonçalves Dias, João Lisboa e tantos outros mortos, de que se orgulharia a elite letrada maranhense? O que os tornaria especiais novamente? A resposta a essas perguntas foi dada por Antonio Henriques Leal com a publicação do *Pantheon Maranhense*, pois naquela nova circunstância as lembranças de glória dos letrados preencheriam a lacuna do orgulho maranhense. A elite letrada continuaria ufanando-se de seus talentos e grandezas,

mas na condição de talentos e grandezas póstumas, se gloriariam por causa de seu passado e viveriam o futuro com os olhos no passado já que os discursos sobre os maranhenses ilustres faziam da memória sobre esses letrados exemplos que deveriam ser seguidos.

Com o objetivo de cunhar para seus biografados imagens que os fizesse exemplos que deveriam ser seguidos pelo suceder das gerações Henriques Leal criou para os letrados do grupo maranhense imagens que os tornaria tão singulares quanto à província de onde eram originários: Gonçalves Dias tornou-se “o primeiro ou o maior poeta romântico do Brasil”; Odorico Mendes tornou-se “O Virgílio Brasileiro ou o Homero Português”; João Francisco Lisboa tornou-se “um historiador por excelência” e por fim Francisco Sotero dos Reis tornou-se “O mestre das gerações”.

Imagens construídas por Henriques Leal nas páginas do seu Pantheon e que foram reproduzidas e constituídas como discurso padrão sobre as personalidades intelectuais do Maranhão oitocentista. Nesse sentido o discurso de Leal sobre esses letrados tornou-se quase que institucionalizado no Maranhão e por muitos anos o único aceitável, representando certa hegemonia sobre outras estratégias explicativas sobre o passado do Maranhão, de modo que algumas dessas imagens ainda perduram não tendo sido por completo problematizadas.

Esse culto as grandezas culturais do Maranhão na verdade foi configurado como uma alternativa à complexa organização política e econômica da província e que impedia o seu crescimento, fazendo do Maranhão uma província de “segunda ordem” em vários aspectos. Dessa forma, para que fosse possível compensar as dificuldades do desenvolvimento econômico, a elite letrada criou o discurso das excepcionalidades das letras para que de alguma forma se distinguissem do restante do Brasil.

Esse culto dos talentos literários no Maranhão não teria sido a mesma coisa sem que nele figurasse “o maior poeta do Brasil”. A excepcionalidade da carreira poética de Gonçalves Dias deu fôlego para que se instaurasse na província toda sorte de vanglórias

fundamentadas no talento literário do poeta. Em outras palavras a simples existência de Gonçalves Dias enquanto um dos maiores poetas do Brasil possibilitou a composição do discurso de louvação aos talentos literários por parte dos letrados, pois louvar Gonçalves Dias era como louvarem-se a si próprios na condição de co-participantes do mesmo ambiente cultural: o Maranhão.

A trajetória intelectual do poeta maranhense sustentou por muito tempo a edificação das narrativas que objetivavam singularizar o Maranhão no conjunto das demais províncias do império, contudo após a morte trágica do poeta, a estratégia precisou ser mudada, afinal já não restava mais do que ufanar-se, pois o maior talento literário da província não existia mais.

Desta forma, em razão desse ufanismo necessário a perspectiva do discurso das proezas literárias mudou para o culto da memória póstuma dos letrados maranhenses, ou seja, a idéia de excepcionalidade que os letrados maranhenses construíram para si mesmo foi mais bem estruturada e ganhou mais força nos meios intelectuais após a morte de seus principais representantes no cenário nacional, pois a necessidade de evocação dos talentos passados era a única maneira viável para que a elite continuasse unida em torno de alguma coisa, nesse caso a construção de uma auto-imagem.

O discurso forjado por Antonio Henriques Leal estabeleceu na cultura letrada maranhense a noção de que tanto sua identidade como os elementos que os singularizavam no ambiente literário e cultural brasileiros seriam decorrentes da superioridade de seus talentos literários bem como da excelência de sua terra, isto é, de um Maranhão excepcional que existia apenas em suas estratégias discursivas.

O caso de João Francisco Lisboa e do discurso que foi escrito ao seu respeito foi o elemento que possibilitou a percepção de algumas fragilidades desse discurso de glórias e principalmente útil para diagnosticar qual a sua funcionalidade. Em outras palavras, o

discurso de Lisboa na perspectiva contrária da auto-afirmação da elite letrada maranhense foi indicativa de que a noção de grupo evocada por essa elite era um tanto frágil e não tão coesa quanto se difundia.

Contudo, a questão primordial a respeito desse discurso de grandezas culturais foi a consolidação do mesmo como modelo das ações culturais dos grupos letrados na capital maranhense após a publicação do *Pantheon Maranhense* e mesmo durante as duas primeiras décadas do século XX. Se a pretensão de Antonio Henriques Leal era de que a memória sobre a alta intelectualidade maranhense não se perdesse, pode-se dizer que ele atingiu o seu propósito.

Nesse sentido outra imagem a respeito do Maranhão foi definitivamente consolidada na província por causa do *Pantheon Maranhense: A Athenas brasileira*. Esse aspecto de constituição da identidade maranhense que se gestou durante a maior parte do século XIX, ganhou os seus contornos definitivos com a edificação dessa espécie de panteão de “semideuses” da literatura, chamado *Pantheon Maranhense*, e promoveu uma verdadeira mudança na organização social e cultural maranhense quando no início do século XX outro grupo de jovens letrados se dispôs a resgatar o legado perdido da Atenas brasileira arvorando para si o pendão de “os novos-atenienses”. Mas essa é outra história.

Referências

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Divisão de Publicações e Divulgação, vol. 84, 1964.

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1972.

BACZKO, Bonislaw. **Os imaginários Sociais**. Lisboa: Enciclopédia Einald, Casa da Moeda, 1985.

BALDAN, Ude & SEGATTO, José Antonio. **Sociedade e Literatura no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

BANN, Stephen. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BASTOS, Elide Rugai, RIDENTI, Marcelo & ROLLAND, Denis. **Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França**. São Paulo: Cortez, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editores, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **“Terra e Céu de Nostalgia”: tradição e identidade em São Luís do Maranhão**. Assis-SP; UNESP - Programa de Pós-graduação em História. 2000. Dissertação de Mestrado.

_____. **A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no império Brasileiro**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado, 2009.

BOSI, Alfredo. **A história concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.

PARANHOS, Haroldo. **História do Romantismo no Brasil**. São Paulo: Cultura Brasileira, 1937.

BOURDIER, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: brasiliense, 2004.

BRANDÃO, Jacynto José Lins. **Presença Maranhense na Literatura Nacional**. São Luís: UFMA/SIOGE, 1979;

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

CALDEIRA, José de Ribamar C. **O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX**. São Luís: Academia Maranhense de Letras; Edições AML/Sioge, 1991.

CORRÊA, Rossini. **Formação Social do Maranhão: o presente de uma arqueologia**. São Luís: SIOGE, 1993;

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 6ª ed. Belo-Horizonte, Itatiaia, 1981, 2 vols.;

_____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. “Introdução – Lisboa e Tímon: o drama dos liberais no império”. In.: LISBOA, João Francisco. **Jornal de Tímon**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Construção da Ordem: a elite política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo: vol. 11, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006.

CORREA, Frederico José. **Um livro de crítica**. São Luís: Typografia Frias, 1878.

COSTA, Wagner Cabral da. **As “Ruínas Verdes”**: Tradição e decadência no imaginário social. Campinas: Mimeo, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. vol. II, 2ª edição. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.

DOLHNIKOFF, Mírian. **O Pacto Imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Ed. USP, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GAIOSO, Raimundo José de Sousa. **Compêndio Histórico - Político dos Princípios da Lavoura no Maranhão**. Rio de Janeiro; Livros de mundo inteiro: coleção São Luís, 1970.

GONÇALVES DIAS, Antonio. **Obras Póstumas**. São Luís: Typografia Teixeira, 1868-1869, 4 vols.

_____. **Primeiros Cantos**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1860.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 1, 1988, pp. 05-27.

GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HERCULANO, A. **Futuro literário de Portugal e Brasil**. In: O Progresso, nº. 31, 1848, pp. 02-04.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org.) **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **João Francisco Lisboa: jornalista e Historiador**. São Paulo: Ática, 1977.

JORNAIS MARANHENSES (1821- 1879). São Luís: Fundação Cultural do Maranhão - Biblioteca Pública Benedito Leite; SIOGE, 1981.

KODAMA, Kaori. **Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860)**. Tese de Doutorado. PUC – Rio de Janeiro, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **Memória**. Lisboa: Enciclopédia Einald, Casa da Moeda, 1985.

LEAL, Antônio Henriques. **O Pantheon Maranhense**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1873 – 1875, 4 vols.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia**. São Paulo, Ática, 1992.

LISBOA, João Francisco. **Crônica do Brasil Colonial: apontamentos para a História do Maranhão; introduções de Peregrino Junior e Graça Aranha**. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

_____. **Obras de João Francisco Lisboa**. São Luis: Typographia Bellarmino de Mattos, 1865, IV vols.

_____. **Manuel Odorico Mendes, biografia**. Lisboa. Jornal de Timon, 1858.

LOBO, Antonio. **Os Novos Atenienses**. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1906.

MALERBA, J. (Org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A velha história: teoria, método e historiografia**. Campinas: Papius, 1996.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. São Luís: Typografia Frias, 1870.

MAUUAD, Ana Maria. **Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado**. In: História da Vida Privada no Brasil. Vol. II. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, pp. 181 – 231.

MEIRELLES, Mário. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.

_____. **História do Maranhão**. São Luís: Imprensa Oficial, 1960.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: SIOGE. 1976.

_____. **Gonçalves Dias: vida e obra**. São Luís: ALUMAR, 1998.

NAXARA, Márcia R. C. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. 1ª. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004

NAXARA, Renata Regina Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade Romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Brasília: Editora UNB, 2004.

NORA, Pierre. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, dezembro, 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. 5ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARANHOS, Haroldo. **História do Romantismo no Brasil**. São Paulo: Cultura Brasileira, 1937.

PESAVENTO, Sandra J. (org.). **Escrita, Linguagem, Objetos: leituras de História Cultural**. São Paulo: EDUSC, 2004.

_____. **Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX)**. In: *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995, pp. 115-127.

RAMA, Angel. **A cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REIS CARVALHO, Antonio dos. **A literatura Maranhense**. In.: Biblioteca Internacional de Obras célebres, vol. XX. Rio de Janeiro: Sociedade Internacional, 1912.

RESENDE, Rafael Serra de. **Atenas Brasileira: representações sobre o mito (1840 – 1880)**. São Luis: Universidade Estadual do Maranhão, Monografia, 2007.

_____. **Da Ágora ao Pantheon: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão**. In.: Revista Outros Tempos, vol. IV, 2007, pp. 90 – 110. Disponível em <http://www.outrostempos.uema.br/volume4/7.doc>

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a idéia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins fontes, 2004.

SERRA, Joaquim. **Mosaico: poesias traduzidas**. Paraíba: Tipografia José Rodrigues da Costa, 1865.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOTERO DOS REIS, Francisco. **Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira**. São Luís: Tipografia B. de Mattos, 1868.

_____. **Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira**. São Luís: Tipografia B. de Mattos, 1873.

SPIX, Johann Baptist Von. **Viagem pelo Brasil: 1817- 1820**; tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte. Ed. Hatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

TRIBUZZI, José Pinheiro Gomes. **Formação Econômica do Maranhão: uma proposta de desenvolvimento**. São Luís: FIPES, 1981.

VALLE, Ferreira. **Maranhão**. In: O Progresso, nº. 44, 1850, p. 02.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954.

VEYNE, Paul. **Como se escreve história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UnB, 1988.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da Lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WELLER, René. **Conceitos de Critica**. São Paulo: Cultrix, 1863.

WHITE, Hayden. **Meta – História. A imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: Editora da USP, 1995.

_____. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)